

RAPHAEL DRACCON

CIDADES de DRAGÕES

LEGADO RANGER II



Fantástica
ROCCO

RAPHAEL DRACCON

CIDADES de DRAGÕES

LEGADO RANGER II



Fantástica
ROCCO

É recomendada a leitura do e-book *Cemitérios de Dragões* com a configuração de Fonte da Editora ativada.

*Para João Carlos Honório,
por ser herói até o fim.*

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Prólogo](#)

[1 - Virgínia, EUA](#)

[2 - Kigali, Ruanda](#)

[3 - Virgínia, EUA](#)

[4 - Kigali, Ruanda](#)

[5 - Virgínia, EUA](#)

[6 - Cabul, Afeganistão](#)

[7 - Virgínia, EUA](#)

[8 - Kigali, Ruanda](#)

[9 - São Paulo, Brasil](#)

[10 - Virgínia, EUA](#)

[11 - Kigali, Ruanda](#)

[12 - Paris, França](#)

[13 - Virgínia, EUA](#)

[14 - Kigali, Ruanda](#)

[15 - Virgínia, EUA](#)

[16 - Meio do nada, Irlanda](#)

[17 - Kigali, Ruanda](#)

[18 - Oceano Pacífico](#)

[19 - Paris, França](#)

[20 - Tóquio, Japão](#)

[21 - Portlaoise, Irlanda](#)

[22 - Paris, França](#)

[23 - Portlaoise, Irlanda](#)

[24 - Paris, França](#)

[25 - Portlaoise, Irlanda](#)

[26 - Kigali, Ruanda](#)

[27 - Castelo de Cashel, Irlanda](#)

[28 - Tóquio, Japão](#)

[29 - Kigali, Ruanda](#)

[30 - Tóquio, Japão](#)

[31 - Kigali, Ruanda](#)

[32 - Tóquio, Japão](#)

[33 - Kigali, Ruanda](#)

[34 - Tóquio, Japão](#)

[35 - Kigali, Ruanda](#)

[36 - Tóquio, Japão](#)

[37 - Kigali, Ruanda](#)

[38 - Tóquio, Japão](#)

[39 - Tóquio, Japão](#)

[40 - Tóquio, Japão](#)

[41 - Planeta Terra](#)

[Epílogo](#)

[Créditos](#)

O Autor

PRÓLOGO

NO FIM, RESTOU O FOGO.

O primeiro choque veio com a visão. Os primeiros a testemunhar foram os turistas, afinal, eram eles que olhavam para o céu. A mais de setecentos metros acima do mar, ao redor de uma das sete maravilhas do mundo moderno, estrangeiros registraram em imagens digitais um acontecimento histórico. Mais tarde, descobririam que a primeira foto compartilhada publicamente viera do celular do pai de uma família portuguesa de férias. Era apenas um borrão, mas a imagem seria propagada pelas redes sociais e transmitida em telejornais de todo o mundo. O grito inicial veio de uma turista romena em lua de mel, quando a primeira criatura de dez metros com garras, asas e cauda sobrevoou o Morro do Corcovado, rodeando as pessoas desesperadas.

A segunda criatura tinha nove metros, formato mais esguio e uma cabeça alongada, sustentada por um pescoço curto e espesso. Como se quisesse exibir sua envergadura, estendeu as asas, que tinham um tom anil ao longo das bordas.

E então uma terceira, ignorando os que corriam, se manteve planando acima das outras.

A quarta mergulhou no mar e subiu novamente.

A quinta e última pousou na estátua do Cristo Redentor.

Acomodando-se no ombro do monumento, de longe era a maior das cinco.

Com quase vinte metros, seu corpo lembrava um lagarto de proporções colossais. A pele escamosa remetia a metal, os olhos eram globos verdes incandescentes. Oito chifres se projetavam em uma face alongada e enrugada, com protuberâncias no queixo e maxilar. Uma crista repleta de nervuras se estendia pelo dorso, curvando-se para dentro, na direção da espinha. Um rufo largo se arrastava pelas falanges alares, e, como uma cobra, a criatura balançava a língua comprida. Com as asas fechadas, observou a cidade, ignorando o caos que se iniciava nas ruas. Aquele cenário passaria a fazer parte de todos os livros de História, ilustrando o início de uma nova era da humanidade. Uma mudança que obrigaria a raça humana a repensar tudo em que acreditava até aquele momento.



EM SEGUIDA, O CAOS.

Todas as atenções convergiam para onde aproximadamente oitenta mil pessoas festejavam. Jornalistas diriam no futuro que o barulho incessante do agito das pessoas foi o que atraiu a primeira criatura.

No Rio de Janeiro, dentro do Estádio Jornalista Mário Filho, a seleção brasileira de futebol disputava com a seleção uruguaia uma vaga para a próxima Copa do Mundo. Dezenas de jornalistas internacionais cobriam o evento ao lado da imprensa local, e as pessoas se concentravam na transmissão do evento. Em caso de derrota, dependendo da combinação de resultados de outras partidas, a seleção brasileira poderia pela primeira vez ficar de fora do torneio de futebol mais importante do mundo. Em uma partida disputada em casa e ainda em pleno Maracanã, contra aquele adversário, a apreensão alcançava proporções ainda maiores. Era com esse sentimento que, nos arredores da avenida Maracanã, centenas de famílias se reuniam diante dos televisores de tela plana. Em meio aos bares da praça Varnhagen, no bairro da Tijuca, torcedores brasileiros provocavam um grupo de uruguaio uniformizados, em clima de rivalidade. O jogo seguia violento. Pressionados pela imprensa e por torcedores furiosos, e incitados pelo adversário, os brasileiros se mostravam tensos e irritadiços em campo. Na metade do primeiro tempo da partida, mesmo os narradores locais, acostumados a se expressarem de maneira exagerada e ufanista em suas transmissões, pareciam frustrados.

Aos trinta e dois minutos de jogo, porém, tudo mudou.

A partida continuava sem gols, quando, em um momento de inspiração, um dos atacantes da seleção brasileira arrancou na direção do goleiro uruguaio, deixando para trás três defensores. Torcedores se levantaram nas arquibancadas. O atacante armou um chute. Olhos se arregalaram. O goleiro uruguaio se posicionou, afastando os braços. Prestes a saltar para defender o gol, escutou o grito do atacante, atingido por trás por um lateral uruguaio. O jogador brasileiro caiu no chão com expressão de dor, girando e se debatendo, mais parecendo ter levado um tiro. Quando se pôs de joelhos e ouviu o apito, viu o juiz perto da grande área apontar para a marca de pênalti.

O estádio explodiu em euforia.

Milhares de pessoas dentro da arena esportiva começaram a pular, a gritar e a agitar bandeiras, fazendo a estrutura estremecer. Do lado de fora do estádio, o sentimento crescia. A onda emocional se alastrou pelas transmissões para todos os estados de um país de mais de duzentos milhões de pessoas. No gramado, a penalidade não foi cobrada imediatamente. Ao expulsar o lateral que acertara por trás o atacante brasileiro, o juiz se viu em meio a uma confusão de empurrões, xingamentos e ameaças de todos os lados. A Polícia Militar teve de intervir quando membros de ambas as comissões técnicas invadiram o campo e começaram a trocar insultos.

Após a interrupção de alguns minutos devido ao tumulto, o atacante brasileiro

segurou a bola debaixo do braço e caminhou em direção à marca do pênalti. Os torcedores iniciaram uma canção de orgulho nacionalista. As câmeras fecharam o ângulo no jogador. E todos os narradores pediram a atenção de milhões de espectadores.

Foi quando a primeira sombra se espalhou pelo gramado.

Tudo aconteceu depressa; mas, para quem estava no estádio, a percepção do tempo foi diferente. A sombra contornou a grande área, como se fizesse parte do show. Milhares de pessoas começaram a apontar para o campo e a murmurar. Assim que olharam para o céu, a criatura deu um rasante. Pousando pesadamente, no centro de uma arena com câmeras transmitindo imagens ao vivo para todo o planeta, um réptil de escamas matizadas de anil se apresentou a um mundo que até então o considerava lenda. De súbito, a arena se calou. As pessoas, perplexas, olhavam umas para as outras sem saber se aquilo era real ou a melhor ação publicitária de toda a História. Milhares de câmeras e celulares foram erguidos para registrar o fenômeno. Parecendo um tanto fascinada com a atenção e o silêncio provocado, a besta analisou com seus olhos grandes os seres humanos mais próximos, tão surpresa quanto eles. Quando o primeiro tentou correr, ela esticou bruscamente o pescoço reptiliano, e seus dentes rasgaram três corpos em uma única mordida. Foi assim que as pessoas se deram conta de que aquilo era real. Todos observavam boquiabertos a poça de sangue que manchava o gramado, quando a segunda criatura desceu abruptamente em outra parte do campo e projetou a cabeça para cima, emitindo um som aterrorizante.

E o caos reinou.

Restara apenas o instinto de sobrevivência, o descontrole. Pessoas corriam por cima umas das outras como formigas.

Com nítido prazer, uma terceira criatura desceu no meio da arquibancada, rasgando e reduzindo com as garras um amontoado de gente. Do outro lado, a quarta criatura quebrou o vidro de um dos camarotes, enfiou a cabeça lá dentro e cuspiu pedaços de corpos em direção ao campo. Espalhados por cento e dez camarotes, empresários, celebridades e políticos derrubaram bandejas, tropeçaram em cadeiras e viraram mesas de cabeça para baixo. O pandemônio se tornou regra quando milhares de pessoas correram e tentaram passar por uma mesma entrada, esmagando umas as outras na saída. Adultos foram pisoteados, crianças se perderam dos pais. Mais de trezentas câmeras de segurança capturavam a fuga desenfreada da multidão, enquanto jornalistas se dividiam entre o medo e a luta pela sobrevivência. Grande parte dos locutores esportivos abandonou as cabines de imprensa e deixou os microfones capturando o som ambiente de pânico. Outros poucos, porém, permaneceram em suas funções, bradando em vozes trêmulas que aquilo tudo não era uma brincadeira nem um espetáculo com efeitos especiais.

No campo, os jogadores tentavam fugir. O réptil no gramado estalou a cauda e

arremessou longe oito uniformizados com as cores uruguaias. Adolescentes que atuavam como gandulas saltaram as muretas e seguiram na direção do vestiário. Policiais militares munidos de armas de fogo surgiram no gramado, e o som dos tiros apavorou ainda mais a multidão. As balas não causavam dano quando batiam nas escamas; pareciam apenas atijar e irritar as criaturas, que avançavam em movimentos surpreendentemente ágeis para seus tamanhos, abocanhando policiais. Era possível ouvir os ossos se partindo nos seus dentes. Uma das bestas, de escamas esverdeadas, sobrevoou a arquibancada, deu um rasante em linha reta com a bocarra aberta, lembrando um tubarão. E o que se ouvia ao fundo ainda era choro, grito e desespero. Tudo o que as criaturas queriam ouvir.

Era para isso que estavam ali.



DO LADO DE FORA DO estádio, as pessoas corriam, enlouquecidas. Algumas atravessaram as ruas sem pensar e foram atropeladas pelos carros. O som de pneus freando se uniu ao de buzinas frenéticas, metal amassando e vidro se partindo. As janelas se tornaram camarotes de cinegrafistas amadores. Policiais militares a cavalo tentavam trazer alguma ordem ao caos, mas as pessoas não ouviam, e mesmo eles estavam assustados com uma ameaça para a qual nunca haviam sido treinados. Bares fecharam as portas às pressas, e multidões esmurraram as entradas de aço, exigindo entrar. O trânsito deu um nó quando os carros começaram a bater uns nos outros. Helicópteros sobrevoavam o local com câmeras a postos, e canais de notícias do mundo inteiro interromperam a programação para mostrar imagens trêmulas das ruas cariocas. Repórteres gaguejavam e diziam qualquer coisa que passasse pela cabeça, ao tentar explicar tudo aquilo. As gravações mostravam pessoas correndo pela rampa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, debandando em direção às áreas de trem e causando congestionamento ao redor. Nem as cenas mais chocantes, em que os voadores devoravam pessoas, fazendo jorrar sangue e pedaços de corpos sobre outras foram omitidas. E então veio a imagem mais assustadora: um dos cinegrafistas sobrevoava uma das entradas do estádio, narrando sobre o transtorno nos arredores, e de repente gritou no microfone, estourando o áudio dos telespectadores. A imagem tremeu, a câmera girou e passou a filmar trechos picotados do interior do helicóptero, pés do repórter e o céu, como num filme de terror. Quando o cinegrafista conseguiu erguer a lente outra vez, o primeiro plano

da imagem revelava a face da quinta besta, os dentes à mostra. Em seguida, estática. Milhões de pessoas recuaram diante das televisões, como se a criatura tivesse avançado em cima delas. A hélice cortou um pedaço da frente da criatura, fazendo jorrar sangue vermelho. O helicóptero tomou sem controle, girando na direção da entrada principal do estádio, onde se localizava a estátua do Bellini, e as pessoas se desesperavam, gritavam e caíam. A estrutura metalizada despencou, esmagando inocentes e produzindo um estrondo que fez tremer a avenida Maracanã.

Sem se dar por satisfeito, o monstro resolveu descer.

Aportando seus vinte metros diante de uma população descontrolada, o réptil causou insanidade. A cauda estalou e pessoas foram arremessadas contra as grades. Como resultado, alguns dos que corriam para longe hesitaram e correram de volta para o estádio, chocando-se com os que tentavam sair. Por todo o lugar se ouviam guinchos, ossos se partindo e gemidos de pessoas morrendo. Carros tentavam fugir pelas brechas. Um motorista invadiu a calçada e acertou um grupo de pessoas. Parte da multidão enlouquecida quebrou o carro, arrancou o homem de dentro e o espancou. Alguns veículos conseguiram ultrapassar a criatura, mas uma mulher perdeu o controle e se chocou contra uma das suas patas. Irritada por causa da dor, a criatura perfurou com as garras o motor, ergueu o carro e o arremessou na direção de outros veículos. Um motoqueiro tentou se desviar, mas bateu e voou em direção à morte. Carros derraparam e caíram no rio Maracanã. Policiais começaram a atirar com fuzis, e civis se jogaram no chão, proferindo orações e implorando para não morrerem. O réptil esmagou alguns com as patas, subiu nos carros e afundou a carroceria com as pessoas dentro. E os tiros continuaram. Na televisão, âncoras e especialistas militares explicavam que, para uma ameaça como aquela, as tropas de elite do Exército Brasileiro deveriam ser convocadas a entrar em ação imediatamente. Contudo, era quase fim de ano.

As tropas estavam em recesso.

Uma unidade de elite da Polícia Militar, oriunda do Batalhão de Operações Policiais Especiais, conseguiu se aproximar com um Maverick blindado. Com quase três metros de altura, o carro-forte ainda parecia pequeno diante da criatura, e foi ignorado, até que a primeira bala de um fuzil calibre 7,62 x 51mm partiu de uma das seteiras e acertou um dos oito chifres da criatura, que saltou para perto do veículo. Outros helicópteros de imprensa passaram a transmitir o conflito ao vivo. Um dos policiais acionou uma metralhadora posicionada em uma montagem em pino e deu início ao som da guerra. Mesmo quem estava distante do conflito correu com as mãos na cabeça, sem saber de onde vinham as rajadas. As balas, quando batiam nas escamas, empurravam a criatura um pouco para trás, mas não a feriam profundamente. Algumas chegavam a ricochetear, e um civil teve a cabeça perfurada por uma bala perdida. Quando as

balas conseguiram passar pela armadura inerente e acertar a carne, a criatura grunhia monstruosamente. A cauda agigantada estalou em cima do blindado, que rodopiou sobre o próprio eixo, mas resistiu ao golpe. Lança-granadas de 40mm foram acionados e de longe ouviam-se as primeiras explosões. Fumaça, gritos, tiros, choro, detonações. A criatura por um momento pareceu surpresa com toda aquela reação. Carros da Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil do Rio de Janeiro frearam próximos ao blindado, e mais agentes correram com fuzis e submetralhadoras para se unir ao combate. O som era tão ensurdecedor, que um policial mal entendia o outro. O réptil se encolheu para se proteger. Finalmente parecia possível destruir ao menos uma das aberrações.

Envolvida pelas asas em uma posição retraída, de súbito, as partes sob as escamas rubras da besta pareceram se acender. Os olhos se tornaram brasas. As narinas exalaram vapor. E então o monstro subiu em um voo giratório, parando no ar diante da fileira de policiais.

E cuspiu o fogo.

O rastro incandescente desceu em forma de cone, carbonizando a pele de policiais por debaixo de coletes à prova de balas. Alguns morreram na hora, outros ficaram cegos instantaneamente, e outros correram, implorando ajuda, o corpo em chamas. Diante das câmeras de telejornais, um dos policiais incinerados se lançava no rio Maracanã, agonizando. O cheiro da carne queimada embrulhou estômagos, e alguns policiais chegaram a perder o equilíbrio e largar as armas, em pânico. E enquanto agentes ainda em choque tentavam se recuperar do contra-ataque da criatura, o monstro decidiu encerrar aquele conflito e voltou a se alçar aos céus. Um dos seus guinchos atraiu as outras quatro de dentro da arena e, juntas, elas voaram para longe dali, deixando seu rastro de morte para trás.

Em um cenário quase apocalíptico, havia carros batidos e destroçados, monumentos destruídos, pessoas caídas, machucadas e carbonizadas. E também fumaça, choro e lamentos, mas cada vez menos orações. Repórteres e jornalistas continuaram a transmitir ou retransmitir as imagens locais, tentando explicar o que acontecera. Não importava o idioma; a mensagem que todos eles enviavam ao mundo era a mesma.

Os dragões haviam chegado.



VIRGÍNIA, EUA
(HORAS ANTES)

– VOCÊ É COMO UM SUPER-HERÓI?

A pergunta viera de um agente governamental em um dos mais de dois mil cômodos do prédio blindado de cinco andares do Pentágono. A vestimenta formal consistia em terno e gravata, e a idade não ultrapassava ainda os quarenta anos. Naquele momento, estava sentado em uma mesa diante de um homem algemado. As algemas do interrogado, porém, não pareciam incomodá-lo. Com aproximadamente trinta anos, o prisioneiro tinha o porte, o corte de cabelo e os traços de um militar.

– Não – respondeu.

– Você se *considera* um super-herói? – insistiu o agente.

– Qual a diferença?

– É o que nós estamos tentando descobrir.

Na mesa havia uma xícara de café quente e uma pasta. Quando o agente abriu o arquivo, um nome foi revelado.

Derek Duke.

– Sabe o que é isto? – questionou o agente.

– A minha ficha.

– Você tem consciência então de que nós sabemos quem você é.

– Se sabem mesmo, por que me interrogam?

O agente segurou o riso.

– Porque nós sabemos quem você é, sargento! Mas não sabemos o que você se tornou...

Derek se movimentou pela primeira vez, incomodado. As algemas tilintaram, como se para lembrá-lo de que estavam ali.

– Eu vou reformular a pergunta – disse o agente. – Você se considera um herói?

– Eu me considero um soldado.

– Soldados são considerados heróis.

– Então agradeço sua consideração por mim.

O engravatado sorveu um pouco do café, fazendo questão de prolongar o som irritante. Olhou o sargento nos olhos, então pousou a xícara na mesa novamente e continuou:

– Sabe o que mais se espera de um soldado? Obediência. Ele segue ordens.

– Você também – disse Derek, acenando com a cabeça. – Apesar de não ser um soldado.

– De quem você segue ordens, sargento Duke? – O tom de voz do agente

engrossou um pouco.

Silêncio. Ao repetir, o tom se elevou ainda mais:

– De quem você segue ordens, sargento Duke?

– Quer mesmo saber que ordens eu sigo? Eu sigo princípios que serviram de base para constituições.

– É o que todos os ditadores dizem.

– Não – revidou o sargento, de maneira enfática. – Os ditadores usam esses princípios para justificar ações que hoje eu combato.

O interrogador inclinou o corpo para frente e cruzou as mãos sobre a mesa, os olhos ainda fixos no interrogado.

– E é aqui que começam os nossos problemas! – disse. – Você sabe por que nossos problemas começam aqui, sargento Duke? Porque soldados... soldados de verdade... fazem parte de organizações autorizadas a utilizar a força na defesa de países. De novo, defesa contra possíveis ameaças à segurança de uma nação! Ameaças como a que você está se tornando, sargento Duke!

– A única ameaça que vejo aqui é que você, além de interrogador, também parece gostar do papel de juiz.

O agente se irritou e bateu na mesa, fazendo a xícara tremer e o café transbordar no pires.

– Eu sou de uma alta patente do governo dos Estados Unidos da América! – gritou, fechando a expressão. – Represento três agências e quarenta e oito líderes militares que aguardam o resultado deste interrogatório. E são só esses que sabem da sua presença aqui! A questão na verdade é: quem é VOCÊ pra brincar de juiz nas situações em que anda se metendo?

Derek permaneceu em silêncio e voltou a se movimentar, incomodado. A cadeira rangeu.

– O que você quer? – perguntou o agente. – Quer que a gente te exponha, é isso? Eu dou um telefonema. Melhor ainda: eu acesso a internet. Cento e quarenta caracteres e de repente o mundo inteiro vai confirmar quem você é.

– Na verdade, você não pode fazer isso – desafiou Derek.

– Posso. Poder, eu posso – corrigiu o interrogador. – Você quer dizer que eu não *deveria*? E por que eu não deveria?

– Porque se você me expor, vai ter que explicar quem eu sou. – Uma pausa. – Repare bem: não vai ter que explicar quem eu me tornei e, sim, quem eu sou. E vai ter que falar sobre missões confidenciais. Sobre *falhas* em missões confidenciais. E também vai ter que explicar como um ranger americano, declarado morto pelo seu próprio governo, reaparece após uma missão fracassada, vestindo uma armadura de última geração e sendo tratado como ameaça por um engratado que aprendeu a digitar!

Houve um silêncio constrangedor, daqueles que antecedem a fúria.

– Você é um baita de um filho da puta, não é? – disse o agente.

– Pelo menos me visto melhor do que você.

Cadeiras foram arrastadas, a xícara e o pires caíram e se partiram, o café foi derramado, algemas tilintaram, portas se abriram e outros engravatados correram para segurar o interrogador que avançava para cima do algemado.

– Eles vão acabar com você, sargento! Eles vão acabar com você! – gritava o agente, enquanto o retiravam da sala.

– Eles, talvez. Você, não.

– Você é uma ameaça, está ouvindo? – gritou o agente. – Você não é um herói!

– Nenhum de nós é – concordou Derek. – Mas você sabe o que dizem por aí, não sabe?

Rangers lideram o caminho.



KIGALI, RUANDA

NÃO À TOA AQUELA ERA A TERRA DAS MIL COLINAS.

Localizada em cumes rodeados por vales e emoldurada por sequências de colinas verdejantes, a capital ruandesa apresentava as diferenças sociais já na arquitetura. Os bairros mais ricos ficavam espremidos por entre vales estreitos, enquanto os subúrbios se estendiam por encostas íngremes. Ao contrário de várias outras capitais africanas, Kigali não possuía o pandemônio de centenas de camelôs ocupando as calçadas, não havia lixo nas ruas e o trânsito fluía.

Uma estrada ao norte desembocava em uma zona montanhosa, cenário turístico, onde havia um parque que abrigava metade da população mundial de gorilas das montanhas, normalmente pacíficos e gentis. No entanto, naquela noite, os animais estavam assustados devido à explosão de um pássaro metalizado que tinha caído no solo depois de ser atingido pelo armamento ruandês. Na ocasião, uma equipe de soldados do país fazia a busca pelo intruso abatido.

– Unidade de Patrulha se aproximando – informou um dos soldados pelo rádio de um jipe em movimento, cruzando uma estrada maltratada.

– Aguardando reconhecimento. Mais dois líderes militares à espera.

O Parque Nacional dos Vulcões fazia fronteira com outros dois parques, um em Uganda, outro na República Democrática do Congo. Foi em Uganda que inicialmente detectaram o objeto voador e avisaram ao governo militar de Ruanda, que o abateu.

– O que diz a rainha? – perguntou o soldado no jipe.

– Para fazer o reconhecimento, mas, se possível, evitar confronto – foi a resposta. – Ao menos até ela chegar.

– Ela está vindo?

– E quando ela não participa?

O jipe freou perto de uma área íngreme da reserva ecológica. O outro parou logo atrás. Um grupo de doze soldados desceu e iniciou o trajeto a pé, armado com fuzis de última geração.

– Infravermelhos! – exigiu o capitão. Os soldados acionaram os visores, assumindo uma aparência futurista. – Formação.

Em formação, seguiram a trilha, alguns liderando, outros cobrindo os flancos dos que lideravam. Era forte o cheiro de orvalho. Podiam ouvir os gravetos se quebrando e a movimentação de arbustos em meio a trilhas lamacentas. Passaram por hortas e campos de plantio de batatas, pisando em raízes escondidas na terra. Vacas pastavam perto dos carreiros cavados, e dois cachorros vira-latas latiam sem parar, assustados com a queda do transporte metálico e com a movimentação dos militares. Para calá-los, os militares os

abateram com dois tiros.

E então eles viram o helicóptero.

A aeronave estava caída entre algumas casas construídas com madeira, argila, barro e zinco ondulado. Destroçado em meio a uma sebe de arbustos e plantas trepadeiras, jazia um bimotor com rotores de cauda de mais de um metro.

– Alvo encontrado! Iniciando reconhecimento – alertou o capitão.

– É um Black Hawk? – perguntou um sargento, ainda em movimento.

– Não – respondeu o capitão. – É a porra de um Apache.

– O que você acha? Americano ou israelense?

– Na prática, não faz diferença.

Um dos soldados parou em frente à cabine do piloto. A visão infravermelha não permitia muitos detalhes, mas era suficiente para reconhecer uma situação alarmante.

Havia dois cadáveres.

– Dois mortos! Apenas dois mortos! – informou, nervoso.

Os outros soldados imediatamente entraram em formação de defesa. O fato de haver apenas dois mortos, em um dos melhores helicópteros de ataque militar do mundo, significava que uma provável equipe de paraquedistas poderia estar próxima.

– Central, reconhecimento de dois abatidos! Provável tentativa de incursão! Iniciando busca em...

A frase do capitão foi interrompida quando um projétil produziu um pequeno furo em sua testa e um rombo na parte de trás da cabeça. O corpo tombou para trás, provocando um pandemônio em meio à tropa. Tiros começaram a ecoar no cenário selvagem e pouco iluminado. Soldados ruandeses se jogaram no chão, procurando alvos entre vultos identificados pela visão otimizada. Um segundo soldado morreu com um tiro no pescoço. Três miraram na direção do disparo e atiraram a esmo. Ouviram um grito de dor. Tentaram se aproximar, mas um deles foi atingido no topo da cabeça.

– Nas árvores! Eles estão nas árvores!

Fuzis de alta geração dispararam para o alto. Em meio aos vultos, um dos soldados reconheceu um inimigo, acionou uma granada e a lançou. Pedços de galhos e de carne se espalharam junto com o barulho, fazendo chover sangue e órgãos humanos no campo de batalha.

– Estamos sendo atacados! Repito: estamos sendo atacados...

A voz foi interrompida. Na escuridão, o corpo do soldado aturdido foi destroçado. Em seguida, dois militares ruandeses foram atingidos no peito ao mesmo tempo. Os que restaram perceberam o atirador no escuro, dispararam e o abateram.

Curiosamente, não houve queda nem grito de dor.

– O que diabos é aquilo? O que...

O corpo do soldado foi projetado para trás e caiu morto após se chocar contra um tronco. Os outros continuaram a mirar no vulto, mas o que quer que fosse aquilo estava aniquilando os soldados um por um. Novamente, um militar trocou a munição por um lança-granadas. O explosivo atingiu o corpo do inimigo desconhecido e o jogou para trás com uma explosão que cegou temporariamente todos os presentes.

Em outro ponto da floresta, alguns dos soldados revidaram o ataque de mais um atirador. O invasor levou um tiro no pé e caiu com a perna quebrada, um osso pontiagudo projetado para fora da pele. Um dos ruandeses encostou uma pistola na cabeça dele e perguntou em inglês, o sotaque carregado:

– Quantos de vocês?

O inimigo caído e com dor vociferou um xingamento em hebraico.

– Sayeret! – concluiu o ruandês, ao perceber o idioma. – Esses caras são Sayeret!

O soldado bateu com a coronha da pistola no osso exposto do inimigo. O israelense derramou lágrimas.

– De novo: quantos de vocês?

– O suficiente – respondeu o invasor, o sotaque também carregado.

O soldado ruandês disparou, e o corpo do inimigo tomou sem vida. Ele e o outro soldado se viraram para a escuridão, preparando os fuzis. Ouviram gritos de morte de mais ruandeses. O mais assustador era que só escutavam tiros e gritos dos próprios soldados, mas não dos estrangeiros. Ouviram também o som de farfalhar das folhas sendo pisoteadas, de pancadas e de ossos se quebrando.

– O que diabos eles enviaram desta vez? – perguntou um deles ao outro.

– Seja o que for não sei se daremos conta.

Foi quando a visão infravermelha capturou um vulto grande e pesado saltando de um ponto a outro e outro, e então caindo na frente dos dois. Os fuzis dispararam sem cessar, enquanto o inimigo parecia puxar uma prancha das costas, afundá-la no chão em posição ereta e se encolher atrás dela. As balas batiam no escudo e, quando não afundavam um pouco antes de cair, ricocheteavam. Quando pararam de atirar e observaram o dano, os dois soldados entenderam o que estava diante deles.

O inimigo estava protegido com uma espécie de exoesqueleto metálico de dois metros, formado de kevlar e fibra de titânio. Era possível ver um homem operando por debaixo de algumas áreas da armadura, que culminava em uma cabeça esférica e comprida. As partes de titânio sobrepostas eram negras, bem como a prancha utilizada como escudo.

Então ouviram o som de um helicóptero se aproximando. Ao fundo, alguma outra coisa pesada havia caído.

– Um de vocês vai morrer e um de vocês vem comigo – disse a voz metálica em inglês por debaixo do exoesqueleto.

Os dois se olharam, assustados. Um dos ruandeses, porém, respondeu:

– Ou talvez a gente possa se inspirar nos seus compatriotas e explodir tudo.

– Esta tecnologia sobreviveu à queda de um Apache – insistiu o inimigo metalizado. – Um de vocês vai morrer. E um de vocês vem comigo.

– Não! – soou uma voz feminina atrás dele. – Nenhum deles vai morrer ou acompanhar você. E é você quem vem comigo.

Os soldados, que já tinham se preparado para a morte, suspiraram.

Ashanti, a rainha-dragão, havia chegado.



VIRGÍNIA, EUA

A CADEIRA ENVERGOU NOVAMENTE.

Desta vez, porém, o interrogador foi substituído. Em vez de um engravatado mais jovem, Derek se viu frente a frente com um senhor de idade, com expressão neutra, uniformizado e exibindo uma alta patente militar.

– Coronel... – cumprimentou Derek

– Sargento...

Derek o conhecia. Coronel Wilson. Um homem capaz de assumir o controle em situações de crises, de emitir ordens desagradáveis e de guardar perigosos segredos de Estado. Todas as características de alguém em sua posição.

– O senhor era um dos quarenta e oito líderes militares à espera do resultado deste interrogatório? – questionou o algemado.

– Na verdade, ainda sou.

Derek suspirou. Aquele homem seria bem mais difícil de dobrar.

– Desculpe por decepcioná-lo, senhor.

– Não, sargento, eu que tenho de pedir desculpas – admitiu o coronel.

Derek estranhou.

– Eu não me referia ao interrogatório anterior, senhor.

– Eu também não.

Houve uma pausa e Derek optou pelo silêncio para tentar detectar o blefe. Não se ouvia nem o ar-condicionado na sala. E do lado de fora ele sabia que havia uma plateia lhes assistindo.

– Você sabe como é estranho vê-lo na minha frente novamente, não sabe? – O coronel assumiu o comando.

– Imagino.

– E antes que você me conte mais sobre o que aconteceu, saiba que nós procuramos por você. – O coronel parecia sincero. – É importante você saber disso. Nós enviamos equipes, acionamos satélites, infiltramos agentes locais.

As informações eram ditas de maneira pausada e firme. Os olhos fixos em Derek. A linguagem corporal do coronel ratificava a veracidade daquele testemunho.

– E o que conseguiram?

– Encontramos os corpos. Todos eles. Menos o seu.

Derek olhou para baixo. Doía ser lembrado como o único sobrevivente de uma unidade tão unida que os soldados eram como irmãos.

– Então me deram como morto?

– Consideramos que estava morto após seis meses – corrigiu o coronel. – E de repente você reaparece em um traje futurista, ignorando fronteiras e causando

mais problemas de jurisdição à ONU do que uma invasão alienígena.

– A ONU não faz ideia do que é uma invasão alienígena...

– Não brinque comigo, sargento! – O homem elevou a voz pela primeira vez.

– Eu não estou brincando, coronel! – Derek fez o mesmo. – O senhor não faz ideia das coisas que eu vi!

– Não, eu não faço! Só faço ideia das coisas que você fez desde que resolveu aparecer de novo! Você invadiu países, atacou tropas militares estrangeiras, se meteu em conflitos religiosos!

Derek se manteve em silêncio, sem negar. Em uma situação como aquela, havia o que se omitir, mas não o que mentir.

– Você tem mesmo noção do que isso significa? – retomou o coronel Wilson.

Silêncio, como se o ranger estivesse avaliando a melhor resposta dentre diversas opções nada satisfatórias.

– Paz mundial – declarou.

O coronel riu.

– Não, sargento, este não é o caminho da paz mundial. – Virou-se na cadeira. – Na verdade, a cada vez que você faz uma merda dessas, sabe o que acontece? Eles colocam um relatório na minha mesa. E você já viu o tamanho da minha mesa, filho?

– Já, senhor.

– E sabe por que ela é pequena?

– Não, mas eu imagino, senhor.

– Porque eu gosto de colocar pouca coisa em cima dela. Gosto de colocar um peso de papel, um porta-retratos com a foto do meu caçula no primeiro jogo de beisebol dele e a primeira bola que ele rebateu. E só! É isso que eu gosto de ter na minha mesa. Mas sabe o que eu tenho agora? Um mar de relatórios de um supersoldado de armadura bancando o Capitão América!

Seus olhos permaneciam fixos em Derek. O sargento engoliu em seco.

– Mas sabe qual a diferença entre você e o Capitão América, soldado?

Derek teve de responder:

– O escudo?

– Ele usa o uniforme! – respondeu o coronel. – Ao menos o Capitão carrega uma bandeira. Quando ele faz uma merda, o mundo inteiro aponta pra Washington e fala ‘seus putos, a culpa é de vocês!’ E Washington assume, porque a culpa normalmente é dela mesmo! O problema é quando o uniforme *não* revela a bandeira. Aí, filho, quando o mundo inteiro aponta pra Washington, a gente tem de dizer: ‘ei, nós não temos nada a ver com isso!’ Mas se a porra do supersoldado retirar a armadura e debaixo dela surgir um ranger das forças armadas norte-americanas desaparecido em missão... aí, meu caro... aí você garante que a minha mesa NUNCA MAIS vai ter espaço pra colocar a foto do meu filho! Você compreende isso, sargento?

– Compreendo, senhor. – Derek baixou a voz para demonstrar respeito.
– Então vamos fazer assim... vou contar a você o que eu sei. Quando eu terminar, você vai me contar o que eu não sei. Estamos entendidos?

– Sim, senhor.

O coronel abriu novamente a ficha de Derek

– Derek Duke. Sargento. Integrante do Septuagésimo Quinto Regimento Ranger do Exército Americano. RRD. Última atuação: Fireworks. Desaparecido durante a missão. Declarado morto após seis meses de desaparecimento. Correto até aqui?

– Sim, senhor.

– Sabe o que eu também sei? Eu também sei que você permaneceu em coma por mais de seis meses, depois de ter sido encontrado por um criador de ovelhas caracul.

– Que sorte, não é?

– Você foi realmente salvo pelo inimigo?

– Ele não era inimigo – corrigiu Derek – Era apenas um cidadão afegão.

– Mas ele poderia ter levado você para o inimigo.

– E ainda assim, estou aqui.

Os dois continuaram se olhando. Derek teve a impressão de que, se alguém acendesse um fósforo, o lugar explodiria.

– Esse cara arriscou o pescoço por você, não foi?

– Ele era do povo pashtun, conhecido por um senso de honra próprio deles chamado *pashtunwali*.

– Como um código de honra samurai?

– Significa respeito. Respeito por aqueles que batem à porta, pedem ajuda ou precisam ser protegidos.

– Você parece ter aprendido muito com ele...

Derek sabia para onde aquela conversa estava sendo conduzida, mas não tinha como impedir.

– O homem se tornou alvo do Talibã por minha causa. Mataram o irmão dele, explodiram seu carro e queimaram sua casa. Ele e seus três filhos me levaram para uma caverna e depois para um hospital, onde fui internado com as roupas que me deram. A gente aprende mais do que gostaria com homens desse tipo.

– A ponto de simpatizar com ele? Ou com a causa do povo dele?

Mais uma vez o silêncio alimentava a tensão.

– A ponto de aprender a julgar um inimigo pelos atos, não pela bandeira.

O coronel voltou a se mexer na cadeira, sem demonstrar se havia aprovado ou detestado a resposta de Derek.

– Você quer falar sobre julgar os atos, sargento? Então vamos falar sobre isso. Fale pra mim o seguinte: como você julga seus próprios atos?

Derek se recusou a responder.

– Pelo que entendi, você descobriu, roubou ou ganhou uma porcaria de traje militar de ponta. Eu nem sei se aquilo já tem um nome – continuou o interrogador.

– O senhor pode chamar de ‘bioarmadura’.

– Certo... – disse o coronel, irônico. – E o que seria uma bioarmadura?

– Uma armadura de metal-vivo.

O coronel continuou olhando para Derek, que sorriu. O coronel então se mexeu outra vez na cadeira, colocou a mão no queixo e disse:

– Ok, sargento. Considerando que você esteja falando sério, então me conte... Me conte o que uma armadura de metal-vivo é, de fato, capaz de fazer.



KIGALI, RUANDA

O ESTRONDO FEZ RUANDA ESTREMECER.

Ashanti saltou de uma altura considerável, antes de descer com o punho fechado. O soco bateu contra a prancha-escudo do invasor, e os corpos de ambos foram projetados para trás. O homem no exoesqueleto agarrou a proteção pela parte de baixo e a girou como o faria com um bastão.

O corpo metalizado de Ashanti se chocou contra uma árvore.

– É melhor você ficar no chão – disse o agressor.

Ashanti se levantou, exibindo a armadura de metal-vivo negra, com detalhes na cor de sangue de dragão dourado espalhando-se como pinturas de guerra.

– Você acabou de cometer o pior erro da sua vida – sentenciou ela.

Ela correu em direção ao inimigo. O invasor novamente agarrou a prancha e girou. Ashanti deslizou o corpo pelo chão, evitando o ataque. O golpe passou direto pelo ar e o invasor a perdeu de vista por um momento. Ao se levantar, atrás dele, ela materializou um explosivo de um dos bolsões dimensionais conectados à armadura e o grudou nas costas do adversário. A ruandesa então se afastou, saltando para trás.

E aquilo explodiu.

Dessa vez, foi o exoesqueleto que voou metros para a frente.

– Certo, você quer fazer isso do jeito difícil... – disse o homem em hebraico, ainda no chão.

Ashanti avançou, mas, com um soco, o invasor a impediu de continuar, e seu corpo se curvou. Os pés foram erguidos e, com isso, suas costas tombaram violentamente no chão. Não satisfeito, o homem continuou a erguer a inimiga pelas pernas e a jogar seu corpo contra o solo. E de novo. E de novo. E então a rodopiou e arremessou longe, feito um disco olímpico.

A ruandesa caiu na lama.

Um mecanismo nas costas do exoesqueleto se abriu, revelando um tipo de carabina. O homem agarrou a arma, apontou para a mulher e disparou. Ashanti se jogou por entre as árvores e sombras, tentando se proteger e se camuflar na escuridão. Os tiros bateram em troncos, e a visão otimizada do exoesqueleto escaneou o local à procura da guerreira. Ela voltou a correr, ele continuou a atirar e atirar. À frente havia algumas casas, já abandonadas pelos donos desde a queda do helicóptero. Ela pulou uma parede quebrada de argila, invadindo uma das casas. O homem continuou a disparar, até que as estruturas já abaladas enfraqueceram de vez o telhado de zinco. E então as telhas caíram sobre a ruandesa.

Hipnotizados pelo confronto surreal, os dois soldados ruandeses apontaram as

armas e começaram a disparar, fazendo o inimigo bambejar. O corpo metálico foi atingido pelos projéteis e cambaleou mais um pouco. O homem apontou a carabina para um dos sobreviventes e disparou, abrindo um rombo no seu peito. Ainda em choque, o último soldado continuou a atirar, e duas balas atingiram a arma do inimigo, derrubando-a. O inimigo se virou para o soldado em uma posição agressiva, prestes a esmagá-lo com as próprias mãos.

Foi quando Ashanti ergueu-se dos destroços.

O israelense se virou mais uma vez. Ashanti se alongou, trincou os dentes e sentiu o metal-vivo da armadura alimentá-la, acelerando o processo de cura de algumas partes do corpo afetadas.

E correu mais uma vez na direção do adversário.

Dessa vez, dos bolsões dimensionais, ela puxou duas espécies de tonfas extremamente pesadas. O punho da arma era revestido por uma proteção que fazia um “L” e se estendia pelo antebraço como um cassetete. As armas, porém, eram robustas, da largura de um cano, e possuíam espécies de eletrodos que se acendiam na frente e na parte de trás. Eram impressionantes, mas ainda mais impressionante era sua habilidade em erguê-las e manuseá-las.

Quando o homem de armadura se deu conta, Ashanti já o atacava incessantemente com a parte da frente das tonfas tecnológicas. Os golpes tinham a intensidade de um ariete contra um portão. Os sons produzidos pelo choque contra os braços protegidos da armadura metálica eram assustadores. E o exoesqueleto aos poucos amassava. O israelense foi tombando, enquanto Ashanti o esmurrava mais e mais e mais. Ele tentou chutá-la, mas a guerreira bateu com a arma na altura do joelho dele e, embora o exoesqueleto amortecesse um pouco o golpe, o israelense sentiu o baque e começou a mancar. Enquanto isso, Ashanti continuava a bater e bater. No desespero da surra, o inimigo conseguiu segurar o cabo das duas armas. Ashanti acionou um comando.

E as tonfas se acenderam.

O resultado foi uma descarga elétrica que gerou um curto-circuito em uma parte do sistema tecnológico do exoesqueleto. Um segundo golpe, ainda carregado de eletricidade, abriu um rombo na armadura, revelando um pedaço do seu sistema de alimentação. Ashanti desmaterializou as tonfas, acionou uma pistola de aspecto *cyberpunk* e mirou no buraco. E atirou.

Ela pôde sentir quando a armadura do invasor se desligou.

O homem caiu no chão. Ashanti destruiu com as próprias mãos dois pontos que prendiam a proteção superior do capacete e o arrancou, revelando um homem na faixa dos trinta anos, totalmente suado, machucado, sangrando e em choque.

– Quem o enviou? – perguntou ela.

O inimigo permaneceu com os olhos arregalados, sem conseguir raciocinar. Ashanti lhe estapeou a face.

– Eu... eu não pretendo... – começou a dizer o israelense em hebraico.

Ela o estapeou novamente.

– Em inglês – exigiu.

– Eles... todos eles virão até você de uma maneira ou de outra... se não hoje, mais tarde... – balbuciou o homem.

Ashanti voltou a observar o exoesqueleto destroçado. Ergueu-o em uma demonstração de força e aproximou seu rosto do inimigo.

– Tecnologia norte-americana?

Diante do silêncio, Ashanti o agarrou pelas orelhas e começou a puxar, fazendo um pedaço da pele descolar.

– Japonesa! – gritou o ferido.

Ela deixou o corpo dele tombar inconsciente. Aquilo era uma surpresa.

Ashanti acionou o rádio:

– Central, é a rainha. Ameaça impedida. Invasor capturado. Um sobrevivente. Enviem uma equipe de remoção – exigiu.

Em pé, diante do inimigo caído, ela ponderou antes de acrescentar:

– E preparem uma transmissão. – Voltou a observar o corpo do inimigo abatido, entregue ao chão, com seu sistema de proteção completamente destruído. – Aproveitem e enviem um memorando às Nações Unidas. Avisem que hoje é dia de reunião.



VIRGÍNIA, EUA

O SILÊNCIO FOI QUEBRADO PELO SOM DA PORTA SE ABRINDO.

O coronel retornou com uma caneca e a colocou em cima da mesa, sentando-se novamente. A cadeira rangeu, como se fosse antiga, no entanto, eles estavam no Pentágono, e nada naquele lugar era antigo, a menos que fosse proposital.

– É água – garantiu.

Derek balançou a cabeça, agradecendo, mas não tocou na caneca.

– Sabe, enquanto eu estava lá fora, pensei sobre essa coisa de ‘metal-vivo’ – começou o coronel, em tom sereno. – É bem interessante e valeria uma fortuna nas mãos erradas. Eu só não sei direito ainda como definir o conceito da coisa...

– Um metal capaz de entrar em simbiose com um organismo vivo.

Coronel Wilson se dobrou na cadeira. Derek não se manifestou, mas internamente achava graça daquele jogo. Costumava ser sempre assim quando conhecia as regras.

– Como naquele livro *A vida secreta das plantas*? Minha mulher adora esse tipo de porcaria esotérica...

– Não estamos falando de esoterismo – disse Derek.

– Verdade! Afinal estamos falando aqui de *ciência*, não é? – debochou o interrogador.

– Estamos falando de uma tecnologia ainda inexistente nesta dimensão – corrigiu Derek.

A expressão do coronel mudou de repente e ele pareceu mais interessado na conversa.

– Como é o termo? Dimensão? Interessante... – ironizou. – Sabe com o que esse tipo de termo costuma combinar, inclusive? Com porcarias esotéricas!

– Quando deixar de combinar, talvez a gente consiga desenvolver essa tecnologia por aqui.

Houve uma pausa. O interrogador fixou o olhar no antebraço do sargento. Na parte inferior havia uma tatuagem onde se lia em letras escuras a palavra: HURAY. Próximo das algemas, um bracelete de cristal envolvia seu pulso.

– ‘Huray’... – comentou o coronel. – É árabe?

– É um idioma que você não conheceria – disse Derek. – O *huray* é aquele que assume a responsabilidade da liderança. Significa algo como *maioral*.

– Olha que privilégio então ter você aqui – debochou o militar e depois se concentrou no bracelete cristalizado. – Bonito esse adereço. É de metal-vivo também?

– A peça é de cristal – corrigiu Derek.

– Entendi. Ela também foi presente do povo pashtun?

– Nem ela nem a armadura, coronel.

– Ah, desculpe, pensei que você finalmente iria me dizer alguma novidade.

– E eu pensei que não houvesse mais nada que o senhor ainda não soubesse.

O coronel cruzou as pernas e abriu os braços, como se aquela conversa não fosse chegar a lugar algum.

– Ah, mas eu não sei. E neste caso, sei bem menos do que eu gostaria, filho – insistiu. – Por exemplo: eu ainda não sei onde você arrumou esse traje de guerra.

– Quando eu recobrei a consciência... – Derek interrompeu o testemunho e suspirou. – Antes é melhor eu avisar, coronel, a probabilidade de o senhor não acreditar no que vou dizer é alta...

O coronel riu.

– Nisso eu concordo com você. Mas nós só vamos saber se você tentar, não é?

– Enquanto eu estava no hospital, minha consciência viajou para outro lugar.

– Como em um sonho? – perguntou o coronel, mais interessado.

– Quase isso – admitiu Derek, insatisfeito. – Seria mais como uma viagem astral para uma quinta dimensão.

– Uau! Desculpe por qualquer menção desrespeitosa que eu tenha feito sobre esoterismo. Não sabia que você era adepto.

– Eu não sou.

O coronel pegou a caneca e bebeu um pouco da água.

– Adorei! E esse lugar para onde você *vaijou*, sargento, ele tinha um nome? Tipo ‘Abydos’ ou coisa assim?

– Era conhecido apenas como O Cemitério – respondeu Derek, ignorando o tom debochado do coronel.

– Um cemitério de pessoas?

– Um cemitério de dragões.

O silêncio foi absoluto. Os dois se entreolhavam, enquanto o clima oscilava entre a fantasia e o ceticismo.

– Um cemitério de quê? – insistiu o coronel.

– Um cemitério de dragões.

Novamente silêncio absoluto.

– E você achou que havia uma probabilidade alta de eu não acreditar no que você iria dizer...

– Com todo o respeito, coronel Wilson, o senhor acreditar ou não não vai mudar o fato de que, ao acordar, eu estava com isso no pulso. – Derek elevou o tom de voz, aumentando a tensão da sala na mesma medida. Do outro lado, as pessoas engoliram em seco, preocupadas.

Ele bateu com o bracelete na mesa, fazendo tremer a caneca de água. O coronel observou-o com seriedade, analisando como definiria aquela conversa.

– Verdade – debochou o coronel. – Um bracelete de cristal pashtun era a peça que faltava nesse quebra-cabeça.

– Isto não é um adereço! É um computador orgânico conectado a bolsões dimensionais, onde guardo a tecnologia de guerra que o senhor já me viu usar.

Dessa vez, o coronel gritou:

– É, eu vi realmente! Eu assisti aos seus vídeos. Você ficou famoso na internet, embora ninguém fora do nosso sistema de Inteligência tivesse conseguido te identificar!

– Consequências de ser declarado morto pelo seu próprio governo...

– Aliás, aquele seu vídeo amador em que você dizima uma tropa de soldados indianos também se tornou viral...

– Estupradores – acrescentou Derek

– Como?

– Uma tropa de soldados indianos *estupradores*.

O coronel riu.

– Ah, verdade. Você aprendeu com seu amigo afegão a julgar os atos, não a bandeira, certo?

– Exatamente, senhor.

Enquanto roía a unha, o coronel fitava Derek

– Da última vez em que assisti a esse vídeo, ele tinha mais de cem milhões de visualizações, sabia? – contou Wilson, voltando ao assunto de repente.

Derek não comentou nada, mas sua expressão revelou surpresa.

– Pois é – continuou o coronel. – E tinha mais de cem mil comentários. A maioria dizia: *fake*. É isso o que você fez, sargento? Um vídeo *fake* para publicar na internet?

– Com todo o respeito, coronel, essa informação faz parte do pacote de coisas que o senhor já sabe.

Mais uma vez, em silêncio, os dois analisavam se valia a pena continuar aquela conversa.

– Então me conte – ordenou o interrogador, decidindo-se. Derek pareceu sair de um transe, dominado pelas lembranças violentas. – Me conte como diabos começou isso tudo.



CABUL, AFEGANISTÃO
(MESES ANTES)

ERA DIFÍCIL DIZER QUAL ERA A PIOR DIMENSÃO.

A primeira das surpresas aconteceu pouco tempo depois que ele retornou à sua realidade. Quando despertou em cima de uma cama de uma aldeia afegã, Derek se deu conta de que voltara ao mundo que conhecia e, mais do que isso, que não estava entre inimigos.

Tinha vivido alguns dias entre aquele povo, tentando entender o que lhe acontecera. O corpo estava fraco, os músculos atrofiados e a exaustão era frequente. A mudança de temperatura também não ajudava. Os afegãos lhe traziam algumas refeições: arroz, pão, legumes e carnes. Derek, contudo, precisava comer em doses pequenas para não vomitar, então optava pela *shorma*, a sopa tradicional local. No mais, não havia como acessar a internet, fazer ligações para os familiares nem solicitar resgate pelo Regimento Ranger.

Mas havia o bracelete de cristal.

Certo dia, com a ajuda de uma bengala, Derek se afastou sorrateiramente pelos arredores, a fim de se isolar. O bracelete tinha aparência escamosa. No centro ficava o círculo de luz por onde era acionado. Aos poucos, Derek foi se lembrando dos comandos. Ele logo descobriu que ainda era capaz de se conectar aos bolsões dimensionais. Desenhando os ideogramas na superfície de luz prateada, acionou o rifle que um dia o salvara da escravidão nas Minas Dracônicas. A arma ainda denunciava as ranhuras da última batalha. O processo de fragmentar e desfragmentar objetos ainda era deslumbrante. Por fim, tomou coragem para a última etapa. Atívou o círculo de luz, titubeou, inspirou e então traçou a primeira parte de um desenho de estrela. O corpo enfraquecido sofreu um tranco. De súbito, passou a observar os bosques de cedros e pinhos através de uma máscara cristalizada, em uma vestimenta banhada em sangue de dragão. A reação foi imediata. O contato com o metal-vivo deu início ao processo de simbiose, que acelerava a reconstrução celular e reforçava a absorção de nutrientes. Derek Duke de repente se tornou parte de um sistema biológico externo inteligente. Como resultado, a fome atingiu níveis estratosféricos e o uniforme lhe exigiu proteína.

Foi então que o ranger começou a caçar.

A aldeia passou a preparar banquetes regados a leite, chá e carne, principalmente de lobo e gazela, que Derek caçava. O metal-vivo conectado ao sistema nervoso central de Derek acelerou a cura e a reposição de nutrientes, e foi preciso pouco tempo para que ele se sentisse em pleno vigor. Derek continuou testando a armadura durante todo o período de isolamento.

Só que a paz durou pouco.

Em um de seus dias de caça, foi visto por um filho de agricultor. O adolescente contou para um amigo, que contou para o tio, que contou para o irmão. E assim a notícia se espalhou, cada vez mais diferente da versão original, embora todas as histórias falassem de um morto que retornou à vida e recebeu poderes de Alá. A trama se tornou grande demais para a aldeia e se propagou até a cidade. Foi então que o problema começou. Na cidade, o rumor correu pelos bares até os ouvidos dos membros da célula terrorista liderada por um homem chamado Saleh Ayman.

O homem que Derek deveria ter matado em sua última missão.

Ao retornar à aldeia, depois de um dia de caçada, Derek ouviu os gritos de longe. Dois carros estavam estacionados e havia homens armados. O líder do grupo empurrou um pai de família, obrigando-o a ficar de joelhos, e segurou-o pelos cabelos. Deram tiros para o alto, ameaçaram queimar casas. Por último, iniciaram uma contagem regressiva ao encostar a arma contra a testa daquele senhor. Ele tremia diante da família, que suplicava.

Na metade da contagem, Derek surgiu.

Vestindo a armadura negra, com detalhes em sangue de dragão vermelho, distribuídos como se fossem veias, ele chegou à aldeia abruptamente. Agarrou o líder do grupo e continuou correndo, usando-o como escudo e atropelando outros no caminho. Os terroristas começaram a atirar e acertaram o próprio comandante. Derek arremessou o corpo do terrorista baleado na direção de dois atiradores. Para sua surpresa, os afegãos do povo pashtun sacaram as próprias armas e começaram a matar os invasores, embora soubessem o que aquilo significaria. Um último sobrevivente terrorista, de não mais do que vinte anos, tentou fugir, mas foi capturado. Derek impediu que o matassem e iniciou um interrogatório, com a ajuda do homem que o havia acolhido. Ele descobriu por que estavam ali e, principalmente, quem os enviara. O prisioneiro lhe disse, por fim, que na verdade Derek deveria estar morto *como todos os outros*.

Foi assim que descobriu que seus companheiros de missão estavam mortos.

O sangue ferveu. Com o jovem amarrado na garupa de um dos veículos, o ranger seguiu em direção à base terrorista, nos arredores de Cabul. Não havia estratégia militar, não havia planejamento de incursão, não havia rota de fuga. Apenas um homem transbordando ódio, que havia retornado do mundo dos mortos com uma tecnologia de guerra jamais vista.

Derek invadiu o covil terrorista e provocou um extermínio em massa. O rifle hi-tech foi acionado e abriu buracos nas cabeças com turbantes, à medida que Derek avançava em busca do líder. As granadas explodiam os grupos maiores. Já os menores, Derek arrancava os ossos e esmigalhava os membros com as próprias mãos. Seu capacete corrigia desvios de luminosidade, aprimorava a visão e indicava pontos vulneráveis dos inimigos. E ele continuava a matar.

Quando se aproximou do bunker onde o líder se escondia, um dos cinco terroristas que o protegiam correu para buscar uma granada. Derek acionou o modo de feixe iônico da armadura e, usando o laser com frequência de microondas, fritou todas as células de seu corpo. Deixando o cheiro de carne queimada para trás, ele abriu a escotilha e arrancou Saleh Ayman do buraco pelos cabelos.

– Olhe para mim! – gritou em inglês, sabendo que Saleh o entendia. O capacete foi recolhido. – Olhe para mim!

Saleh o encarou e foi tomado pelo horror.

– Está vendo esta face? – perguntou o ranger, salivando de raiva. – Essa é a face de um homem que volta da morte pra punir outros como você! E você não faz ideia de quantos demônios estão à sua espera no lugar de onde eu vim!

Depois de arrastá-lo por todo o caminho de volta à saída, Derek colocou-o no jipe e seguiu para Cabul. Saleh gritava em árabe. Assim que se aproximaram de uma feira popular, Derek parou o veículo e carregou o terrorista até o centro de uma rua lotada. Com um soco, afundou-lhe parte da maçã do rosto na frente dos pedestres.

Homens de turbantes e mulheres de burca se amontoaram para testemunhar a cena. Os rostos estavam cobertos, mas era possível imaginar as expressões de espanto. Vendedores ambulantes de lenços, chapéus, mapas e livros para turistas largaram suas mercadorias e berraram para os colegas de roupas coloridas, chamando-os para testemunharem a briga. Ao perceber a aglomeração, Derek ativou novamente o capacete e exibiu Saleh Ayman como faria com uma lebre abatida.

– Este é o homem que se julga Deus! – gritou ele, projetando a voz com ajuda da armadura. – O homem que julga representar as palavras de Deus.

Derek esticou o braço de Saleh com uma das mãos e apoiou a outra no ombro dele.

– Mas vejam só o Deus de vocês! – continuou, bufando.

O ombro do afeição foi deslocado. O homem gritou. Derek notou as câmeras e os flashes. Então ergueu Saleh Ayman.

– Vocês querem divulgar mais um vídeo de terror? – gritou, um tanto enlequecido. A bioarmadura agia no seu corpo entorpecendo a razão.

Derek puxou com força o corpo de Saleh contra seu joelho e partiu sua coluna vertebral.

– Transmitam esse vídeo aos outros terroristas.

O corpo aleijado foi arremessado ao solo. Crianças esconderam o rosto, empurrando-o contra a barriga dos pais. O murmúrio era intenso, e Derek não sabia dizer quantos na multidão o condenavam e quantos o endeusavam. A verdade era que ele nem mesmo se importava. Enquanto o terrorista se contorcia e chorava de dor na lama, o ranger novamente o ergueu pelos cabelos, como se quisesse exibir o rosto do criminoso para as câmeras.

Em um único movimento, Derek partiu seu pescoço.

Aquela foi a mensagem registrada. O primeiro vídeo a se tornar viral.

Daquele dia, não restaram apenas lembranças ruins. De volta ao jipe, na estrada, Derek de repente sentiu o círculo do bracelete fisgar. Ao acioná-lo, ouviu uma voz familiar pelo sistema de som interno:

– Sargento Duke? – perguntou a voz, temerosa.

O ranger franziu a testa, incrédulo.

– Daniel? – arriscou, certo de que seria corrigido.

– *Aye, aye, sir* – confirmou o nipo-brasileiro.

Parte da nuvem de ódio que rodeava Derek se dissipou. Como há tempos não fazia, ele sorriu.



VIRGÍNIA, EUA

O INTERROGADOR PIGARREOU.

Derek não esboçou reação e apenas aguardou o próximo passo.

– Você por acaso tem um parceiro para ajudá-lo nessa *limpeza* que anda promovendo? – perguntou o coronel.

O sargento continuou calado.

– Se ficar em silêncio, vou entender como uma confirmação.

– Entenda como quiser.

O coronel se alongou na cadeira, entrelaçando os dedos e esticando o braço. Era sua maneira de dizer que a conversa podia durar a noite inteira.

– Sabe como a Inteligência chegou a essa conclusão? – continuou o coronel. – Eles analisaram horas e horas de imagens registradas, cruzaram com informações on-line e concluíram que você não agia sozinho. Alguém anda manipulando o sistema para você. Alguém que o coloca e o retira da lista de passageiros de voos internacionais, modifica sua identidade quando necessário, agenda alugueis de carro e até espalha pistas falsas para enganar nossos melhores analistas. Em outras palavras, quem quer que esteja trabalhando com você é muito eficiente. E eu também vou adorar conversar com ele.

Derek continuou em silêncio. Foi suficiente para o coronel concluir que não conseguiria nada com aquela estratégia.

– Depois de matar Saleh Ayman, você viajou um bocado, não é?

– Isso deve constar nas suas horas de informações analisadas.

Coronel Wilson trincou os dentes. Estava visivelmente irritado.

– Sim. Eu sei. Sabe como eu sei? Porque eu pessoalmente contei alguns corpos. Como tinha comentado, em vez de ir ver o jogo de beisebol do meu filho, eu tive de entrar na merda de um avião pra Índia num fim de semana. Você acha que minha mulher gostou disso? Não, ela não gostou nem um pouco. E foi convencida pelas amigas a fazer *greve de sexo* pra me lembrar de que sou um pai ausente.

Silêncio. Derek teve de se esforçar para não rir.

– Você acha isso engraçado, sargento Duke?

– Não, senhor.

– Ah, acho bom! Porque não é! – gritou o militar, agitando o dedo indicador. – E tem mais! Primeiramente eu não sabia como explicar para o meu filho por que eu não pude ir ao jogo de beisebol dele, mas aí sabe o que eu descobri? Que ele já tinha visto o seu vídeo no celular de um amigo da escola! Aí eu tive de admitir! Eu falei: 'pois é, olha só o que o papai teve de resolver no fim de semana!' Aí sabe qual foi a reação do moleque, sargento Duke?

– Não, senhor.

– Ele arrumou a porra de um capacete de moto e resolveu brincar de imitar você! – O coronel bateu na mesa. – Você está entendendo a situação? Agora a professora do colégio dele tem de lidar com uma turma de moleques querendo brincar de supersoldado! E como todos eles querem ser supersoldados, precisam tirar no palitinho quem vai ser terrorista afegão ou soldado estuprador indiano! Você acha isso um bom exemplo pras crianças, sargento?

A voz do coronel estava tão alterada e ecoou tão forte pelo recinto, que pareceu esmurrar as paredes.

– Não, não acho, senhor.

– Ah, que bom! Que bom que você não acha! – A voz do coronel tinha voltado ao normal. – Porque além de soldado estuprador indiano, você também já chacinou traficantes nigeriano de mulheres, milícia escravocrata chinesa e até cartel de drogas colombiano! Daqui a pouco vão fazer videogames sobre sua carreira, e eu ainda vou ter de comprar pro meu filho pra eu não ser acusado de *pai ausente*! É isso o que você quer, sargento Duke?

Derek resolveu que era hora de encerrar aquela idiotice e retomar sua posição no interrogatório.

– Com todo o respeito, coronel, sempre escolho os monstros que eu combato.

– E esse é o problema, soldado! – gritou o interrogador, apontando o dedo na cara do sargento. – Você decidir quem são os monstros! Hoje os *monstros* são os traficantes, pedófilos, assassinos em série. E amanhã? E se amanhã você resolver que o monstro é o Pentágono? Quem vai parar você?

Silêncio.

– E se amanhã *você* for o nosso monstro? – insistiu o coronel. – Como nós vamos parar você?

Do outro lado da sala, homens uniformizados analisavam e registravam cada fala do depoimento, enquanto engravatados retransmitiam as informações mais importantes às suas equipes. Derek conhecia o procedimento e imaginou o quanto o comandante estaria irritado naquele momento. Ainda assim, ele respondeu:

– Vocês nunca conseguiriam me parar.

Coronel Wilson ficou surpreso. Na outra sala as pessoas se olharam, compreendendo o perigo que existia naquela informação.

– Isso é uma ameaça?

– No dia em que este planeta for realmente ameaçado, vocês terão sorte se eu estiver por aqui. E vão descobrir que eu sei diferenciar muito bem quem são os monstros.

– Então ter você conosco seria uma bênção?

– Soa melhor do que uma ameaça.

Coronel Wilson se levantou e caminhou até o vidro que os separava da outra sala. Inquieto, observava o próprio reflexo. Estava tão concentrado que parecia enxergar as pessoas do outro lado. Bufou algumas vezes e balançou uma das

pernas por ansiedade. Mesmo para um homem experiente, aquela situação era inesperada. O coronel retornou, puxou a cadeira que rangia e se sentou novamente, cruzando as mãos e apoiando-as em cima da mesa.

– Vamos falar um pouco mais sobre um dos vídeos... – disse.

Derek assentiu.

– Pelo que nós vimos nas imagens amadoras, você chegou *caminhando* num campo de refugiados muçulmanos a oeste da Índia, como se estivesse passeando num shopping.

Derek fez uma expressão debochada.

– Aquilo estava longe de parecer um shopping. E eu não cheguei *passeando* pelo lugar.

– Desculpe se não entro em detalhes. A imagem não tinha tanta qualidade... – debochou o coronel.

– A imagem está tremida porque um soldado indiano ordenou a um adolescente muçulmano que o filmasse enquanto molestava a irmã do menino!

O coronel mal hesitou:

– Você sabia que os conflitos religiosos nessa região começaram quando um grupo de muçulmanos ateou fogo em um trem cheio de hindus?

– Os conflitos religiosos começaram quando os primeiros seres humanos tiveram contatos com dimensões como a que eu estive e passaram a chamar de *deuses* as criaturas que encontraram por lá!

O coronel folheou a ficha de Derek e bateu com o dedo em uma página cheia de relatórios sobre o caso, com fotos de cadáveres anexadas, presas por cliques.

– Eu ando acompanhando o que os novos *homens-deuses* têm feito por aí! – gritou. – E não me parece muito diferente do que têm feito os homens-bomba!

– Nossos propósitos são bem diferentes.

– Ah, é? E como você seleciona seus alvos?

– Meus alvos são escolhidos com base em informações seguras. Assim como os seus e os de todos os outros que estão na outra sala. Nesse caso citado, eu tive acesso aos relatos de estupros coletivos na região oeste e fui até o acampamento. O campo de refugiados tinha aproximadamente trinta mil muçulmanos, isolados pelo conflito com a maioria hindu.

– E você simplesmente apareceu... sei lá... *voando* pela quinta dimensão?

– Sou um supersoldado, coronel, não o Super-Homem! Eu demorei pra chegar lá. E o que eu vi foi terrível. A maioria comia grama, aquilo era um esgoto a céu aberto e, pra fechar o cenário, vi mulheres muçulmanas sendo violentadas por tantos soldados, que no final estavam completamente desfiguradas. E foi no meio daquele cenário de terror que vi o garoto. O moleque estava num beco, chorava e tremia, com o celular do soldado na mão. A irmã dele estava de costas e o homem tinha rasgado a saia dela. Eu gritei em inglês, pedindo para que ele parasse, e ele se assustou. Eu não pretendia fazer uma entrada dramática pra um

vídeo viral'. Se ele tivesse reagido diferente, eu teria agido diferente. Só que ele se assustou, suspendeu as calças, sacou a arma e começou a atirar. No mesmo instante, materializei a bioarmadura, fui até ele e quebrei seu pescoço. Depois chegaram os outros. Dois deles tinham metralhadoras, os outros tinham granada. E aquilo tudo não chegava a nem sequer me arranhar. Então eu quebrei outros pescoços, parti ossos e esmigalhei músculos. E eles foram tombando um a um. Tentaram um jipe de guerra. Eu explodi o veículo. Tentaram um lança-granadas, e aquilo me jogou metros pra trás, e no processo, destruí a parede de uma escola abandonada! O teto ruiu na minha cabeça, eles se aproximaram e esperaram. Eu me levantei, como se nada tivesse acontecido, e, quando me viram em pé novamente, sabe o que os estupradores fizeram? Largaram as armas no chão e correram. Como sempre fazem.

– Você os deixou fugir simplesmente?

– Eles já tinham entendido o recado.

– E o restante?

– Quando me dei conta, todos no acampamento muçulmano estavam de joelhos ao meu redor, em posição de reverência.

– E você adorou ter sido visto como um *deus*, correto?

– Não. Eu desmaterializei a armadura para que eles pudessem ver o homem. A cadeira rangeu.

– E assim o mundo inteiro viu o homem – debochou o coronel –, e ainda assim achou que ele era um deus.

– Eu não sabia que o garoto ainda estava filmando nem onde aquilo iria parar...

– Pois é! Mas a papelada sobre o vídeo foi parar na minha mesa!

– Mundo pequeno, não é?

Assim como aquela sala.

– Deve ser difícil pra você fazer o seu *trabalho* em um mundo assim, não é mesmo? – perguntou o coronel.

– Eu só quero que os monstros saibam que se eles resolverem aparecer, pode ser que eu apareça também.

– E como você vai fazer para salvar o mundo o tempo inteiro? Crimes de guerra estão acontecendo em tudo quanto é lugar...

– O que apenas me faz lamentar o tempo que estou perdendo aqui.

Para quem acompanhava aquele interrogatório, era nítido, apenas pela sua expressão, o quanto o coronel adoraria sacar uma arma e atirar no militar insubordinado. Em vez disso, ele continuou:

– Que seja! Então me conte algo útil, por exemplo, como a sua porcaria de... *bioarmadura* surge do nada em você? Parece efeito especial de Hollywood...

– Não é um efeito especial – corrigiu Derek de imediato.

– Diga isso pra Hollywood! Todo figurão de cinema está querendo saber se os direitos da sua história estão à venda.

– Está aí algo em que nunca pensei escutar... – comentou o sargento.

– É engraçado como a vida imita a arte. Alemães, russos, ingleses, todos estão correndo atrás de seus supersoldados! Até mesmo os japoneses já construíram uma espécie de robô de três metros de altura, controlado a distância.

– E você não quer que o governo americano fique de fora dessa corrida – disse Derek, e suspirou.

As algemas tilintaram de novo, chamando a atenção do coronel.

– Qual foi mesmo o termo que você usou para esse bracelete? ‘Computador conectado a bolsões dimensionais’?

– Exato.

– Então, quer dizer que, não importa onde você esteja, você pode simplesmente materializar um armamento de guerra do nada?

– Não seria *do nada* – corrigiu Derek – O armamento é só realocado da quinta dimensão.

– Você quer dizer rifles, metralhadoras e sei lá que porcaria de arma era aquela.

– Aquela arma que vocês viram nas imagens não é daqui. A parte de cima lembra um rifle antimatéria com munição de 25 × 40 milímetros.

– Isso seria capaz de perfurar uma placa de blindagem a quinhentos metros...

– Mais que isso. Ela tem um mecanismo parecido com um disparador de feixe iônico. E um lançador de granadas.

– E como você troca tão rapidamente as funções?

– Tudo é disparado pelo mesmo gatilho. Aparelhagem com mira a laser, dispositivo de visão noturna, módulo térmico e sistema de camuflagem. Tudo sustentado e alimentado por um tipo de placa-mãe.

Coronel Wilson assobiou.

– Eu só consigo imaginar o que terroristas explodiriam para colocar as mãos em uma arma dessas.

– Eles costumam explodir a si mesmos antes de chegar perto de uma arma dessas.

Silêncio.

– Sabe o que é ainda mais assustador em saber que alguém como você anda por aí com um armamento desse tipo? – perguntou o coronel. – Saber que existe mais de um.

Derek continuou em silêncio.

– Lidar com você já tem sido uma dor de cabeça. Agora imagine o pandemônio quando descobrimos que uma maluca com equipamento similar ao seu resolveu tocar o terror em Ruanda, derrubando o governo local.

– Até onde sei, ela não está fazendo nada por lá sem apoio do povo. O pandemônio para vocês, na verdade, deve ser ver um país da África com um poder que vocês não podem controlar.

O coronel apertou os lábios e balançou a cabeça, sem desviar o olhar de Derek

– Mas ela é ou não é sua amiga? – perguntou o coronel. – Vocês não se conheceram no... *Cemitério*?

Derek fechou a cara e não respondeu.

– Mas você tem razão quando cita o apoio do povo – continuou o coronel. – Aquela mulher está conseguindo em pouco tempo tudo o que vários homens antes dela tentaram durante anos. Está unindo tribos que sempre se odiaram. Está conseguindo capital para investir nas cidades. Está derrubando sozinha qualquer drone ou esquadrão que aparece por lá – enumerou e então perguntou num tom mais baixo: – O que você acha disso, sargento?

Derek continuou em silêncio, observando o coronel.

– O que acha da bagunça que a sua colega Marie Utabazi tem aprontado?

– Ashanti – revelou Derek, como se o nome fosse um grito de guerra.

– Como é?

– O nome dela não é Marie – corrigiu-o novamente, com seriedade. – É Ashanti.



KIGALI, RUANDA

AS IMAGENS FORAM TRANSMITIDAS PARA O RESTANTE DO MUNDO.

Em uma sala com apenas uma mesa, uma cadeira, um laptop e uma péssima iluminação, Ashanti realizava uma videoconferência com quinze líderes mundiais. Era notável como, propositadamente ou não, ela agia como se fosse uma ligação informal entre amigos, não um encontro com líderes de países que poderiam declarar guerra ao seu.

– Senhorita Utabazi, nós gostaríamos de solicitar a presença do presidente de Ruanda nessa conferência... – instruiu o suíço Louis Schwiiz, secretário-geral das Nações Unidas.

– Quem solicitou essa reunião fui eu, secretário – disse Ashanti. – E é a mim que você e todos os outros líderes presentes responderão.

– Você admite que assumiu o poder em Ruanda? – quis saber ele.

– Respondo agora como chefe de Estado e tenho o apoio do meu povo, as mesmas pessoas a quem vocês viraram as costas.

O secretário comentou algo em francês com alguém fora da conferência.

– Em tudo referente a Ruanda, essa organização já assumiu responsabilidade publicamente no que lhe foi devido. Hoje, entretanto, Ruanda não é mais a vítima – definiu o secretário. – Hoje Ruanda é a ameaça.

– Ruanda sempre será vítima – afirmou Ashanti. – Esse é o legado catastrófico do controle europeu.

– Estamos aqui para negociar um cessar-fogo e evitar uma possível guerra – retomou o secretário.

Ashanti começou a rir, espalhando escárnio até a situação se tornar constrangedora.

– A ONU agora pretende negociar o cessar-fogo? – ironizou ela. – E quando Ruanda precisou de vocês? Vocês chamaram de volta os capacetes azuis assim que os conflitos começaram!

– Senhorita Utabazi...

– Dois mil e quinhentos homens reduzidos a duzentos e cinquenta – interrompeu a ruandesa. – Como foi essa decisão? Vocês espalharam baldes de pipoca por aí, enquanto observavam o genocídio durante aqueles dois meses? Eu sempre imaginei um engravatado entediado no seu Conselho de Segurança com os pés cruzados em cima da mesa, enquanto dava luz verde para a intervenção francesa, mudando os canais de televisão com um controle remoto.

– Uma intervenção com o objetivo de estabelecer uma zona de proteção para a população – insistiu o secretário.

– Zona de proteção! – zombou Ashanti. – Seria mais crível se muitos dos

responsáveis pelos massacres não tivessem também escapado através dessa zona.

– Seu governo ainda está invertendo papéis – tentou dizer o secretário.

– Não, ele não está – disse Ashanti.

As palavras saíram carregadas de fúria, espalhando-se como eletricidade.

– Senhorita Utabazi, em nosso atual momento político, não há como justificar os seus atos com base em acontecimentos históricos de vinte anos atrás.

– Você quer dizer com base em um massacre de mais de meio milhão de pessoas? E por que não? Porque somos africanos? A dor dos judeus é ensinada às crianças nas escolas, mas nós devemos resumir a nossa ao lugar desprivilegiado de onde viemos? Eu discordo. Por acaso o chefe de Estado japonês deixará um dia sequer de mencionar as bombas atômicas para o mundo? Mas é isso que vocês esperam dos países africanos, não é? Situações de genocídio como as que ocorreram aqui e na Somália são patrocinadas, em larga escala, pelo próprio governo de vocês. É esse o nosso histórico, certo? Pois bem, um histórico que está sendo modificado agora! – A mudança na expressão dela surpreendeu seus interlocutores. – Porque agora vocês estão diante de uma potência tecnológica independente. Olhem que curioso! Os homens das cavernas possuem brinquedos melhores do que os seus! E sabemos utilizá-los melhor do que vocês se colocassem as mãos neles! Ruanda não é mais o país que vocês deixaram de joelhos. Hoje nós nos levantamos para nunca mais cair. Vocês querem saber com o que estamos mexendo? Pois nós não vamos mostrar a vocês! Agora é a nossa vez de lhes dar as costas! E o que vocês pretendem fazer? Vão enviar os capacetes azuis? Os cybersoldados americanos? Robôs japoneses? Podem mandar! Eu vou destruir todos que cruzarem nossas fronteiras!

– A senhorita então se nega oficialmente a uma inspeção das Nações Unidas?

– À merda com você, suas bandeiras e a sua inspeção! *Inspeção...* – debochou ela. – E digo mais, quando a França treinou soldados ruandeses e forneceu armamento para o governo hutu esmagar os rebeldes tutsis, quando mulheres como a minha mãe foram violentadas durante a guerra, quando cabeças de crianças estavam sendo abertas a facadas, onde estava a porra da sua *inspeção*?

O secretário voltou a falar em francês com alguém de fora da conferência.

– Eu entendo francês – interrompeu Ashanti. – Se você está tão preocupado com a situação criada por vocês na última invasão de Ruanda, seja direto.

– A senhorita confirma a posse de reféns estrangeiros? – perguntou o secretário Schwiiz

– Algum dos seus líderes presentes confirma a invasão das fronteiras de Ruanda? – retrucou ela.

Ninguém confirmaria aquilo.

– Insisto para tentarmos agir com diplomacia – implorou o secretário.

– A diplomacia termina quando alguém saca a primeira arma. Você quer que

eu confirme que nós temos um refém israelense ainda vivo? Eu quero que Israel confirme primeiro que enviou uma equipe militar Sayeret, com um integrante usando um exoesqueleto de combate, de fabricação japonesa, para me matar. Eu quero primeiro que Israel confirme a operação militar invasiva que resultou na morte de onze soldados ruandeses! Israel pretende confirmar isso?

– Senhorita Utabazi, nós não podemos...

– Meu nome é Ashanti! – gritou ela, estremecendo o mundo.

O secretário pareceu desnorreado. Diante do silêncio dele, ela voltou a repetir:

– Israel pretende confirmar isso?

– Nós realmente não temos autorização para falar sobre nada disso neste momento. O que nós...

– Então me liguem quando tiverem.

A videoconferência foi encerrada.



SÃO PAULO, BRASIL
(MESES ANTES)

COMO HACKER, ELE ERA CONHECIDO PELA ALCUNHA B00MERMAN.

Fora da rede virtual, ele era Daniel Nakamura. Filho de japoneses, nascido no seio da comunidade oriental do bairro da Liberdade, em São Paulo, a maior colônia japonesa fora do Japão. Naquele momento estava diante do computador de uma das inúmeras casas de karaokê locais. Ao fundo, dez adolescentes vestindo *cosplays* e recém-saídos de um evento de animação japonesa cantavam, bêbados e felizes, o tema de abertura original de um anime clássico. Eram os únicos clientes no momento.

– O que pretende fazer quando chegar lá? – perguntou Daniel, usando o sistema remoto do bracelete.

– O que eu sempre faço – respondeu Derek do outro lado, dirigindo um jipe na direção de um ponto do sul no Iêmen.

– Uau...

– Você ainda fica chocado com isso? – estranhou o militar.

– Não é isso. Eu não estou julgando você. É só que... sabe... você é um ranger, eu sou só um geek..

– Você quer dizer que é mais fácil pra mim...

– Eu quero dizer que você optou e foi treinado para isso.

– Pensei que tivesse se voluntariado para me ajudar.

– Você sabe que sim – admitiu Daniel. – O que eu quero dizer é que antigamente o único tipo de violência que existia na minha vida era quando alguém ameaçava a minha família.

– Eu estou indo de encontro a rebeldes xiitas que deixaram crianças sem pernas após um bombardeio. O sentimento é o mesmo de quando ameaçavam sua família, Daniel. O que muda é a escala.

Daniel expirou pesado.

– Aliás, você está a sete minutos do local de confronto – disse Daniel.

– Como você pode saber disso? – perguntou Derek, admirado.

– Eu hackeei o seu GPS.

Derek suspirou, eternamente surpreso com aquele rapaz. Ainda não haviam se visto desde que retornaram àquela dimensão, mas isso não impedira Daniel de auxiliá-lo em suas missões. Na verdade, o garoto parecia se sentir mais à vontade por meio de contatos virtuais. E assim Daniel se tornou uma central de comando para Derek, composta de um homem só. O braço-direito, o suporte técnico, o auxílio de raciocínio tático.

O hacker mais influente do mundo.



TUDO CONSISTIA EM APRIMORAR. Desde que acordara na realidade que conhecia, Daniel se concentrava em compreender e atualizar a tecnologia que trouxera consigo. O bracelete cristalizado continuava com o mesmo funcionamento: era sensível ao toque e, ao ser acionado, o círculo de luz se acendia. Manuseando o objeto, Daniel conseguia controlar matéria alocada em bolsões dimensionais; mas talvez, com um pouco de esforço, pudesse ir além.

Assim começaram os testes.

Primeiro, ele tentou desenhar runas que encontrava na internet. Tentou descobrir outras funções bélicas, mas não chegou a conclusão alguma. Lembrou-se de como Derek usava o comando de voz e, seguindo o mesmo raciocínio, acionou o painel, girou-o, e um fecho de luz foi projetado do bracelete. Era com aquele traço luminoso apontado para as cordas vocais que o mecanismo gravava comandos de voz.

– Se você é capaz de escanear e reconhecer um comando de voz, do que mais é capaz, hein? – disse Daniel, sem tirar os olhos do bracelete.

A mente de Daniel começou a repassar tudo o que sabia sobre programações e códigos. Ele direcionou o fecho de luz para o teclado de seu computador, depois novamente para suas cordas vocais e pronunciou um tanto desconfiado:

– Teclado.

O sistema do bracelete foi ativado e a luz do círculo se intensificou. Daniel hesitou, tentando controlar a ansiedade. Seu corpo inteiro suave. Então tocou outra vez no bracelete e, dessa vez, sem titubear, proferiu o comando:

– Teclado!

Um teclado de luz surgiu do bracelete e flutuou à sua frente. Daniel abriu um sorriso.

– *Oh my fucking God!* – gritou. – Se eu conseguir fazer você dialogar com o wi-fi, isso vai causar um estrago. Isso teria sido bem útil há alguns meses.

Daniel se lembrou de quando a consciência estava no outro mundo.

Abandonados à própria sorte em um vilarejo de outro mundo, duas pessoas que nem se conheciam haviam sido obrigadas a caçar e matar um demônio-bruxa. Daniel se tornara cúmplice de um sujeito condenado previamente por bruxaria e constantemente tinha dúvidas se gostaria de enforcá-lo ou abraçá-lo. Um estranho que se tornou seu companheiro de batalha.

Romain Perrin. Francês. Dublê de filmes de ação. Maluco. Melhor amigo.

Era inacreditável o que se podia conseguir numa guerra.

Haviam sobrevivido a percalços inimagináveis, aprenderam a sobreviver em um lugar de natureza alienígena e ainda mataram uma criatura abissal. Essa era a parte de que mais se orgulhavam. Os dois, sem ajuda de ninguém, haviam realmente matado uma criatura das profundezas.

Em um mundo de entidades, demônios e dragões, dois sujeitos “normais” conseguiram sobreviver por tempo até demais. De fato os cenários não paravam de surpreendê-los; raças banidas, anões forjadores de metal-vivo e homens-leões. Um mundo capaz de gerar uma tecnologia simbiótica e dimensional, com componentes destrutivos o suficiente para dizimar hordas abissais.

Daniel se lembrou de quando os viu pela primeira vez. Ele e Romain estavam prestes a serem esmagados pelas correntes de um demônio-bruxa, quando dois tiros de um rifle hi-tech os salvaram. Um homem e uma mulher vestindo roupas de guerra uniram tecnologia à magia e sobrepujaram a demoníaca. E antes que Daniel e Romain pudessem se dar conta do que estava acontecendo, o casal os convocou para uma guerra. Eram poucos para lutar contra os demônios e eles nunca entenderam por que tinham sido escolhidos.

Romain era o seu irmão de batalha, e o irritara tanto quanto o ajudara a não enlouquecer em um mundo tão hostil.

Uma terra conhecida apenas como o Cemitério.

O lugar onde a morte estava sempre à espreita.

Enquanto olhava para o teclado holográfico à frente, Daniel lembrou-se de quando ganhara o bracelete e da sensação quando o colocara pela primeira vez.

Os olhos arregalados, a boca aberta. Os pelos arrepiados. O círculo de luz se acendendo com um simples toque. Era como mergulhar a mão na camada mais fina do véu de uma cachoeira. Era tangível, mas ao mesmo tempo etéreo. Era uma sensação única. Os movimentos dos dedos criavam desenhos de luz, que desapareciam como se absorvidos.

E Romain, como era de se esperar, dissera com seu jeito típico:

– Tomara que a gente volte vivo com essa coisa! Nós poderemos vender isso por bilhões, igual àqueles seus amigos nerds que moram na garagem dos pais, lá no Vale do Silício!

Daniel rira, apesar de concentrado. Ele compreendia o conceito dos bolsões dimensionais, mas ainda lhe faltava coragem para alcançar o verdadeiro potencial do bracelete e da bioarmadura.

– Eu não sei se estou pronto para... – dissera ele.

Derek os ajudara a acionar o círculo de luz dos braceletes. Ao mesmo tempo, desenhou os dois primeiros riscos do símbolo de uma estrela, que lembravam um V invertido. Na mesma hora, as bioarmaduras se fragmentaram e cobriram por completo o corpo de Daniel e Romain. Daniel lembrava-se perfeitamente da sensação claustrofóbica e de como tudo havia sido chocante. A primeira reação de ambos fora gritar. Daniel trancara os dentes, encolhera os ombros e apertara

os olhos durante a simbiose. Já Romain...

– Ai, ai, ai, desgraçada-maldita-filha-da-puta! Tá queimando! Tá queimando! Tira! Tira! Tira! Tira antes que... – E então o êxtase, que Daniel também sentira: – Ah...

Foi uma dose superabundante de enzimas, que poderia até causar um infarto em alguém menos saudável. O metal-vivo se espremera em alguns pontos e se esticava em outros, ajustando-se aos hospedeiros. Um cabo integrado ao capacete lhe perfurara a nuca, conectando-se diretamente ao sistema nervoso central, causando uma descarga elétrica em ambos. E então o sangue de dragão se misturara ao sangue humano.

Era aquilo que queimava.

Em Daniel, o sangue de dragão azul provocou espasmos. O metal-vivo começou a se alimentar de informações do hospedeiro, desde os sinais vitais e as possíveis alergias até as memórias e emoções. Daniel acompanhou enquanto a bioarmadura absorvia parte da sua personalidade e dos seus anseios, além de algumas das suas lembranças mais marcantes. A relação com o pai alcoólatra, o amigo morto em um trote de faculdade, o hacktivismo anônimo, as aulas de artes marciais e os caminhos da espada junto com o irmão mais velho. O simbiote sugou toda a sua experiência de luta e ampliou o raciocínio. Daniel reviu todas as técnicas aprendidas ao longo dos anos, e sua mente se expandiu em relação ao combate marcial. Não sabia quanto tempo tinha se passado, mas, quando tudo terminou, Daniel era uma nova pessoa. Já não sentia mais as dores musculares, sua concentração estava aguçada, o raciocínio, acelerado, e o fôlego, renovado.

E ele se sentiu no topo do mundo.

– *Yippee-ki-yay, motherfucker!* – gritara a plenos pulmões.

– *VICTORY!* – devolvera Romain, compartilhando da mesma sensação.

Os dois agarraram o capacete um do outro e berraram feito dois insanos. E então começaram a correr de um lado para outro, sem motivo algum. Romain saltara corpos, escalara árvores e rolara pelo chão; Daniel sacara a espada e começara a lutar contra inimigos imaginários, e ambos continuaram a gritar e correr de um lado para outro.

– Acho que deram muito açúcar pras crianças – dissera a mulher que os observava.

– Antes fosse açúcar – comentara Derek

E continuaram a observar os dois homens adultos enquanto eles gastavam uma quantidade infinita de energia como se fossem adolescentes.

– Você pretende chamá-los? – perguntara ela.

– Daqui a pouco – fora a resposta.

Eles permaneceram lado a lado e em silêncio, por mais um tempo, observando a cena.

Derek olhara para ela de lado.

- Admita, eles até que são divertidos...
 - Tudo de que nós precisamos neste momento – dissera ela.
- Realmente era inacreditável o que se podia conseguir numa guerra.



E FOI ASSIM, TESTANDO E testando e testando, que Daniel descobriu *mais* coisas inacreditáveis que aquela tecnologia podia fazer. Com apenas um toque no círculo de luz, era capaz de invadir contas, modificar cadastros e movimentar todo um mundo cibernético. Por último, testou uma comunicação. Assim como havia feito com Derek, desenhou as runas e aguardou. Das outras vezes não havia funcionado, mas naquela sentiu o bracelete *pulsar*. Segurou a ansiedade até escutar:

– Ei! Que diabos é isso agora? – A voz em meio aos resmungos era altamente reconhecível.

– Sou eu, seu idiota! – respondeu Daniel, abrindo o sorriso mais largo possível.

– Ah, eu não acredito! – rebateu a voz de Romain. – Nem *aqui* você consegue ficar longe de mim, não é, nerd?

Daniel Nakamura continuava sorrindo.

Era aquele também um mundo de idiotas e heróis.



VIRGÍNIA, EUA

O CORONEL HAVIA SE AFASTADO UM POUCO DA MESA.

A cadeira ranguu de novo e as rodas marcaram o chão quando ele cruzou os pés em cima da mesa. As mãos se fecharam sobre o colo. O olhar debochado permaneceu.

– O que mais me surpreende nisso tudo é que você não parece estar brincando sobre essa coisa de outra dimensão... – disse o coronel.

– E eu nem citei criaturas do Abismo, entidades e demônios reptilianos.

– Não, por favor, guarde um pouco de suspense.

Coronel Wilson olhou para um ponto da parede aparentemente comum. Derek sabia que ele estava conferindo uma das câmeras daquela sala.

– Então, me explica agora uma coisa, ao acordar do coma na *nossa dimensão*, você destruiu a célula terrorista, começou a patrulhar o mundo, virou *action figure* e aceitou a convocação para se entregar de livre e espontânea vontade ao Pentágono, sabendo que ia ser interrogado, certo? – enumerou. – O que falta nessa história é o seguinte: no início você comentou com o agente Oliver que, se ele expusesse você, ele teria de falar sobre missões confidenciais...

Derek assentiu. Como o coronel se manteve em silêncio, ele percebeu que não seria suficiente.

– Eu disse que ele teria de falar sobre falhas de missões confidenciais.

– E é aí que eu queria chegar – disse o coronel, apontando para ele. – Porque pra sua história ficar clara pra mim e pros outros militares, nós precisamos entender o que desencadeou tudo isso. Precisamos que você nos conte o que realmente aconteceu em *Fireworks*, a ponto de você retornar e transformar a morte de Saleh Ayman em um show de horrores da internet.

Derek mordeu o lábio. Reviver aquilo seria ainda mais difícil. As lembranças surgiam e o obrigavam a absorvê-las, da mesma forma que a entidade em sua bioarmadura quando se alimentava de seu conhecimento.

– Coronel, o senhor tem ciência da minha unidade dentro do grupamento ranger? – perguntou.

– Você fazia parte do Destacamento de Reconhecimento Regimental.

– Sim. Mas o senhor faz ideia do que essa unidade se tornou após a chegada do novo comando?

O coronel franziu a testa e apertou os olhos.

– Que novo comando? Você se refere ao general?

– Sim. Eu me refiro ao general Ibuki.

O coronel descruzou os pés e os tirou da mesa, endireitou a postura e ficou sério. Na outra sala, os líderes militares se aproximaram instintivamente do

espelho, como se assim pudessem se aproximar também do interrogado.

– Continue – pediu o coronel.

– O senhor tem certeza de que gostaria de falar sobre isso diante de outros quarenta e sete líderes militares?

Os líderes se olharam e se afastaram instintivamente do espelho.

– Se 'eu gostaria'? Não, sargento, eu não gostaria de nada referente ao que estou tendo de fazer nesse caso. Mas ou eu faço isso, ou nós teremos de tratar você como uma ameaça terrorista, o que nos levaria a ter uma conversa bem diferente. Porque este país não negocia com terroristas.

– Com todo respeito, eu também não vim até aqui para negociar.

– Pois eu espero que, até o fim da nossa conversa, você compreenda que veio sim.

– E o que estaria em negociação aqui hoje?

– Seu tempo... *nesta dimensão*.

A cadeira novamente entortou e rangeu.

Coronel Wilson voltou a folhear a ficha de Derek com as informações de inteligência.

– Sabe, nesse momento, o general Ibuki está em um voo militar do Sudão pra cá só para vê-lo.

– Ele não vai gostar de saber que começamos sem ele.

– Talvez não – concordou o coronel. – Mas eu e os outros quarenta e sete aqui presentes estávamos ansiosos demais para rever você.

– Eu me sinto lisonjeado.

– Para aumentar suas chances de continuar a se sentir assim, que tal me contar o que você sabe antes de ele chegar?

O som do relógio de parede da sala pareceu mais alto. Incomodava Derek. Cada movimento do ponteiro de segundos arranhava um pedaço da sua sanidade.

– Dentro do Regimento Ranger – disse Derek –, somos treinados para operações de ação direta e exploração de campo. Entretanto, ainda assim o RRD conta com equipes de três ou quatro soldados especializados em reconhecimento, capazes de sobreviver por dias atrás das linhas inimigas.

– Filho, ainda bem que eu sou coronel, do contrário, eu jamais saberia disso...

Derek entendeu a ironia, mas o irritou mesmo assim.

– A questão, coronel, é que, após a chegada do general, o RRD se tornou ainda mais elitizado. Duas equipes de cinco pessoas foram selecionadas para um treinamento ainda mais intenso e sigiloso. Nos registros contavam apenas com o encontros para aprimoramento. Na prática, nossas missões e o nome de cada um nessas equipes nem entravam nos relatórios. O slogan era: 'um inferno por semana.' – Derek sorriu, como se sobreviver àquilo fosse motivo de orgulho. – Treinávamos com o SAS, com a Delta, com os Sayeret Matkal. Até incursão em favela brasileira nós fizemos...

– Vocês se meteram em favela brasileira?

– É sério. As tropas urbanas de lá percorrem os morros sem ajuda de mapa. É uma loucura. Uma aula de reconhecimento de território.

– Barra-pesada você, hein?

– É, eu sei. Eu mereço uma medalha.

Coronel Wilson achou graça. No fundo, gostava daquele sargento. Se necessário, o torturaria pelas informações, mas simpatizava com ele.

– Nós sabíamos desse treinamento – disse o coronel. – Mesmo Ibuki não teria acesso ao orçamento militar sem prestar contas...

– Não duvido de que soubessem do treinamento. Duvido apenas de que vocês conheçam o verdadeiro objetivo do general com tudo isso.

– O que mais você pode me dizer sobre essas unidades ranger específicas?

– O objetivo era estarmos aptos para realizar operações de reconhecimento em qualquer tipo de terreno, em qualquer horário, em qualquer circunstância.

– Nada para que vocês já não fossem preparados.

– Era diferente! – destacou Derek – No grupamento Ranger, somos preparados para agir em grupo. Um ranger é capaz de carregar outro nas costas por horas sob fogo inimigo. Só que o general Ibuki queria nos transformar em uma espécie de ‘superesquadrão’, com homens capazes de resolver sozinhos uma missão, mesmo que os outros fossem eliminados.

– Deixa eu ver se entendi – ponderou o coronel. – Em meio ao processo geral e não relatado, o general estava treinando duas unidades de cinco selecionados, que deveriam ser capazes de rastrear um campo inimigo, realizar uma ação direta e voltar com as informações?

– Em vinte minutos.

O coronel riu.

– Em *vinte minutos*?

– Esse era o tempo de ação, após o reconhecimento. Ele se baseou naquela operação da marinha russa, quando um petroleiro foi interceptado por piratas somali, ao seguir pra China. A equipe enviada resolveu a missão em vinte e dois minutos.

– Só que naquela situação eles contavam com o reforço de um antissubmarino de guerra gigantesco.

– Em último caso, se ficassemos presos sob linhas inimigas, uma equipe Ranger maior de prontidão seria então enviada para o reforço de combate convencional contra os monstros.

– Você gosta mesmo desse termo, né?

– Nós tínhamos nossos próprios códigos. O alvo era o monstro. Nomeamos o reforço de SD, os soldados-demônio. Para a organização criminosa ou extremista usamos Império. Cada missão era chamada de um episódio. E cada episódio deveria durar até vinte minutos.

O coronel coçou o queixo, refletindo sobre o que escutara. Na outra sala, alguns líderes se mostravam tranquilos porque já estavam a par daquelas informações; outros, surpresos pelo motivo oposto.

– É impossível definir um padrão de tempo de ação tão curto para missões com esse perfil.

– Nós também achávamos.

– E quando mudaram de opinião?

– Quando começou a funcionar.

Silêncio.

– Como eram os codinomes das equipes? – perguntou o coronel, levando aquilo mais a sério.

– Uma unidade era chamada de Maskmen. A minha era chamada de Flashmen.

O coronel franziu a testa.

– *Flashmen*?

– Nós éramos rápidos – explicou Derek, sorrindo. – Um monstro morto em vinte minutos, lembra?

– As duas equipes realizavam missões em conjunto?

– Raramente, mas acontecia às vezes – admitiu Derek – Quando as duas participavam do mesmo episódio, nós chamávamos a missão de *crossover*.

– Você se lembra da sua primeira missão?

– Claro. Esse episódio é inesquecível.

– Como a missão foi nomeada?

– Episódio-piloto.

Os dois riram ao mesmo tempo, como fariam bons amigos.

– Então foi nesse piloto que tudo começou...

– Foi – concordou Derek – Ele foi o gatilho que resultou na minha ida ao Cemitério. E me transformou no que sou.

Coronel Wilson ponderou sobre aquilo.

– Por falar em Cemitério, eu ainda tenho uma dúvida...

Derek mexeu as algemas e a corrente tilintou.

– Estou meio ocupado no momento, mas se sua dúvida for mesmo importante...

O coronel sorriu, a mão de volta no queixo.

– Digamos que, por um único momento, eu acredite em você. Digamos que eu desligue qualquer racionalidade e leve em consideração suas teorias de dimensões e física quântica sci-fi. E sabendo que existem por aí outros iguais a você... a pergunta mais importante é... há alguma possibilidade de outras coisas vivas terem retornado com você?

Derek permaneceu em silêncio.



KIGALI, RUANDA

ERA INACREDITÁVEL QUE AQUELE LUGAR EXISTISSE ALI.

No meio de uma África onde quase metade da população vivia abaixo da linha da pobreza, uma instalação como aquela podia ser comparada a uma igreja repleta de ouro na era medieval. Aproveitando uma antiga e secreta base militar ruandesa na região das montanhas de Virungas, um salão tecnológico foi construído. Do lado de fora, soldados armados com fuzis adaptados se mantinham de prontidão, atrás de grades de alta voltagem. A cada hora, uma matilha de cães treinados corria pelos arredores, buscando atividade fora do padrão. Veículos grandes estavam estacionados na parte de trás, entre jipes e caminhões, e era possível encontrar até um tanque. O interior da instalação, porém, era o que mais impressionava. Caminhar pelos salões da base secreta era como sair de Kigali e entrar em um portal que levava a um cenário inteiramente distinto. Havia máquinas de metal espalhadas entre arquiteturas esféricas, e uma série de monitores conectados a computadores de processamento dez vezes superiores aos mais desenvolvidos até então ficavam sempre ligados. Cientistas, programadores, chefes militares e médicos circulavam pela área diariamente, acompanhando o progresso das pesquisas e a manutenção. Tudo no lugar cheirava a produto de limpeza. A temperatura era fria e constante. Havia salas para refeições, reuniões, pesquisas e recepção de convidados – a maioria estrangeira. Esses convidados eram em número bem reduzido e de escolha estratégica: os principais responsáveis por pagar a conta daquilo tudo.

E aquilo tudo só existia por causa da rainha. Após acordar de um coma, expulsar terroristas nigerianos, ser adorada como uma divindade e destronar a liderança de Estado com apoio popular, Ashanti se tornou um símbolo para seu povo. Em discursos realizados no Centro Memorial de Kigali, ela convocou mulheres tutsis a perdoarem as desavenças, mesmo porque ela não aceitaria desunião em sua nova Ruanda. Levantou fundos com ajuda do capital estrangeiro para investir na melhoria de escolas e de hospitais. Reconstruiu o sistema de luz e água de orfanatos. Conseguiu alimentar os famintos. Concedeu bolsas para que jovens se especializassem fora do país em áreas estratégicas como Medicina, Direito e Engenharia. E apesar das relações ainda tensas com os vizinhos, principalmente com a República Democrática do Congo, para onde fugiram em massa os hutus após a reconstrução nacional, Ashanti tentava fazer daquele país um exemplo e insistia em uma relação diplomática.

Sua maior revolução na cultura ruandesa, entretanto, foi sua revelação pública como uma criança de origem Interahamwe. Uma filha dos estupros de mais de quinhentas mil mulheres, à época do genocídio.

Oriunda de Kibilizi, sua mãe tinha vinte anos na época do massacre e foi uma das escolhidas pela milícia hutu Interahamwe, que posteriormente serviu de base para os nomes dados às crianças nascidas da violência. Ela foi obrigada a se reunir com as outras mulheres tutsis em um campo de futebol da cidade, ao sul de Kigali, e então forçada a ir até os campos próximos de banana e milho, onde foi violentada mais de uma vez. Aquela era a recompensa da milícia aos homens com coragem para matar durante o genocídio. O legado da brutalidade foi o HIV, a pobreza e as crianças bastardas. Nascidas de uma violência da qual não tiveram culpa, as crianças foram rejeitadas ao se tornarem memórias vivas de tudo o que aquelas mulheres queriam esquecer. Como resultado, muitas tentaram matar os próprios filhos.

Ainda assim, muitas crianças sobreviveram e cresceram na dor. Estimava-se que um milhão de crianças haviam se tornado órfãs. Ashanti era uma delas.

Em todos os sentidos, ela era uma delas.

E por isso o povo a escutou. E foi assim, embasada pela identidade e pelo reconhecimento, que a ruandesa convocou um exército de excluídos para lutar a seu lado. Matou em praça pública hutus que ainda hostilizavam mulheres tutsis estupradas e as chamavam de prostitutas. Discursou o quanto foi necessário para convencer as mulheres de que aquelas crianças não eram uma maldição, mas a única família que elas ainda tinham. Como lema, adotou uma palavra que tatuou na própria pele: *Ubuntu*. A filosofia africana que simbolizava a capacidade humana de compreender e aceitar o outro. Um conceito de generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados e o desejo de harmonia. Tudo o que ela esperava de sua nova Ruanda.



PARA RECONSTRUIR SEU PAÍS, ao lado dos antigos líderes destituídos de seus poderes, mas não de seus trabalhos, Ashanti convocou multimilionários com um projeto de investimento. Contou a eles parte de seus planos e fez demonstrações da tecnologia que havia trazido consigo. Foi assim que conseguiu os primeiros investidores. Começou com uma seleção criteriosa dentre os bilionários interessados. Ashanti os recebia, apresentava o projeto e os deixava perceber por conta própria o quanto o mundo estava prestes a mudar. E, mais do que isso, que essa mudança não viria de um polo tecnológico asiático, nem de uma ideia criativa latina, muito menos de uma *startup* americana.

Viria do centro de um país africano ignorado pelo mundo.

E o que estava sendo desenvolvido naquele lugar não era o aprimoramento de uma tecnologia existente, era a revelação de uma tecnologia original.

Uma tecnologia dimensional.

Antes das visitas, Ashanti avisava o convidado de que eles fariam um acordo verbal. E que, em caso do vazamento de qualquer tipo de informação sigilosa pela parte daquele visitante, ela invadiria suas fronteiras, o encontraria onde quer que estivesse e o mataria. A frase era sempre dita com uma voz fria e sem emoção. Quando a pessoa compreendia o que estava em jogo e ainda assim pedia para prosseguir, ela a guiava. Caso considerasse tudo aquilo arriscado demais, tinha o direito de ir embora. Apenas um empresário russo resolvera desistir após a primeira etapa e, mesmo assim, quando estava prestes a entrar no jato e retornar a seu país, se arrependera e pedira por uma segunda chance. Na ocasião, Ashanti exigiu que ele doasse o equivalente ao valor do próprio jato em mantimentos para o povo ruandês. Ele aceitou e cumpriu a promessa.

De qualquer maneira, os bilionários eram convidados a testemunhar as instalações e nem sempre era motivo suficiente para que assinassem os talões de cheques.

Então ela os levava à Antessala.

Originalmente projetada como um bunker secreto, a sala tinha um acabamento assustador reforçado em granito e aço. Protegido por uma porta de trinta toneladas, capaz de aguentar uma explosão de mais de mil bombas atômicas, o salão, que custou milhões aos governos anteriores, lembrava um cofre-forte de banco, construído à base de dinamite, pá e picareta. No canto da Antessala, junto à parede do fundo, ficava a máquina que chamavam de Órbita. Aquele era o aparato que mudaria tudo. Seu formato lembrava uma versão agigantada de um brinco de argola. Tratava-se de um círculo metálico preso ao chão, conectado a fios e a estabilizadores, com um gerador de energia totalmente dedicado ao sistema. Havia símbolos de runas espalhados pelo contorno, fundidos diretamente ao metal. Uma estrela de cinco pontas ocupava o interior da esfera de um canto a outro.

O convidado por fim era levado por uma ponte a um ambiente externo, onde ainda podia ver o interior por meio dos monitores conectados às dez câmeras espalhadas pela Antessala. Era uma experiência inesquecível. Ao lado de pessoas uniformizadas e na frente dos monitores, o convidado observava Ashanti se posicionar sozinha na Antessala diante do Órbita. Ela então materializava uma faca de lâmina afiada, em seguida se aproximava do centro do círculo e cortava uma linha na palma da mão. Com o punho virado, Ashanti esperava enquanto o Órbita recebia o sangue mesclado.

Quando o círculo se alimentava do sangue, ele conectava as duas dimensões. Nesse momento, a ruandesa se afastava, enrolava uma bandagem no ferimento e proferia de maneira ensaiada: *Mabadiliko*, uma expressão relacionada a

“mudança”, em suaíli.

Era isso. Bastava uma palavra para uma bioarmadura com runas douradas vivas espalhadas pelo corpo envolvê-la totalmente. E com apenas dois toques no bracelete de cristal, duas facas com lâminas maiores do que seus antebraços se materializavam em suas mãos. Até que Ashanti gritava lá de dentro: *Pode ligar!*

Os uniformizados então começavam a teclar em códigos indecifráveis, e um homem de jaleco branco acionava uma alavanca de força-motor. As runas no metal se acendiam. Uma energia luminosa intensa surgia no centro, fortalecendo-se gradativamente e causando um apagão nos monitores por alguns segundos.

Aquele era o momento em que Ashanti acionava a engrenagem extraplanar.

O momento em que ela abria o portal dimensional.

E matava o que quer que saísse de lá.

Do Órbita já haviam escapado seres grotescos, animais monstruosos e formas de vidas desconhecidas. Independentemente do tipo, todas quase sempre reagiam de maneira hostil e eram eliminadas.

Naquele dia, Ashanti se posicionou no centro da Antessala como sempre e deu a ordem. O gerador foi ativado, o som do maquinário preencheu o ambiente, as runas se acenderam e o sangue foi absorvido. O centro se tornou um globo luminoso, um ruído animalesco escapou do vórtice, e o globo de luz se apagou.

Esse era o momento em que Ashanti visualizaria a criatura antes de matá-la. Porém, o que viu a fez vacilar. À sua frente se estendia um humanoide gigante e de aparência hostil. Foi a primeira vez que a ruandesa tremeu e perdeu o equilíbrio antes de avançar para o combate.

O Órbita havia trazido um dracônico.



PARIS, FRANÇA

A CIDADE LUZ.

Localizada em um dos meandros do rio Sena e conhecida pelas longas avenidas arborizadas e pontes, pelos museus e cafés com esplanadas aquecidas, candeeiros de ferro e alguns dos monumentos mais visitados do mundo. A terra de grandes pintores da História, de filósofos influentes e de romancistas revolucionários. De diretores que ajudaram a definir o conceito de cinema europeu e de cenários de filmes eternizados pela sétima arte.

Paris era tudo isso. E também a cidade de Romain Perrin.

– Eu não acredito que você está realmente aqui! – disse o francês, com o eterno tom debochado.

Daniel limpou da boca o chocolate espremido de um crepe. Vestia um moletom com uma imensa caveira branca no peito e calça jeans skinny escura. Calçava uma bota casual e carregava uma mochila nas costas.

– O que eu não acredito é em como esse negócio pode ser tão bom... – comentou Daniel, voltando a comer.

Naquele momento, a dupla caminhava pela Champs-Élysées, o *boulevard* mais glamoroso da cidade.

– Você está em Paris, não em Tóquio, japa! O nível aqui é mais alto. Aqui ninguém mata cachorro de rua pra servir em espeto!

– Eu sou de São Paulo! – corrigiu Daniel, pela milésima vez desde que se conheceram. – E acho que você quis me ofender com um estereótipo de restaurante chinês.

– É o preço por você me fazer falar inglês em Paris.

Daniel continuava a registrar a cidade com sua câmera digital. Arborizada ao longo dos dois quilômetros que ligavam o Arco do Triunfo à Place de la Concorde, a avenida reunia as principais joalherias e lojas de grandes grifes. Além disso, era vizinha do Palais de l'Élysée, a residência oficial do presidente da república.

– É aqui que ocorrem os maiores eventos de Paris, não é? – perguntou.

– Vamos ver... se você estiver se referindo às celebrações esportivas... ao desfile de Catorze de Julho... e talvez à etapa final do Tour de France... sim, é aqui mesmo...

– Eu nunca sei se te dou um soco ou um abraço...

– Na dúvida, escolha sempre o soco! Esse negócio de abraçar demais é coisa de brasileiro.

Daniel terminou de comer e jogou o prato de plástico em uma lixeira. Então emendou um soco forte no braço de Romain e ganhou um resmungo em retorno.

– *Merde, fils de pute!* – gritou o francês, friccionando o braço. – Eu não estava falando sério!

– Então, da próxima vez, escolha o abraço.

– Da próxima vez, *eu* vou dar um soco! Na sua cara!

Eles pararam e ficaram se olhando em meio à multidão que continuava andando. De repente, começaram a rir como se fossem amigos de infância se reencontrando muitos anos depois.

– Você sabe o que significa a gente se encontrar aqui, não sabe? – questionou Daniel.

– Que você aprendeu a não ter medo de andar de avião?

– Que aquilo tudo foi real. De alguma forma, foi real.

Romain voltou a andar e Daniel percebeu o incômodo do amigo.

– Eu não sei o que significa esse nosso encontro aqui, Daniel – comentou Romain, em um momento raro de seriedade. – Mas fico feliz que seja uma realidade que a gente reconheça.

Chegando à Place Clémenceau, o nipo-brasileiro sacou a câmera digital para registrar o Petit Palais e o Grand Palais, duas das construções mais destacáveis na arquitetura da cidade.

– E você? – perguntou Daniel, guardando a câmera. – É verdade aquela conversa de filmes de ação?

Romain sorriu, estufando o peito. Puxou um cigarro do bolso, colocou-o na boca e acendeu, confirmando com a cabeça.

– *O voo do dragão francês!* Não é ótimo? Daqui a um tempo eu mal vou conseguir andar por esta avenida sem ser assediado! – exclamou com orgulho, abrindo os braços e quase enfiando o cigarro no olho de um transeunte. – *Pardon! Pardon!*

– Mas... assim... você é o astro do filme? – quis saber o brasileiro.

– É claro! – exclamou Romain, como se fosse óbvio. – Na verdade, eu sempre fui o astro do filme. Só que agora isso ficou ainda mais evidente!

– Devem ter se arrependido rapidinho.

– Não me lembre de que ainda te devo um soco! Na cara!

Aproximaram-se da praça. Daniel, de tempos em tempos, olhava para trás como se buscasse alguma coisa. Romain estranhou.

– Qual o seu problema? – resmungou. – A polícia está atrás de você?

– Claro que não! Eu apenas gosto de olhar para a arquitetura, seu idiota! – rebateu Daniel. – Por que a polícia estaria atrás de mim?

– Porque você é a porra de um hacker capaz de fazer os norte-coreanos se sentirem no primeiro dia de aula de Windows!

Daniel ficou sem reação. Abriu a boca para falar alguma coisa e então desistiu, voltando a sorrir.

– Tá – admitiu. – Nessa você mandou bem.

Romain soprou fumaça de cigarro.

– Além disso, você resolve andar por Paris de moletom e com a porcaria de uma caveira branca gigante no peito!

– Qual o problema da caveira?

– O problema já começou no moletom!

– Esse é o símbolo do Justiceiro, tá legal!? – exclamou Daniel, como se aquele fosse um argumento irrefutável.

– O que seria motivo de orgulho se você tivesse treze anos! – complementou Romain. – Ou não! Já que os garotos de treze anos de Paris se vestem melhor do que você!

Daniel fechou a cara, mal-humorado. Então simplesmente olhou para frente e começou a andar mais rápido. Romain correu atrás.

– Ah, o nerd ficou chateado porque o tio tirou sarro do brinquedo dele!

– Eu não fiquei chateado – resmungou Daniel.

– Ei, ei, tá legal! O seu moletom é lindo e descolado, ok? Tudo bem que alguns *mâitres* vão nos impedir de entrar em alguns restaurantes, mas quem precisa jantar no Alain Ducasse se existe Burger King, não é verdade? – continuou Romain, sem conseguir parar. – A gente pode até ganhar uma daquelas coroas de papelão! Combinaria com o seu moletom! Já pensou? ‘O Rei Justiceiro’? Você pode nomear um personagem de RPG!

– Falou o protagonista de *O voo do dragão francês*!

– Filme cujo símbolo, em breve, estará nos moletons de crianças de treze anos do mundo todo. E também no seu!

Daniel cobriu o rosto com a mão, balançou a cabeça, suspirou e começou a rir, afinal eram as únicas coisas que costumava fazer perto daquele francês. Eles chegaram na metade do trajeto, na área do jardim. Era uma pequena praça redonda, dotada de fontes e flores. A decoração mudava várias vezes ao ano, de acordo com as flores de cada estação. Naquele momento, alguns turistas faziam poses e tiravam fotos, casais de idosos andavam de braços dados e casais mais jovens passeavam com carrinhos de bebês. Daniel caminhava para o centro da praça, quando Romain o interrompeu, o semblante sério.

– Cara, eu vou apresentar uma pessoa pra você, mas antes eu preciso te explicar algumas coisas...

– Você vai me apresentar uma pessoa? – perguntou Daniel, surpreso.

– Não nesse sentido, nerd! – reclamou Romain. – Eu nem saberia escolher uma mulher para você!

Daniel fez menção de que iria voltar a andar e deixá-lo falando sozinho de novo, quando Romain tomou à frente, erguendo os braços.

– Ei, tá bem! Trégua, ok? – pediu, sincero. – Eu realmente preciso te contar algumas coisas, mesmo porque você é a única pessoa que me entenderia.

– O que foi, cara? – perguntou Daniel, preocupado.

– Sabe... quando eu acordei nesta dimensão... eu estava em um hospital em Los Angeles – começou a explicar Romain, inseguro. – E conhecendo os custos do sistema americano, imagino o quanto a seguradora da produção do filme deve ter torcido pra eu morrer logo!

– Vamos fazer assim – pediu Daniel. – Eu sei que é difícil pra você, mas evite os comentários sarcásticos e vá direto ao ponto.

Romain travou e soprou fumaça de um segundo cigarro no rosto de Daniel. O brasileiro suspirou.

– Está certo – concordou. – O resumo é o seguinte: eu recebi poucas visitas e dei várias entrevistas. Saí em alguns sites de notícia como ‘o dublê que voltou à vida’, esse tipo de porcaria. E os produtores daqui acharam que isso seria uma baita propaganda pra um filme de ação! Aí me perguntaram dos meus exames médicos e, por mais incrível que fosse, eles estavam melhores do que nunca! Eu vim conhecê-los e a gente fez um teste. E, cara, eu não sei se isso também aconteceu com você, mas eu não voltei humano daquele lugar! Eu simplesmente voltei espetacular! Eu posso fumar dez maços deste negócio nos intervalos das cenas, que vou continuar a correr sem cansar. Eu posso me chocar contra carros, cair de alturas surreais, pular no meio do fogo. Posso tudo e não sinto dor! Isso não é muito louco?

– Eu tenho uma teoria de que o metal-vivo acessa as partes mais desenvolvidas do nosso cérebro e as estimula até um nível sobre-humano – admitiu Daniel.

– Você ficou mais nerd desde que voltou de lá?

Daniel sorriu com orgulho.

– Você está com seu celular aí?

Romain aquiesceu. Daniel tocou no bracelete por debaixo do moletom e manteve o olhar fixo no nada, enquanto mexia os dedos e balançava a cabeça. Em uma visão inserida e decodificada diretamente pelo cérebro, era como se o mundo se tornasse um imenso *mainframe* que apenas ele pudesse ver.

– Você está me assustando! – resmungou Romain. – Você voltou autista daquele lugar?

– Eu voltei um artista. De programação.

Romain não entendeu, mas sentiu o próprio telefone vibrar. Ao olhar para a tela, a primeira surpresa: a tela de bloqueio era o símbolo da caveira branca do Justiceiro.

– Mas o que diabos...

– Destrava a tela... – pediu Daniel.

Romain destravou. Na tela principal, continuava uma foto sua saltando um carro em uma cena de ação. Em cima da imagem, porém, em letras que simulavam uma pichação de ponta a ponta da imagem, estava escrito: “O voo do dragão francês *sucks*”.

– Você invadiu o meu telefone sem precisar de um computador? – perguntou

Romain, em choque.

– Eu invadi todos os telefones desta praça.

Romain só então notou as pessoas ao redor assustadas com seus aparelhos, mostrando as telas de seus telefones umas para as outras.

– Você colocou essa caveira branca no telefone de todo mundo aqui?

– Não, eu coloquei a sua foto pichada com 'O voo do dragão francês sucks'!

Romain armou o soco.

– Ei, calma, vai voltar ao normal em um minuto... – disse Daniel, com uma expressão confiante.

Romain continuou a olhar para a tela. De súbito, o visor voltou ao normal.

– Impressionante... – comentou.

– E não é?

Romain de repente fez um aceno, e Daniel notou uma jovem acenar de volta do outro lado da praça, perto dos casais com carrinhos de bebê. Sua pele era pálida, seus cabelos eram loiro-claros, ela tinha o corpo magro e uns vinte e poucos anos. Começaram a andar na direção dela.

– É ela que você quer me apresentar? – perguntou Daniel.

Romain hesitou. Parecia um tanto nervoso. Porém, o silêncio foi suficiente para Daniel entender.

– Ah, caramba... – disse o brasileiro. – É ela a menina que faz você se sentir culpado por aquilo, não é? Durante o seu acidente...

Romain parou de andar e ficou pálido.

– Você se lembra... – balbuciou.

– Eu me lembro – concordou Daniel, a expressão complacente. – A menina que engravidou e que deu o ultimato, antes de você ir buscar seu sonho em Hollywood e que disse...

– Se eu ficasse, ela manteria o bebê – concluiu o francês. – Se eu fosse, ela tiraria.

Os olhos de Romain se encheram de lágrimas. Daniel não sabia se era pela recapitulação do episódio ou pelo fato de o francês constatar que Daniel realmente se lembrava. Percebendo um Romain inseguro e sem palavras, como ele nunca vira antes, Daniel colocou a mão no ombro do amigo e o encorajou a ir na direção dela.

– Vocês se reencontraram então? – perguntou o brasileiro. – É bonito estar aqui pra ver isso...

– É... – concordou Romain. – A gente se reencontrou.

Ao chegarem perto dela, Romain fez as apresentações:

– Daniel, esta é Nicole! Nicole, *je te présente* Daniel!

Ela parecia feliz. Daniel sentiu o mesmo.

– *Salut, Daniel! Enchantée* – disse ela.

Daniel a cumprimentou e Romain complementou:

– Ela não fala inglês muito bem.

Romain fez um sinal para Nicole, que pareceu entender e se afastou. Ele virou para Daniel e disse:

– Então, já que você se lembra do motivo do peso que eu tinha nos ombros quando sofri aquele acidente, posso adiantar logo o motivo de trazê-lo aqui. A questão é: nós recebemos uma segunda chance, Daniel. De todas as culpas, de todos os erros, de tudo que nos levou até lá. Nós voltamos e voltamos melhores. No meu caso, demorei a aceitar reencontrar Nicole por não saber o que dizer. E por não saber o que ela me diria. Quando enfim eu decidi encontrá-la, fui tremendo. Eu não tremo hoje num carro correndo em direção a um abismo, Daniel, mas tremi diante dela. Porque ela seria capaz de me machucar. E seria justo. Pela maneira como eu a machuquei. Mas, em vez disso, descobri que valeu a pena, cara! Valeu desafiar reptilianos, demônios e o cacete a quatro... – Romain fez um sinal, e Nicole se aproximou novamente. – Eu descobri que valeu a pena sobreviver.

Mais uma vez Daniel viu Romain se emocionar.

– Ela não tirou, cara... – disse ele, e Daniel arregalou os olhos.

Ao se virar, Nicole trazia algo nos braços.

– Não... Você não vai me dizer que...

Um dos carros de bebê da praça estava vazio.

– Daniel, eu te apresento Amélie...

A criança foi colocada nos braços dele, e Daniel sentiu as pernas tremerem quando a menina sorriu e deitou a cabeça em seu ombro.

– Eu te apresento minha filha Amélie.



VIRGÍNIA, EUA

O CORONEL SUSPIROU.

O próximo assunto entre os dois reviraria o Pentágono de cabeça para baixo, e algumas cabeças ficariam tontas com o chacoalhar. Aquela era, enfim, a hora de falarem sobre o episódio militar confidencial que terminara na morte da tropa de Derek. O momento de debater sobre o gatilho que o havia levado a um cemitério de dragões.

– Então – disse o coronel –, é hora de a gente finalmente saber o que aconteceu nessa missão sigilosa e o quanto de sujeira existe embaixo desse tapete. É hora de saber enfim como foi que nós criamos você.

As lembranças de Derek resgataram sons de helicóptero, cordas, comandos de salto e caminhada pela mata escura.

– O general Ibuki passou um briefing da missão, com a denúncia anônima do esconderijo do nosso monstro da semana: um traficante de armas do Paquistão chamado Fadel Afridi – explicou Derek, como se eles não tivessem a informação. – Voamos para lá, fizemos o reconhecimento da área e descobrimos que eram galpões.

– Quem recebeu a denúncia?

– Segundo eles, espões da CIA, que se uniram à Agência de Segurança Nacional para usar os satélites deles. De qualquer forma, nosso objetivo primário era reconhecer o terreno, localizar o carregamento e garantir a exposição dos traficantes.

– Em vinte minutos?

– Ok, eu admito! – disse Derek – De vez em quando mudávamos a meta para quarenta minutos. A gente chamava o caso de episódio duplo.

Coronel Wilson pareceu satisfeito.

– Sei – resmungou. – E o que vocês reconheceram?

– Reconhecemos a atividade ilegal e a movimentação de uma tropa hostil. Foi suficiente pra dar início à incursão.

O interrogador franziu a testa, desconfiado.

– A preocupação da CIA com esse caso se baseava em quê? Havia alguma ameaça direta envolvendo o governo paquistanês?

– Não direta. Mas a investigação indicava que as armas serviriam para abastecer uma célula do Afeganistão. Essa célula era uma ameaça direta.

O coronel continuou com uma expressão de desconfiança. Não parecia duvidar dos relatos em questão, mas das verdadeiras motivações dos envolvidos.

– Por que vocês e não os SEAL?

– Isso é com o general, nós só seguimos ordens – disse Derek em um tom que

tentava não flertar com o desrespeito.

– Então vocês chegaram a realizar a incursão?

– Nós tomamos o galpão em questão, mas não encontramos o alvo.

A mente de Derek era um trailer de filme com cenas fragmentadas de invasão, comandos militares para *snipers*, corridas, códigos de rádio, batimentos cardíacos, explosões, tiros, correrias, morte e fogo.

– Vocês eliminaram toda a atividade hostil presente?

– Nós estávamos invadindo um país com base em informações de denúncias anônimas – lembrou o sargento. – Era isso ou provocar um incidente internacional.

– Anos de estudos, bilhões de dólares em pesquisa, e a nossa inteligência ainda precisa justificar incursões baseadas no princípio do ‘ver pra crer’. – O coronel suspirou.

Derek ergueu os ombros.

– Fazer o quê?

O coronel mantinha uma expressão ainda insatisfeita.

– E, se vocês não encontraram o alvo, encontraram o quê? – exigiu.

– O carregamento. Coisa pesada.

– *Pesada* de que tipo? Tecnologia militar?

– Na verdade, a gente encontrou até material radioativo.

O coronel deu um soco na mesa e abriu os braços, como se não houvesse qualquer possibilidade de aquilo ser verdade.

– Sargento, como isso não parou na minha mesa?

– Era uma papelada grande, coronel. Não sei se caberia na sua mesa.

– Juro que se eu não estivesse tão interessado no que você tem a me dizer, mandaria prendê-lo por insubordinação – ameaçou.

Derek não respondeu. O coronel mudou a posição, arqueou o corpo e colocou os cotovelos na mesa, apoiando o queixo entre as mãos.

– E depois? Como esses detalhes não chegaram até mim, imagino que vocês tenham pegado o traficante paquistanês...

– Ah, sim! Nós o pegamos – afirmou Derek, como se fosse óbvio. – Foram necessários vários outros *episódios* e muita troca de informação entre agências pra encerrar a temporada.

– E que porra seria uma *temporada*?

– Quando nossa equipe realizava vários episódios em prol de um mesmo objetivo comum, ao final chamávamos o conjunto de ações de *temporada*.

Coronel Wilson não conseguia se decidir se aqueles codinomes eram idiotas ou geniais.

– E, ao final da... *temporada*, vocês encontraram o alvo?

– A CIA encontrou – respondeu o sargento de imediato. – Ele estava na mesma base que deveríamos invadir na operação *Fireworks*.

Novamente, Coronel Wilson abriu os braços.

– Não, não, não, sargento! A operação Fireworks consistia no resgate de uma repórter e de um câmera americanos, sequestrados pela célula liderada por Saleh Ayman! Aquele mesmo que você posteriormente matou em praça pública e na frente do mundo inteiro!

– A célula para a qual Fadel Afridi pretendia vender as armas apreendidas no episódio-piloto.

– Isso não faz porra de sentido algum! – esbravejou o coronel, socando a mesa.

Ele apanhou a ficha de Derek com as informações e deixou que o arquivo caísse sobre a mesa.

– Segundo a documentação, Saleh Ayman sequestrou os repórteres americanos para fazer um pronunciamento de um atentado! Por conta disso, uma unidade SEAL foi enviada, enquanto a sua unidade deveria fazer o reforço na operação de campo!

– Pergunte a qualquer SEAL envolvido nessa missão se eles tinham conhecimento do envio do nosso reforço, coronel! – desafiou Derek – Eles enviaram outros grupamentos rangers para isso, com certeza. Mas o nosso especificamente tinha um objetivo próprio, e não era esse.

A cadeira voltou a ranger quando o coronel se jogou para trás, deixando os braços tombarem pelas laterais. As pontas dos pés mantiveram a cadeira bambeando, como uma cadeira de balanço.

– Eu juro pra você que se uma única palavra do que você estiver dizendo não for verdade, eu mesmo vou acabar com você aqui dentro desta sala.

Derek ficou em silêncio. Mais por respeito do que por temor.

– Por que não constaria nos registros que o traficante estaria no cenário citado? – voltou a perguntar o interrogador.

– O general havia recebido a informação de uma fonte de confiança dele.

– E vocês quase sabotaram toda uma operação militar por conta disso?

– Ei, vou ter que passar toda a informação de novo? Nós apenas executamos ordens e missões! Vocês deveriam ser os adultos do playground!

– Faz sentido! – bufou o coronel. – De fato, até agora eu só estou vendo o adolescente!

Derek fechou a cara. Já tinha aturado demais.

– Sim, um adolescente incontrolável, que poderia já ter se livrado dessas algemas quando bem entendesse...

Na mesma hora, ouviu-se o tilintar de metal. Derek segurou no ar a chave arremessada e olhou com surpresa para o seu superior.

– Peso na consciência? – perguntou o sargento.

– Voto de confiança.

As algemas se abriram e a corrente caiu no chão.

– É justo – concordou Derek, como se estivesse aceitando um pedido de desculpas. – E seria ainda mais se eu não tivesse vindo até aqui voluntariamente.

– Se um acusado entra em uma delegacia e se entrega voluntariamente, ainda assim ele vai ser algemado.

– E quando uma vítima entra na delegacia?

– Não acontece nada. Afinal, vítimas não precisam ser algemadas, certo?

Derek suspirou. O coronel tomou a palavra:

– Antes que a minha cabeça exploda com essa merda toda, sargento, me explique o seguinte... por que diabos o general enviaria vocês em uma missão paralela, em vez de dividir a informação com a inteligência central da operação?

– A princípio, nós deveríamos checar se o alvo realmente estava lá.

– E se houvesse a confirmação?

– Nossa prioridade era eliminá-lo.

O coronel fez uma expressão de surpresa e elevou o tom de voz:

– Era essa a prioridade de vocês? E a integridade dos reféns?

– Já disse que nós tínhamos um objetivo próprio – insistiu Derek, sem traços de remorso. – Os reféns eram prioridade dos SEAL, não nossa...

– Ok, sargento! Se essa insanidade tem alguma lógica, então me diz o seguinte: onde foi que a missão Fireworks ruiu?

– Quando nós descemos no terreno, o informante estava esperando. Ele estava bem tenso e queria transmitir ao capitão William, o líder dos Flashmen, uma informação que não queria compartilhar com o general.

O coronel transpirava. De frente para o espelho, enxugava o suor com a manga da farda como se estivesse refletindo o estado das pessoas da outra sala.

– Eu já disse que você está pisando em um terreno perigoso aqui, não disse?

O interrogador se virou para encarar o sargento.

– Por que o informante local entrou em contato com o capitão e não com o general, já que ele era de confiança do general?

– Responda a isso e o senhor tem a resposta de por que a missão ruiu.

Uma pausa. O coronel mordeu um pedaço do próprio lábio.

– Qual era a informação? – perguntou.

– O informante confirmou a presença de Fadel Afridi na base. O traficante de armas filho da puta não estava lá apenas para negociar armamento com a célula terrorista, ele estava lá pra fazer uma denúncia em rede nacional! Era esse o motivo do sequestro dos repórteres americanos!

O coronel fechou os olhos e outra vez mordeu o lábio com força.

– Você acredita que Saleh Ayman arriscaria sua célula para atender aos interesses de um traficante de armas paquistanês?

– Ai é que está! Apesar das origens e do nome, Fadel Afridi não nasceu no Oriente Médio.

– E onde esse desgraçado teria nascido, então?

– Nos Estados Unidos da América.

O coronel se virou e deu um soco no espelho, fazendo os homens na outra sala recuarem. Depois, aproximou-se de Derek, apoiou as mãos na mesa e fitou-o com raiva.

– É impossível! – berrou – Vou repetir! É IMPOSSÍVEL essa informação ter passado pela CIA, a DIA e a NSA!

Derek assumiu uma postura mais agressiva.

– Fadel Afridi foi o nome adotado pelo monstro quando começou a carreira no tráfico internacional de armas! Todos os registros que pudessem levar nossa inteligência à informação sobre sua identidade verdadeira foram desviados!

– Eu já entendi aonde você quer chegar e juro que quero atirar em você!

– Coronel, é só juntar os fatos! Fadel estava negociando tecnologia militar com um representante do nosso próprio comando, revertendo nossa própria tecnologia!

– Você me disse que encontrou material radioativo naquele lugar! E eu vou te afirmar: mesmo a pior raça de militar desse país não revenderia algo assim para um traficante negociar com células terroristas!

– Eu também pensava assim – disse Derek, baixando o tom. – Mas o traidor provavelmente não imaginava que Fadel teria acesso, em algum momento, a material radioativo. Nem que o negociaria com gente como Saleh Ayman.

– Então o traficante teria supostamente começado a agir por conta própria?

– É nisso que acredito – afirmou Derek – O material radioativo não era americano. Era de outro contato, que ele deve ter conseguido por conta própria.

O coronel ainda tinha dificuldades de separar o quanto admirava e o quanto odiava aquele ranger.

– Vamos ser diretos, sargento: você acredita que o general Ibuki é um traidor da pátria americana?

– Ele foi o primeiro a ligar Fadel Afridi à Al-Qaeda. Curiosamente, depois do episódio-piloto, de repente o traficante de armas americano havia sido registrado nos relatórios como um traficante paquistanês envolvido com terrorismo.

– E aí o sequestro dos repórteres...

– Positivo – confirmou Derek, ganhando mais confiança. – O senhor compreende, coronel? O motivo não era que Saleh Ayman faria um pronunciamento terrorista. Na verdade, era o próprio Fadel Afridi, o traficante, quem iria denunciar em rede nacional seu verdadeiro fornecedor; ele iria denunciar para o mundo seu fornecedor americano. E foi por isso que nós fomos enviados em uma missão paralela para eliminar o alvo como prioridade máxima.

O coronel tremia de nervosismo.

– Eu posso imaginar como os outros na outra sala devem estar se sentindo nesse momento – comentou o coronel, voltando a olhar para o espelho.

- Devem se sentir mais ou menos como um morto quando ele volta à vida.
- Não, quando um morto volta à vida, ele vira um ser estúpido, anda torto e fica à deriva procurando o fígado e o cérebro de alguém pra comer.
- E é exatamente como estou imaginando os outros na outra sala, senhor.

Os dois se olharam e, em um acesso de insanidade temporária, começaram a rir. Gargalharam como se precisassem daquilo. Como se, em outra realidade, talvez pudessem ter sido amigos e o assunto não fosse tão sombrio.

– E depois que vocês tiveram acesso à informação da fonte? – perguntou o coronel, voltando a ficar sóbrio. – Qual foi a decisão do capitão William?

– Transferimos à Central a nova informação de que Fadel Afridi queria, na verdade, denunciar seu fornecedor, fosse quem fosse. E pedimos permissão para entrar em contato com a equipe da SEAL e mudar a prioridade para eliminar a célula terrorista, salvar os reféns e capturar os envolvidos.

– O que general Ibuki respondeu?

– Que a missão deveria seguir como fora designada.

O coronel suspirou.

– Ele ignorou as novas informações?

– Positivo – confirmou o sargento.

– E o que vocês fizeram?

Derek hesitou. Aquele era o tipo de assunto que uma entidade milenar, como a que o acompanhava na bioarmadura, teria dificuldades em resgatar de suas memórias, devido à dor que elas traziam consigo.

– Como último recurso, nosso capitão, enfim, revelou ao comando que Fadel pretendia revelar o nome de um possível fornecedor americano traidor.

– Vocês o colocaram contra a parede... – compreendeu o interrogador. – Se, diante disso, ele ordenasse a ação mesmo assim...

– Seria como assinar uma confissão de culpa.

– E em vez disso, o que ele fez?

– Ele concordou em nos unirmos aos SEAL e nos passou uma rota de encontro.

– Não... – balbuciou o coronel. – Você não vai me dizer que... não, não seria possível...

Aflicção. Era como se iniciavam as memórias constantemente revividas.

– O pássaro nos levou até o local e seguimos as orientações superiores...

Primeiro, uma calma dentro da aeronave de asas rotativas. Depois, a floresta de aveleiras e pistácias, onde cabras, faisões e ovelhas caracul dormiam. A caminhada pela mata escura, a visão otimizada pelo infravermelho. As instruções gestuais. O deslocamento obedecendo um padrão de operação militar.

– Quando chegamos ao local indicado da rota de encontro...

O primeiro tiro.

E o segundo.

No terceiro, a escuridão.

Derek não conseguiu completar o relato.



KIGALI, RUANDA

A CRIATURA ERA ENORME. Animalesca, com pelancas por debaixo dos membros enrugados cobertos com trapos. Os olhos eram avermelhados e da boca se projetavam a língua extensa e os dentes que lembravam os de um javali. A juba com tranças grossas que pareciam cordas descia pelas costas até o chão, completando a aparência horripilante. O humanoide exalava cheiro de suor e urina.

Exatamente como Ashanti se lembrava.

O reptiliano parecia tão genuinamente surpreso quanto ela, e ambos hesitaram e se observaram por alguns segundos. O dracônico então farejou na direção de Ashanti, e sua face enrugou. Ele urrou um de seus gritos de guerra e correu na direção dela com a língua de fora.

Para espanto das pessoas que acompanhavam a luta por meio dos monitores, Ashanti empunhou as facas.

Eles avançaram um em direção ao outro; ela saltou e afundou o nariz dele com o cabo da arma. O reptiliano ignorou a dor e o golpe, pegou-a pelo capacete, girou o corpo e a arremessou na parede. A ruandesa bateu com um estrondo, atingindo uma câmara, e uma das transmissões da Antessala se converteu em estática. O dracônico saltou sobre o corpo caído de Ashanti e esmurrou três, quatro vezes. Dentro da bioarmadura, ela recebia os golpes com a visão trêmula, em meio a sons explosivos.

Do lado de fora, chefes militares, impressionados, ordenaram que soldados se preparassem para reforçar o combate na Antessala. Pela primeira vez, desde que foram chamados para trabalhar para Ashanti, a tropa se armou e correu para a entrada.

De volta à Antessala, Ashanti trincava os dentes dentro da armadura de metal-vivo, enquanto era espancada. A visão continuava tremida e se tornava cada vez mais embaçada, conforme ela recebia um golpe atrás do outro. Com os pés afastou a face do dracônico, depois segurou um dos braços do oponente, que parou de socá-la e substituiu os golpes por chutes. Soldados ruandeses se posicionaram armados do lado de fora, aguardando autorização para prosseguir. O dracônico tentou quebrar o visor de uma Ashanti irreconhecível em batalha e urrou novamente enquanto a chutava. Apesar dos golpes, ela conseguiu invadir a bocarra da criatura e agarrar sua língua. Em seguida, puxou o órgão muscular para fora. E com a ajuda da outra mão reforçou o aperto e, em único movimento, rasgou de uma só vez a língua pela metade. O dracônico saltou para trás tremendo e se agitando em espasmos assustadores, até cair de costas. Enquanto se debatia no chão, a porta da Antessala se abriu e a equipe militar

entrou apontando os rifles.

Ashanti imediatamente se levantou, erguendo a mão em sinal de comando.

– Alto! Alto! – ordenou, afoita. – Eu preciso deste aqui vivo.

Ela avançou, montou sobre a criatura e foi sua vez de espancá-lo por uma, duas, três, quatro vezes. Afogado pela adrenalina e pelo instinto de sobrevivência, o reptiliano se defendeu, batendo com tanta violência no visor de Ashanti, que ela viu a peça trincar. Hesitou. Era a primeira vez que isso acontecia e acabara de descobrir que aquilo era possível. Ela agarrou parte da juba do monstro e puxou sua cabeça para trás, e com a outra mão escancarou a boca do reptiliano, que babou sangue da língua rasgada. Ashanti agarrou um dos dentes e puxou três vezes, até o dracônico sentir as terminações nas raízes de sua presa se dilacerarem. Novamente ele urrou. A ruandesa se levantou em um salto, prendeu a cabeça do humanoíde com as duas mãos e forçou-a bruscamente em um movimento direto contra o próprio joelho. A mandíbula estalejou com a fratura. O corpo animalesco tombou para trás, ainda se contraindo e emitindo sons guturais.

Quando os soldados avançaram, Ashanti caminhou na direção oposta.

– Imobilizem, anestesiem, alimentem, encarcerem – comandou. – Mas lembrem-se: mantenham essa coisa viva.



ASHANTI PARECIA MAIS ASSUSTADORA sem a armadura do que com ela.

Ao invadir a área dos cientistas e militares, após a luta contra o dracônico recém-chegado, Ashanti mantinha a expressão fechada, tensa e objetiva. Seu corpo estava suado, mas o que mais se destacavam eram os hematomas. Ela ignorou todas as vozes que pediam sua atenção pelo caminho e caminhou decidida até os analistas das frequências do Órbita.

– Vocês estabilizaram a frequência? – perguntou, com um tom rude.

A equipe era formada por dez cientistas de nacionalidades diferentes. Todos ficaram se entreolhando e nenhum respondeu de imediato.

– Eu vou perguntar de novo: vocês estabilizaram a maldita frequência?

Doutor Nambara, um cientista nascido em Yokohama e levado a Ruanda sob a promessa de participação na maior revolução tecnológica do século, assumiu a palavra:

– Nós conseguimos uma coordenada, rainha – disse ele, na esperança de a acalmar. – Sabemos que agora estamos ligados a um ponto da dimensão onde há

humanoides.

A postura dela pareceu menos agressiva. Ashanti expirou forte, quase aliviada. No rosto surgiu algo que poderia ser interpretado como um sorriso de satisfação. Por reflexo, a equipe ao redor também relaxou um pouco, e o doutor Nambara se sentiu mal por ter de ser também o primeiro a lembrá-los da única limitação de todo aquele plano.

– Contudo, a senhora sabe como funciona... – continuou de maneira sincera. – Por enquanto, só conseguimos trazer coisas.

Ashanti olhou para ele, sem esboçar reação, como se já esperasse por aquela resposta. Então observou a equipe de cientistas e analistas ao redor. Por último, focou-se nos monitores e viu a equipe militar carregar o dracônico inconsciente para fora da Antessala com extrema dificuldade. Mas ainda vivo.

– Sim – concordou Ashanti. – Por enquanto...



VIRGÍNIA, EUA

HAVIA SIMETRIA NA POSIÇÃO QUE OS DOIS ASSUMIRAM. Interrogado e interrogador mantinham os cotovelos apoiados na mesa a uma distância equivalente um do outro. Os olhares se fixavam em linha reta, cara a cara, e a tensão se espalhava pelas paredes, contaminando inclusive os que observavam o interrogatório da sala ao lado.

– Sargento Duke... – Era difícil para o coronel continuar com aquilo. – Você está mesmo insinuando que seu grupamento ranger foi emboscado em uma *killzone* a mando do seu próprio comandante?

– Eu não estou insinuando.

O coronel arrastou a cadeira para trás, aumentando a distância entre eles.

– Sargento, você está acusando um general do Exército dos Estados Unidos de ter aniquilado uma tropa de elite e de ter cometido traição? – gritou o coronel Wilson.

– É exatamente isso o que estou fazendo! – gritou Derek de volta. – E sabe o que é pior? Eu poderia dedicar todas as minhas horas extras dentro de salas de tribunais militares e, ainda assim, seria improvável ver um general ser condenado! Afinal, é a palavra de um vivo contra a de um morto, o único ranger que por acaso retornou das cinzas.

O coronel fechou a mão e seu punho tremeu de irritação. Derek pensou em lhe perguntar se ele precisava de um charuto, mas concluiu que os momentos de ironia já haviam passado.

– Sargento Duke, sei que vai ser um pouco decepcionante, mas ainda assim eu gostaria de compartilhar minha opinião sobre o que realmente aconteceu com você no tal Cemitério...

Derek ficou surpreso. O coronel puxou a cadeira de novo, embora ainda mantivesse distância.

– Sinta-se à vontade, coronel.

– Você tem consciência... consciência de verdade... de que todo esse papo de *dimensão, metal-vivo, bolsões dimensionais* e coisa e tal pode ser fruto de uma alucinação sofrida no seu período traumático de coma?

Derek se recusou a comentar.

– Você viu helicópteros e aviões abatidos e os transformou em *dragões*. Você viu soldados nas linhas inimigas e os transformou em *monstros*. Terroristas viraram *demônios*, e seus grupos, provavelmente, *Impérios demoníacos*. Sargento, o *Cemitério de Dragões* em que você acordou e viveu durante meses nunca existiu.

Derek manteve uma expressão neutra, indeciso entre a seriedade, o escárnio e

a ofensa.

– E de onde vem a armadura de metal-vivo, coronel?

– Isso não é uma *bioarmadura*, sargento! Nossos especialistas avaliam se tratar de uma proteção constituída de algo entre o grafeno e o carbino. Some isso a uma equipe disposta a convencer você a se tornar um *supervigilante* e a acrescentar efeitos especiais em vídeos amadores, e... tchan-rân... nós temos você!

Dessa vez Derek riu.

Não havia opção.

– Sabe, eu poderia concordar com você, coronel – admitiu. – Ainda que o Cemitério de Dragões seja real, ainda que eu tenha estado lá de uma maneira ou de outra e tenha visto coisas que esta dimensão ainda nem conhece, e ainda que eu tenha trazido uma tecnologia que vocês não imaginavam, ainda assim, eu poderia concordar com você.

O coronel ficou em silêncio. Como Derek, com o propósito de irritá-lo, também permaneceu quieto, o superior se deu por vencido.

– Ok, sargento, você quer que eu pergunte, não é? – disse, contrariado. – Então eu pergunto. Diga-me por que você definitivamente não pode concordar comigo?

– Porque contra fatos não há argumentos. Sabe por que o senhor soltou minhas algemas, coronel? Porque pensa que não há como eu sair daqui.

A frase e, principalmente, o tom que Derek usou soaram frios. Ninguém soube distinguir a princípio se ele estava sendo lógico ou se sua atitude era hostil. Derek continuou:

– E também porque o senhor acredita que esta peça de cristal é um mero acessório. Que eu sou mais fruto de uma reunião de publicitários do que um sobrevivente de guerra. Mas vocês nunca estiveram no comando aqui. E isso é um fato.

Mãos agarraram a mesa e a viraram num estrondo que ecoou pela sala. O coronel se pôs em pé diante do soldado que permanecia sentado e apontou o dedo para o rosto dele.

– Você quer me desafiar? É isso o que você quer, garoto? – berrou, expelindo saliva. – Eu já estou de SACO CHEIO de você, está me ouvindo? Você é o soldado mais arrogante e prepotente que eu já conheci! E nem vou dizer que é um maluco da porra! Você acha que está no comando? Que está acima do MEU comando? Pois eu te mostro quem está no comando aqui!

A cadeira onde o coronel Wilson estava sentado foi arrastada até a porta e prensada em um ângulo diagonal logo abaixo da fechadura. Na sala ao lado militares arregalaram os olhos e correram para tentar abri-la, enquanto o coronel sacava uma pistola.

E engatilhava a arma.

– Você quer que eu ESTOURE a sua cabeça nessa sala? – voltou a gritar o

coronel. – Eu te digo que não será a primeira vez que alguém vai limpar pedaços de cérebro por aqui! E se você é mesmo tudo isso em que acredita, se você é a porra de um ranger escolhido para salvar esta dimensão de merda, então eu quero ver você se transformar agora na minha frente!

As batidas aumentaram; eram os militares chutando a porta.

– O senhor tem certeza disso? – perguntou Derek, a voz ainda fria.

– Você quer apostar? – desafiou o coronel. – Então vamos apostar com a sua vida, no três!

Derek se levantou e ficou frente a frente com o seu superior. Do lado de fora, mais pancadas na porta.

– Um... – iniciou o coronel.

Derek permaneceu quieto. Sem piscar.

– Dois...

Na outra sala alguns engratados colocaram as mãos na cabeça. O painel do bracelete de cristal foi acionado.

– Metamorfose! – A voz de Derek saiu quase sussurrada.

– Três!

Ouviu-se o estouro da munição sendo disparada, seguido do som imediato do ricochete. Um buraco surgiu na parede da sala.

– Puta... que...pariu... – balbuciou o coronel.

A porta foi arrombada. Militares entraram engatilhando armas. Derek deu um passo na direção eles, assustando o primeiro da fileira que desencadeou mais pólvora, balas e ricochetes. Cápsulas quicaram no chão e dois militares foram atingidos de raspão em meio a projéteis que destruíram a sala.

– Parem! Parem! Cessar fogo! – ordenou o coronel.

A sala foi engolida pelo silêncio. E então o ranger caminhou na direção dos militares.

– Vocês entendem agora? – disse Derek – Isso é real. Sim, eu sou um ranger. E, para a sorte de vocês, sou um ranger honrado! Ainda que tenha sido treinado e traído por vocês. Mas sou um ranger que sobreviveu graças a vocês. Ao olhar para mim, vocês deveriam enxergar algo que seus próprios líderes geraram. Porque eu sou uma consequência. Sou um legado militar germinado por vocês. E tudo... tudo o que vier depois de mim... vai fazer parte desse legado ranger.

A sala ainda era silêncio, perplexidade e tensão.

– Eu posso materializar armamentos, acessar conhecimentos oriundos de entidades dimensionais, invadir seus sistemas e mostrar a vocês o quanto a sua tecnologia é obsoleta. Eu posso deter vocês, mas vocês não podem me deter. Então escolham bem a maneira como vão lidar com isso, antes que eu me lembre dos que morreram em nome da ganância de alguns homens como vocês!

Coronel Wilson guardou a arma e deu um passo à frente.

– Você não vai colocar este país de joelhos.

– Eu não quero líderes baixando a cabeça para mim. Nem que levantem o nariz.

O capacete de Derek foi desmaterializado.

– Eu quero que os líderes me olhem no olho.

Barulho de passos no corredor. A atenção de todos na sala foi direcionada para a porta, por onde retornou o mesmo engravatado que havia sido retirado ao tentar interrogar Derek inicialmente. Ele estava esbaforido e seu olhar arregalado.

– Coronel! Coronel Wilson!

– O que está acontecendo?

– Nós estamos sendo atacados! – gritou em desespero. – Atacados!

O coronel também arregalou os olhos.

– O que você está dizendo? – berrou de volta. – Os Estados Unidos estão sob ataque?

– Eu estou dizendo que o mundo está sob ataque! – gritou o agente, a voz estridente. – Aconteceu durante uma transmissão ao vivo! O presidente já está em alerta!

Imediatamente, os militares pegaram seus celulares que estavam no modo silencioso durante o interrogatório e conferiram as inúmeras mensagens não lidas. Cenas da invasão de criaturas, gritos, explosões e caos começaram a surgir nas telas de vidro.

– O que diabos... – começou a perguntar o coronel.

– É a porra de uma legião de monstros! – respondeu o agente. – Uma invasão durante uma transmissão ao vivo de futebol na América do Sul!

– *Legião de monstros?* – estranhou coronel Wilson.

– Eu não sei que loucura é aquela, mas esse traidor aí tem alguma coisa a ver com isso! Eu estou dizendo! Ele é uma ameaça! Foi ele quem trouxe isso aqui! – O agente olhava diretamente para Derek.

As armas foram novamente engatilhadas e apontadas para o sargento, como se pudessem surtir algum efeito.

– Sargento Duke... – começou o coronel.

– Coronel – Derek se manteve sem o capacete, projetando confiança no seu tom de voz –, a única coisa que tenho a dizer é que, seja lá o que for, não fui eu que trouxe para cá. Mas posso ajudar a detê-los.

Agora que os militares haviam modificado o modo de chamada dos celulares, eles não paravam de tocar. Ao fundo, uma sirene de alerta se juntou ao barulho.

– Em troca de que você faria isso? – perguntou o coronel.

– De uma carona até a verdadeira ameaça.

Os engravatados se entreolharam.

– Você precisa da *nossa* ajuda? – questionou um diretor da Força Delta. – Pensei que você e sua armadura fossem autossuficientes...

– Já falamos sobre isso. Sou um supersoldado, não um super-herói.

E então o caos. Vozes. Toques de celular. Correria. Alguns militares saíram rapidamente da sala, seguindo orientações recebidas, outros emitiam ordens em meio à confusão. Enquanto isso, o coronel Wilson parecia analisar a proposta de Derek

– Coronel, você não pretende... – começou a dizer o agente.

– Você teria uma ideia melhor? – gritou o coronel.

Ninguém fazia ideia de nada naquele momento.

– Esse tempo todo... – disse o coronel virando-se para Derek – Você não veio aqui se entregar, não é? Você sabia e veio nos alertar...

Derek não respondeu.

– E se foi ele, coronel? – insistiu o engratado. – E se foi esse desgraçado que trouxe a coisa até aqui?

– Então deixe que ele limpe a própria sujeira.

O capacete se materializou e Derek começou a caminhar na direção da saída.

– Você sabe que nós mal começamos, não sabe? – disse o coronel a Derek

– Eu sei – respondeu o sargento.

– Então vá. Leve um helicóptero com você, um jato, o que for preciso. E depois nós voltaremos a conversar. Olho no olho.

Derek passou por Wilson e estava virando o corredor, quando o interrogador gritou:

– Ranger!

Derek interrompeu os passos.

– Levantando a hipótese de que essas coisas vieram, mesmo que indiretamente, atrás de você e levando em consideração as fontes que falam nesse momento sobre conflitos mundiais... a última grande questão aqui passaria então a ser...

Derek já sabia aonde ele queria chegar e o quanto aquela pergunta era relevante.

– Além de você e de sua amiga Ashanti... haveria outros como vocês?



MEIO DO NADA, IRLANDA

AQUELE ERA UM LOCAL DE PASSAGEM.

No meio de uma estrada pouco movimentada, ao lado de um posto de gasolina e de uma loja de conveniência, a lanchonete funcionava como um ponto de parada para motoristas. Do lado de fora, o silêncio espalhado pela paisagem era tão enraizado que os viajantes mais solitários poderiam embrulhá-lo para viagem como souvenir. Os cachorros vira-latas deitados de barriga para cima pelos cantos aguardavam transeuntes generosos. Um banheiro externo cheirava a creolina e exibia um chão ensoado, além de paredes encardidas. Exceto por um motel de beira de estrada, não havia casas ao redor, apenas mato e terra batida. Um ponto de parada e partida rápidas.

Um lugar de que as pessoas não se lembravam.

Da lanchonete, era possível enxergar o Corvette amarelo metálico se aproximando pela estrada deserta: uma figura deslocada no cenário monótono. Rodava pelo asfalto a mais de cem quilômetros por hora, estabilizado pelo kit aerodinâmico. Conforme o carro se aproximava, a velocidade foi sendo reduzida, controlada por freios de carbono-cerâmica. Rodas de aro dezoito deram uma guinada brusca, fazendo uma curva fechada, e, com uma única manobra, o carro entrou na vaga da lanchonete, chamando a atenção dos poucos clientes da loja. O som de música eletrônica, que deixava um rastro pelo cenário, foi interrompido. Um adolescente irlandês desceu do carro e trancou o veículo com um toque no chaveiro, enquanto caminhava em direção à lanchonete.

A porta rangeu, e as primeiras coisas que o adolescente percebeu foram o som e o cheiro de fritura. Apesar disso, e em contraste com os sanitários imundos do lado de fora, o interior da loja estava limpo. No cardápio local, um dos pratos mais populares entre os viajantes era a *Boxty*, um tipo de panqueca de batata, acompanhada de cerveja preta. Uma televisão estava ligada sem som e exibia um noticiário. Havia poucas pessoas sentadas: uma família composta de pai, mãe e duas crianças; um casal discutindo por algum assunto relacionado ao celular da garota; e, mais ao fundo, um casal mais velho, atentos ao telejornal, acompanhando as notícias pela legenda em *closed caption*.

Servindo-os, havia duas pessoas. Uma era uma mulher acima do peso, na faixa dos quarenta, suada pelo calor da cozinha. A outra tinha uns vinte e cinco, o rosto largo, cabelo loiro preso em rabo de cavalo e corpo definido. Ela vestia um avental e trazia uma expressão fechada, além de exibir um adesivo na camisa da lanchonete com seu nome.

Amber.

O adolescente se sentou no balcão, mas a atendente não o notou. Ele cruzou as

mãos sobre a bancada e esperou. Ainda ignorado, disse:

– Ei...

Ela enxugava um copo, distraída, quando de repente o viu. A expressão mal-humorada deu lugar à surpresa e por pouco o copo não se espatifou. Aproximou-se do rapaz boquiaberta.

– Conor? – disse, ainda pasma.

O adolescente sorriu. Ora, ela ainda se lembrava.

E jamais poderia ter esquecido.

– O que diabos você veio fazer aqui? – perguntou ela.

– Eu também estou bem feliz em ver você, irmã.

Ela jogou o pano de prato na cara dele.

– Não, seu idiota! Eu só estou surpresa de... ah, dane-se...

Ela apoiou uma das mãos no balcão e saltou para o outro lado com extrema facilidade. E então o abraçou forte, fechando os olhos e quase trincando as costelas dele.

– Toda vez que você me abraça, eu sinto que vou quebrar – admitiu Conor.

– Desde quando você é frágil?

– Desde que você ficou forte.

Ela riu. Aquilo era raro. Os olhos esverdeados refletiam o espanto. Foi assim quando ele acordou no hospital em Dublin, de volta da morte, e era assim como ela agia naquele momento. Seria assim para sempre.

– Eu ia ligar pra você hoje – disse ela.

– Não minta.

Amber socou o peito do irmão e ele apertou os dentes, sabendo que o golpe deixaria um hematoma.

– É sério que baniram você das lutas profissionais? – zombou Conor.

– Pois é... – resmungou ela. – O mundo não podia perder uma garçonete como eu...

Ao fundo, a discussão do casal de namorados ganhou volume. A garota insistia que preferia abortar a visita à casa da mãe dele, porque a mulher provavelmente devia odiá-la, e que queria voltar para casa. Ele rebateu dizendo que voltar para casa só se ela pedisse carona exibindo as pernas na estrada.

Amber tirou o avental e sinalizou para a dona do lugar que ia fazer uma pausa. A mulher pareceu não gostar, mas concordou. Conor imaginaria se a irmã não a arremessaria pela janela do contrário.

Eles saíram da lanchonete, e Conor acendeu um cigarro.

– Você não deveria fumar – reclamou Amber. – Um de nós com câncer já foi suficiente.

Eles estavam acostumados às ironias um com o outro, mas Conor odiava quando ela ultrapassava os limites.

– Carro novo? – perguntou ela, diante do silêncio.

– Prêmio de vitória.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, suspirando.

– Você correu de novo? – perguntou, desapontada.

– Ei, pega leve, ok? – pediu Conor. – Eu sei tudo o que você vai dizer! E mais: você vai ter razão em tudo. Vai dizer que eu sou um garoto irresponsável, que foi uma corrida como essa que ferrou com a nossa vida. E é verdade. Fui eu quem colocou você em uma cama de hospital, quando capotei pra fora da pista feito um Hot Wheels! E durante todo o tempo em que você ficou naquela cama, eu pensei, e pensei e repensei sobre tudo. E então me dei conta da porcaria de irmã que eu fui. Sério, naquele momento tomei consciência e peço desculpas. Droga, você é minha irmã! E enquanto você descobria que estava com um tumor na cabeça, eu estava bêbado com alguma drogada de vagabundagem no sofá de alguém. E eu sei, eu sei que gostava de passar aquela imagem do garoto sofredor, da família cheia de tragédia, do bad boy independente. Mas... ver você toda machucada... foi foda, sabe? Uma vez eles tiveram de me sedar porque eu estava chutando tudo, tentando entender por que não era eu quem tinha um tumor e estava em coma...

Ele tragou o cigarro mais uma vez. Amber apertou os lábios e fechou a cara de novo.

– E quando os médicos desistiram de você – continuou Conor –, quando disseram que manter os aparelhos ligados ia custar a faculdade que eu nunca iria cursar, percebi que eu não era o garotão independente. Eu era o garotinho solitário...

Ele expirou, olhando para cima, como se tirasse do peito mais do que apenas fumaça. Amber se manteve calada.

– Só que eu disse a eles que você ia voltar. Eu disse que não estavam falando de qualquer pessoa. Você não é como eu, Amber! Você não vem de uma família de comercial de TV, igual àquela lá dentro. Você não é como aquele casal jovem e também não vai envelhecer como aquele outro. Eu não sei exatamente o que você tem de fazer, irmã. Mas eu lhe digo: você não veio pra limpar mesas e torcer por uma boa gorjeta. Porque você não é comum e isso não é de hoje. Você queima mais raiva do que calorias quando sobe no ringue. E foi isso que eu disse para aqueles médicos desgraçados. Eu disse que você era uma campeã!

Ele limpou as lágrimas rapidamente, na esperança de que ela não visse. Amber fingiu não ter percebido.

– E aí, o que acontece? Você prova que eu estava certo. Quando eles se dão conta, você volta da morte, o câncer regride e você se torna o caso de recuperação mais espetacular que aquela junta médica já testemunhou! Ainda tem gente me ligando todo dia para saber onde você está e gravar documentários...

Conor tragou o cigarro uma última vez, até que ela finalmente tirou o tabaco

enrolado dos lábios dele e o esmagou entre os dedos.

– Eu tenho três coisas pra te dizer, garoto...

Ela jogou o cigarro no chão e pisou em cima.

– A primeira: você quem estava dirigindo aquele carro, é verdade. Mas também foi você quem impediu os médicos de desligarem os aparelhos...

Conor engoliu em seco.

– Segundo: não foi a corrida que ferrou com tudo. Fui eu. Fui eu que entrei no carro. Fui eu que contei todas aquelas merdas pra você enquanto você estava correndo.

– Você tentou me fazer parar...

– O que só reforça ainda mais a minha estupidez.

Ele pensou em acender outro cigarro, mas teve consciência de que a irmã o arrancaria de suas mãos de novo.

– Você não é estúpida, Amber – disse ele. – Nós só nascemos na família errada.

Amber suspirou, sentindo o peso do mundo nas costas. Daquele mundo nas costas.

– Foi em um lugar como este, não foi? – perguntou Conor, observando a loja de conveniências ao fundo.

Amber franziu a testa por um momento, e então compreendeu. Soltou um resmungo e disse:

– Foi. Em plena cidade grande, mas em uma loja de posto de gasolina...

Evitou o restante da frase: *que um soldado de licença estourou a cabeça do nosso pai terrorista, enquanto ele comprava chocolate para os filhos.*

Os dois não disseram nada por alguns minutos; eram cúmplices naquele silêncio. Observaram um caminhão se aproximar e parar para abastecer no posto ao lado da lanchonete, quando Conor perguntou:

– E qual a terceira?

– Hã? – surpreendeu-se Amber.

– Você disse que tinha três coisas pra me dizer.

Ela sorriu, apertando os olhos, e, com as mãos no bolso da calça jeans, olhou para ele de lado e soltou:

– Feliz aniversário!

Ele suspirou, rendido. E abriu os braços. Amber ergueu as sobranceiras e revirou os olhos em deboche, como se aquele pedido fosse desnecessário, mas o abraçou de volta, dando pequenos tapas nas costas dele.

– Você está muito carente... – ironizou ela.

– Eu tenho o direito. Nem todo mundo com o nosso estilo de vida chega aos dezoito anos...

Ela concordou.

– Eu tenho uma coisa pra te contar... – disse Conor. – O aniversário é meu, é

verdade, mas fiz uma coisa que você vai gostar de saber, acho.

Amber fez uma careta, encarando-o com ceticismo.

– A última corrida foi realmente a última – prometeu ele.

– Conor, eu já ouvi essa frase mais do que...

– Eu sei! – cortou ele, divertindo-se. – Mas me escuta: agora é pra valer! Eu desafiei três dos maiores filhinhos de papai do meu submundo. Três corridas, valendo o carro. E esse tipo de coisa é séria no nosso meio!

Amber deixou os ombros caírem, em uma expressão desapontada.

– Você achou que eu ia gostar de saber disso?

– Calma – pediu, enquanto fazia sinais de paz. – Eu sei que, se eu perdesse, estava ferrado. Mas o que importa é que eu venci as três, não é? Tem noção disso? Três carros esportivos?

– E o que você fez com os outros dois?

– Vendi.

O sorriso adolescente era o mesmo de que ela se lembrava de quando eram apenas crianças.

– Uau! – exclamou Amber. – Dublin deve ter visto a maior festa da história...

– Você não leva mesmo fé que o seu irmão mudou, não é?

Ela riu. Em deboche, mas riu.

– Então me conte o que meu novo irmão fez com o dinheiro...

– Com a venda do primeiro carro, quitei todas as dívidas hospitalares.

Amber ficou sem palavras. Era uma ótima notícia, mas ela era a mais velha, e a incomodava não ter sido ela a resolver aquele problema.

– Você não deveria...

– Cala a boca! – exigiu Conor. – Você é uma garçõete do cacete e as suas gorjetas podem ser ótimas, mas você passaria o resto da vida limpando mesas só para pagar a conta daqueles desgraçados.

Amber não soube o que dizer por um momento.

– É... acho melhor ouvir o que você fez com o dinheiro do segundo carro...

– Apliquei – contou Conor com orgulho. – E me certifiquei de que não vou sair de uma faculdade endividado!

Ele pensou que a irmã fosse rir e dar um soco nele, o que certamente causaria outro hematoma, porém, o que Amber fez o pegou totalmente de surpresa. Ela reagiu de um jeito tão espontâneo e sincero, que Conor jamais poderia ter previsto. Sua irmã chorou.

– Você vai pra faculdade? – perguntou ela, a voz trêmula e irreconhecível. – De verdade?

– Engenharia mecânica – revelou ele, erguendo os ombros, constrangido. – Espero que eu possa ser tão bom nisso quanto você é em tudo o que resolve fazer...

Ela o abraçou com força.

– Ei, quem está sentimental agora, hein? – caçou Conor.

– Estou orgulhosa de você – admitiu Amber, sem esconder a emoção e sem se importar se aquela reação seria traduzida como fraqueza ou coragem. Ela puxou a cabeça dele para perto e o obrigou a olhar nos olhos dela. – Eu preciso que saiba o quanto eu estou orgulhosa de você!

Conor se deu conta de que há muitos e muitos anos não via a irmã chorar.

– Eu sei – reconheceu ele. – E isso é tudo o que me importa.

Ela enxugou as lágrimas, como se as detestasse.

– Você me deve um presente – brincou Conor.

– Se você quiser, eu posso arrumar um almoço de rei por minha conta.

Conor riu, mas apenas porque estava nervoso com o que estava prestes a pedir.

– Eu quero visitá-la, Amber – admitiu ele sem rodeio. – E eu quero que você vá comigo.

Amber travou. Olhou para baixo e então fechou os olhos, como se dissesse: “tudo, menos isso.”

– Por que você quer fazer isso, Conor?

– Porque ela ainda está viva. Nós somos uma bagunça de família, mas, mesmo trancafiada em uma prisão, ela é a família que nos resta.

Amber olhou para o outro lado, séria, e deu as costas para ele.

– Você não veio me visitar... – concluiu ela. – Você veio me buscar, não foi?

– Você sabe que sim.

Amber suspirou, pensativa, e voltou a observar o carro.

– Então agora esse carro é mesmo seu?

– Sim, e olha isso! – disse ele, tirando um objeto do bolso. – Ganhei até um Zippo!

Ele jogou para a irmã um isqueiro com a logomarca de uma concessionária de carros. Amber acionou o Zippo e ficou observando a chama, ainda absorta. Então olhou de repente para o irmão, os olhos arregalados.

– Vamos embora! – disse com entusiasmo, dirigindo-se ao banco carona do Corvette dourado.

– Você não precisa pedir demissão primeiro? – perguntou Conor, espantado, destravando as portas com o chaveiro.

Amber abriu a porta do passageiro com a expressão carrancuda e olhou para trás, para a lanchonete, antes de responder:

– Não. Eu não voltei a esse mundo pra isso...

Um motor de 6,2 litros V8 foi acionado e um sistema de injeção direta promoveu um movimento súbito em marcha a ré, seguido de um arranque imediato, deixando para trás apenas poeira e silêncio.



KIGALI, RUANDA

ELA ESTAVA SOZINHA NO DORMITÓRIO.

Ouviu uma batida e se irritou.

– Quem é? – perguntou, ríspida.

– Nambara – veio a resposta.

– Abra.

O doutor abriu a porta. Sua aparência era a de um senhor na faixa dos sessenta anos. Ele usava óculos, jaleco e tinha um aspecto saudável. Nambara viu Ashanti sentada no chão, arremessando uma bola de borracha para a frente, que quicava no chão, na parede, no teto e depois de volta para ela.

– Estou atrapalhando? – perguntou ele.

– Veio informar algum progresso?

– Não ainda.

– Então a resposta é sim.

A bola voltou a seguir o seu percurso. Constrangido, o doutor Nambara olhou para baixo e ameaçou fechar a porta.

– É isso? – Ele a ouviu perguntar, a porta já quase fechada.

– Como é, senhorita? – perguntou, abrindo outra vez a porta.

– Você veio até aqui simplesmente para não me dizer nada?

O doutor voltou a ficar encabulado. Coçou a cabeça e disse, inseguro:

– Na verdade, vim avisar que, contrariando todas as expectativas, o novo cozinheiro acertou a mão dessa vez e valeria a pena a senhorita provar aquele cozido de carne...

Ashanti agarrou a bola. Olhou para o doutor, achando graça.

– Foi isso que você veio me dizer?

– Eu sei que esperava notícias mais emocionantes, mas os homens disseram que a senhorita não comia desde ontem e, bem, caso algo lhe aconteça por conta disso, não espere que teóricos como nós cuidem daquelas coisas que vêm de lá do outro lado...

Ashanti achou o comentário curioso.

– Doutor Nambara, não é o senhor o praticante de Tai Chi Chuan?

– Sim, uma arte praticada para proteger a minha saúde, não a dos outros.

Ela riu, como há tempos não fazia. Arremessou a bola novamente e, ao agarrá-la, perguntou:

– Se eu aceitar esse cozido, poderia pedir para alguém trazê-lo até aqui?

Para surpresa dela, o doutor se agachou e ergueu do chão uma bandeja com duas tigelas fumegantes. Ashanti voltou a achar graça.

– Experimente, por favor – pediu ele, entregando a ela uma tigela e uma

colher. – Se estiver ruim, podemos mandar matar o novo cozinheiro.

Ashanti apenas riu e fez sinal para que ele se sentasse na única cadeira do pequeno quarto. Ele obedeceu e também se serviu.

– Agora, é sério... – disse ela de boca cheia. – O que o trouxe aqui, doutor Nambara?

– Eu me preocupo de verdade com você. Esse país não pode perder você agora, senhorita Ashanti.

– Se Ruanda me perdesse agora, ao menos haveria um legado... – respondeu ela de boca cheia, percebendo o quanto estava faminta.

– Por pouco tempo – completou Nambara. – Sem a sua presença, este país será tomado, e toda a nossa pesquisa será apreendida mais depressa do que poderíamos nos esconder.

A colher de Ashanti tombou na tigela enquanto ela ponderava.

– Isso tira meu sono às vezes, sabia? – admitiu Ashanti. – Pensar que tudo isso pode acabar nas mãos das mesmas pessoas que impediram este país de progredir. Talvez fosse um destino ainda pior do que se eu não tivesse iniciado nada.

– Eu não pensaria dessa forma – retrucou Nambara. – Se me permite dizer, sou um estrangeiro, com uma cultura completamente diferente da que encontro por aqui. Cada povo tem seu sofrimento e sua forma de lidar com isso. Seu povo foi massacrado por sua própria gente; nós tivemos de reconstruir um país arrasado por radiação atômica. E cá estamos nós, em um quarto desarrumado, comendo do mesmo cozido...

Ashanti voltou a comer e, apenas com um olhar que transparecia respeito, o incentivou a continuar.

– O que eu quero dizer é que não sei exatamente o que a motiva, senhorita Ashanti. Não conheço a origem de sua obsessão pelo local para onde planeja voltar. O que eu sei é que, se hoje estou participando de tudo isso, é porque você me convenceu de que está fazendo história. E este é um sonho de todo cientista: contribuir de alguma forma para a História. Talvez Ruanda se torne o principal país do mundo, talvez outros países aprimorem o que estamos iniciando aqui. De uma forma ou de outra, o mundo muda. Como já mudou. A questão é se vamos saber lidar com essa mudança. Seja na ponta da faca, seja na bomba de nêutron, quando os corpos viram cinzas, o que sobra do espírito? Eu acho que é isso que a senhorita está fazendo por Ruanda. Você está devolvendo o espírito do seu povo. Sua avaliação final sobre tudo isso, na opinião de um velho cientista estrangeiro, não deve se basear no quanto de tecnologia bélica você gerou neste país, ou na possibilidade de isso cair em mãos estrangeiras. Seria uma preocupação inútil, mesmo porque, quanto mais avançamos, mais forçamos outros países a desenvolverem novas formas de conhecimento para se equipararem ao que eles acham que estamos fazendo aqui. Em minha humilde opinião, o que vai

simbolizar para sempre seu legado não apenas para este país, mas para toda a África, é o que você está fazendo pelas almas desse povo. A cada dia, você devolve orgulho para Ruanda. Orgulho de suas raízes, de sua cultura, de suas tradições. Você está aliando inimigos e os motivando a se perdoarem. Está fazendo o mundo olhar com respeito para este continente, e não com pena. Está canalizando a raiva. E é isso que eu acredito que seja o seu legado, senhorita Ashanti...

O doutor se calou e voltou a comer o cozido de carne. Sentada no chão em silêncio, Ashanti continuava pensativa. Duas lágrimas escorreram da face.

Viver é assumir responsabilidades, não é?

Ela não soube dizer se havia dito ou pensado aquilo.

Batidas ansiosas na porta captaram a atenção dos dois, e Ashanti ordenou a entrada de seus comandantes militares.

– Rainha... – proferiu o major de maneira respeitosa. – A senhora precisa ver o que está acontecendo na Cidade do México...



OCEANO PACÍFICO

A AERONAVE EXIBIA ARES FUTURISTAS.

Cruzando o Oceano Pacífico ao encontro de uma das bestas, o helicóptero em movimento era o resultado de um investimento de cem bilhões de dólares, promovido pelo governo dos Estados Unidos, em busca da próxima geração de helicópteros de guerra. Com um peso aproximado de doze toneladas, equipada com rotores coaxiais, ventiladores canalizados e um trem de pouso retrátil, a aeronave era maior, mais resistente e mais veloz do que todas as antecessoras, podendo atingir velocidades superiores a quatrocentos quilômetros por hora. Uma velocidade ainda insuficiente para uma emergência daquele nível.

– Atualização – pediu Derek, a bordo, entre a tropa de doze soldados.

– Das cinco criaturas, uma ainda não se escondeu no mar! – comunicou a voz do coronel na frequência de rádio. – Após o incidente no Rio de Janeiro, a besta parou ao norte em Maracaibo para se alimentar, onde foi atingida por mísseis de caças russos do exército venezuelano.

– Algum dano considerável?

– Mais aos caças do que à criatura.

– Confirmado ainda o atual confronto? – perguntou Derek ao coronel Wilson em outra frequência de rádio.

– Se você pudesse ver as imagens que estamos recebendo da Cidade do México daria meia-volta... – respondeu ele.

A tropa militar que acompanhava Derek não era comum. Doze militares vestiam proteções à base de nanotecnologia evoluída do projeto TALOS, uma abreviação de Tactical Assault Light Operator Suit, uma moderna armadura de guerra, suave e adaptável. Inspiradas pelo cinema, as blindagens tinham como base um material maleável capaz de se alternar entre sólido e líquido, quando exposto a uma corrente elétrica, formando uma camada protetora espessa. O resultado era uma proteção leve, mas eficaz contra projéteis.

Só não tinha sido ainda testada contra dragões.

– Você já deve saber disso... – disse o líder da tropa, capitão Hawkes, ao lado de Derek – Mas se você for responsável por essa coisa ter parado aqui, e ainda sobreviver, nós mesmos vamos aniquilar você, depois de acabar com a criatura...

Os soldados, nomeados cybersoldados, recebiam as imagens do caos em telas OLED flexíveis acopladas ao pulso. Derek achava curioso como dentro do limite de desenvolvimento tecnológico humano, aquela tecnologia bélica lembrava o misto de magia e metal-vivo que o trouxera àquela realidade. As telas exibiam explosões, soldados atirando, fogo e desordem.

– Com todo o respeito, capitão... – respondeu Derek – Se eu não sobreviver,

vocês é que serão aniquilados.



ERA A SEGUNDA VEZ QUE destruíam aquela cidade. A primeira ruína havia sido infligida por colonizadores espanhóis, quando aquela região ainda ostentava o título de capital do Império Asteca. A segunda acontecia nesse momento, promovida por uma criatura lendária.

Às margens do lago de Texcoco, a Cidade do México ardia. Densamente povoada, poluída e com um trânsito desordenado, era o cenário perfeito para a rápida união entre o pânico e o caos. Apesar de aparelhados militarmente pelos norte-americanos, os reforços ainda eram precários, e o efetivo, pequeno. Seus tanques não eram de guerra, apenas ligeiros, com foco em combate urbano contra cartéis de traficantes, totalmente despreparados para uma catástrofe daquele porte. No instante em que o helicóptero chegou ao local do confronto, em meio ao cenário de destruição, os soldados avistaram o réptil de vinte metros pisar em carros e devorar transeuntes desesperados.

Na gigantesca Praça da Constituição, o Zócalo, um dos centros da identidade nacional mexicana, viam-se cadáveres e veículos tombados por toda parte. Joias arquitetônicas coloniais tinham sido despedaçadas por golpes monstruosos, tiros e explosões. O cheiro de carne queimada era intenso, bem como o crepitar do fogo que carbonizava fachadas de prédios, ônibus abandonados, cortinas e sacadas.

No centro da praça, uma cena que certamente ilustraria os registros históricos: a bandeira mexicana queimava.

As esquinas das ruas eram um emaranhado de carros amassados e revirados, que bloqueavam todas as passagens. Alguns corpos estavam esmagados, muitos debaixo dos veículos, e pessoas saltavam as latarias em uma desesperada tentativa de sobrevivência. Alguns comerciantes se recusavam a abandonar seus estabelecimentos. Na esperança de serem poupados no confronto, fechavam as portas e se agachavam debaixo de móveis. Algumas lojas de roupas estrangeiras tinham os vidros quebrados e os interiores saqueados.

Tiros continuavam a ser ouvidos pelas ruas. O monstro sentia o choque de alguns dos projéteis e se encolhia de acordo com a gravidade do ferimento, mas a maioria dos ataques não passava pelas placas da pele escamosa.

De repente, uma cena inusitada: policiais e traficantes atirando lado a lado contra um inimigo em comum. Escondidos atrás dos carros, policiais disparavam granadas, enquanto traficantes reforçavam o ataque com fuzis de assalto G36.

Quando o helicóptero se aproximou da zona de conflito, o réptil agigantado estalava a cauda e devorava os atiradores corajosos ou estúpidos o bastante para se aproximar.

– Capitão, você poderia liderar seus homens do solo? – gritou Derek no helicóptero.

– Eu posso liderar meus homens até em sonhos! – gritou Hawkes de volta. – Mas antes eu quero saber o que você pretende fazer!

– Não tem nada de complexo na estratégia, capitão! – respondeu Derek – Vocês distraem a criatura e atacam por baixo. Eu vou investir pelo alto e a destruo!

– É uma estratégia bem ruim essa, sargento! Ao menos a parte mais estúpida ficou para você!

– Então não há com o que se preocupar, capitão!

– É verdade! Com exceção de um dragão vermelho de merda!

O termo usado pelo capitão estimulou algumas lembranças da outra dimensão e Derek sentiu o corpo arrepiar.

– Cybers! – gritou o capitão. – Preparar incursão!

Enquanto a aeronave se aproximava do solo, as cordas foram baixadas pelas laterais do veículo. Doze soldados desceram pelas cordas nas imediações da estação do metrô Zócalo. Derek foi o único que ficou no helicóptero e ordenou que o piloto contornasse a criatura. Em meio ao som de explosões, ele mal se ouviu pronunciar:

– Metamorfose!

De súbito, passou a ver o cenário pela tela de proteção. O monstro voou, planou e aterrissou em um carro que estava sendo utilizado como escudo por um grupo. Alguns policiais se aproximaram e foram rasgados pelas garras afiadas, manchando as ruas de sangue. A criatura se retraiu e depois cambaleou quando uma bomba estourou próximo do seu focinho. Com esperanças de que estivesse distraída por alguns segundos, traficantes avançaram disparando. No entanto, a cauda do réptil estalou, arremessando um caminhão na direção deles.

Do alto, Derek viu os soldados avançarem pelos flancos da criatura, armados com munição pesada. O monstro se preparou para alçar voo. Quando iniciou a subida, os cybersoldados atacaram. O primeiro tiro de uma 20mm semiautomática acertou um dos espinhos no maxilar da face enrugada, e o dragão perdeu o equilíbrio por um momento, desmoronando em cima de dois táxis. Imediatamente, saltou, guinchando de ira, e virou-se para o novo grupo. A língua se agitou para fora, e ele deu um rasante com os dentes à mostra. Um segundo soldado acionou uma arma de energia que, em vez de balas, disparou um eletrolaser. Embora não tenha afetado a proteção natural do réptil, queimou parte das falanges e o fez entortar o voo. O réptil tombou na direção da sede do Poder Executivo Federal do México. O corpo monstruoso invadiu a construção,

demolindo uma parte do monumento histórico, e foi soterrado pelo prédio frontal junto da bandeira do país.

Nesse momento, todos os que não desertaram do combate e ainda acompanhavam a cena irromperam assombrados e esperançosos. Derek viu os soldados de armadura se aproximarem do dragão com armas apontadas para o seu corpo soterrado. E em seguida aconteceu o que o sargento já previa. As veias escarlates do animal pulsaram. Fumaça começou a ser expelida pelas ventas. Em um acesso violento, acompanhado de uma força que ignorava os ferimentos, o dragão se ergueu, arremessando terra, escombros, poeira e sangue vermelho. Seus olhos se acenderam.

E veio o rastro de fogo.

Cinco soldados foram atingidos pelas chamas. Suas armaduras acionaram um sistema de controle de temperatura e um suprimento de oxigênio e ambos teriam sido extremamente úteis em outras circunstâncias, mas não diante de uma carbonização instantânea. Os sobreviventes acompanhavam boquiabertos enquanto os soldados tombavam, derrotados por um elemento para o qual não estavam preparados: um tufão de labaredas de composição diferente de qualquer outra que já haviam visto.

Um tufão de fogo vermelho.

Capitão Hawkes ordenou que os soldados se reagrupassem. Policiais e traficantes continuaram a atirar com fuzis. A criatura abissal voltou a surpreender a todos, cuspidando uma nova série de chamas escarlates. As labaredas vermelhas atravessaram o cenário em movimentos de parábolas, como se fossem granadas. Ao tocar o metal dos veículos, o fogo causava explosões repentinas. Corpos se debatiam enquanto a carne queimava, e alguns corriam, o corpo em chamas, implorando pela morte.

– Sobrevoe! Sobrevoe! – gritava Derek para o piloto do helicóptero. E ao perceber que a aeronave guinou na direção contrária à que ele ordenava, Derek invadiu a cabine do piloto. – Eu mandei você sobrevoar aquela coisa!

A mão do piloto estava sobre a alavanca do controle cíclico, a responsável pelo deslocamento horizontal da aeronave.

– *Eu sei* que você nunca viu nada mais assustador na sua vida – disse Derek – Mas só há duas formas de nós fazermos isso. Ou você sobrevoa aquela criatura e eu entro em combate... ou jogue você deste helicóptero e eu mesmo piloto esta coisa.

O piloto trincou os dentes e girou o veículo no ar, obedecendo ao comando.

– Acima da crista! Sobrevoe acima da crista! – berrava Derek

– Nós vamos morrer se eu baixar essa coisa! – O piloto se opôs.

– Não precisa descer muito. Eu não vou precisar de corda.

Enquanto isso, Hawkes conseguiu destroçar um pedaço do nervo de uma das patas do dragão com quatro projéteis de 25mm. O corpo colossal vacilou e

tropeçou, batendo a barriga no solo com as patas estiradas.

Aquela foi a brecha de que Derek precisava.

A área superior do pescoço e da espinha reptiliana se acenderam no visor da bioarmadura. O sargento ranger fez uma breve oração silenciosa. E saltou. A queda durou alguns segundos, até o corpo protegido bater com força em um dos espinhos. O dragão se agitou, e Derek perdeu o equilíbrio, agarrando-se à crista.

– Capitão! – gritou ele no canal de rádio. – Distraia a criatura!

Os cybers voltaram a atirar. Os olhos do réptil voltaram a se acender.

Preso nas costas da criatura, Derek notou um ponto vermelho se destacar pelas nervuras draconianas. Uma bomba estourou perto da criatura e, novamente, Derek teve que se agarrar à crista para não cair.

– Não, seus idiotas! – gritou Derek. – Vocês têm de me ajudar a me manter firme aqui! Não a me derrubar!

Uma nova flama escarlate foi cuspidada, e o fogo se espalhou na direção dos Cybers. Um deles foi atingido em um dos braços e teve a carne e os músculos fervidos por dentro. Quando veio a dor, o soldado chorou desesperado e caiu no chão, se debatendo. A armadura, que monitorava sua atividade corporal, percebeu a anomalia e liberou uma espuma especial na ferida para evitar o sangramento, mas, embora amenizasse a dor na pele, não impedia a destruição que se alastrava por dentro.

A criatura se chacoalhava tanto na tentativa de se livrar de Derek, que ele acabou sofrendo lesões nos músculos do ombro. A bioarmadura imediatamente administrou o processo de reparo muscular e equilibrou o fluxo de adrenalina por meio da conexão com o sistema nervoso.

– Capitão! – berrou Derek. – Entre na linha de frente!

– O que diabos você está dizendo, seu imbecil?

– Preciso que você estimule este bicho a cuspir fogo de novo!

– Eu não sei que merda eles ensinaram a você no treinamento ranger, mas esta não é uma equipe suicida!

– E ainda assim é um ranger que você tá vendo aqui escalando essa porcaria! E você sabe o que dizem sobre o nosso grupamento?

O capitão xingou e reorganizou a tropa. Os soldados formaram uma linha de frente e voltaram a metralhar com calibres grossos a criatura do tamanho de um prédio.

Enquanto Derek escalava a crista, saltando feito um esportista entre os espinhos, o visor da bioarmadura chamou sua atenção para um dos pontos nervosos vitais da criatura. Derek materializou uma arma de lâmina circular. A arma foi acionada e começou a girar, revelando o mesmo mecanismo de uma serra de corte.

– Solicitando apoio aéreo! – anunciou o capitão no rádio aberto.

– Capitão! Aguarde meu sinal para liberar o ataque do apoio aéreo!

Derekenfiou a lâmina giratória na nuca da criatura. O réptil rugiu, mas o corte foi tão superficial quanto uma picada de mosquito em um ser humano. A cauda girou, de repente, eclipsando a visão de Derek, e a bioarmadura o alertou sobre o golpe. Ele saltou, antes que a pancada o esmagasse entre os espinhos. Derek trocou a serra de corte por uma pistola de plasma. Um raio de gás aquecido e ionizado se alastrou, queimando nervuras do dragão. Outra vez, o monstro guinchou, enquanto bambeava. O animal assumiu uma posição de voo. Quando abriu as asas e armou o salto, Derek correu, mudando o ângulo de ataque, e voltou a acionar a arma de plasma, torrando dessa vez uma parte das asas. A criatura abissal se desequilibrou no ar e tombou, incrédula.

– Atire à vontade! Atire à vontade! – ordenou o capitão Hawkes.

Rajadas pipocaram em tantos pontos da praça que de longe pareciam fogos de artifícios. Traficantes e policiais que haviam se afastado do combate se reaproximaram disparando. Os cinco cybersoldados restantes alternaram entre linhas de tiro e lançamento de granadas, abafando os guinchos monstruosos com pólvora e explosão. Derek tentava escapar dos projéteis e xingou os atiradores quando foi atingido. Ainda xingava os soldados quando voltou a escalar o dragão, estimulado pelo biometal. O sangue vermelho da criatura ainda escorria do ponto onde Dereka atingira com a serra. De súbito, a criatura alçou um voo curto e tortuoso. O jorro de sangue escaldante do ferimento cobriu o ranger, e o mundo perdeu o som. Derek sentiu sua visão anuviar. O coração parou de bombear. A sensibilidade se perdeu. E, por um momento, Derek Duke sentiu-se morto.

Então a bioarmadura começou a absorver o sangue de dragão vermelho.

Quando o biometal lhe devolveu o som, as cores e a sensibilidade, o ranger estava prestes a escorregar de cima do monstro. Quando finalmente caiu, seus músculos se contraíram por instinto e, novamente, algo impressionante aconteceu. Das suas costas, em pontos que formavam um quadrado com os ombros e os quadris, quatro projeções pontiagudas foram lançadas para fora do metal-vivo, como patas de uma aranha. As proeminências se cravaram no dorso do dragão em uma reação instintiva, surpreendendo o próprio hospedeiro humano. Suspenso pelos braços metálicos, Derek de repente reviveu um sentimento do qual pensava ter se esquecido. Uma sensação invasiva, que exigia dele uma troca que nem sempre tinha padrões estabelecidos.

A sensação de simbiose com uma entidade milenar.

Os sangues foram mesclados e Derek sentiu-se queimar por dentro. Seu corpo ficou imóvel, enquanto, mais uma vez, conhecimento, memórias e sentimentos eram compartilhados. Seus olhos reviraram. Seu peito ardeu. Uma amálgama mesclou duas consciências abruptamente, e Derek sentiu como se possuísse mais do que apenas cinco sentidos. Seu olfato estava mais intenso; a audição, mais afiada; a visão, mais aguçada, e o tato, mais apurado. E, além de tudo, sua mente funcionava como uma espécie de radar, que localizava corpos em movimento

nas proximidades e oferecia uma maior perspectiva de campo quando Derek se concentrava em todos os outros sentidos. Então, veio a *dor*. Todos os ferimentos da criatura também se tornaram parte dele, e esse vínculo violento quase nocauteou o ranger.

Os soldados ainda atacavam com bombas e granadas. O cerco ainda tentava causar a derrocada da ameaça em comum. E a cada projétil que conseguia ultrapassar a proteção da crista, ele também *sentia*. Teve um instinto de atacar e de destruir as mesmas pessoas que eram suas aliadas naquele combate. Sabia que aquele impulso era apenas um reflexo da simbiose e decidiu tomar as rédeas da conexão. O dragão resistiu. A consciência animalisca lutou para assumir o controle novamente. Derek trincou os dentes e forçou outra vez.

– Você sabe quem eu sou? – perguntou Derek telepaticamente.

A criatura alçou voo e subiu por cerca de cem metros, até que os pensamentos e a sensibilidade se embaralharam e ela perdeu qualquer noção de equilíbrio e de espaço. Sem controle, o corpo agigantado despencou em queda livre em direção à Catedral Metropolitana, fazendo ruir com o tombo parte da fachada de uma das igrejas mais antigas das Américas. Ao redor, os combatentes interpretaram a queda como um sinal esperançoso de vitória e comemoraram. Uma das torres gêmeas barrocas da entrada da igreja desabou sobre o corpo do monstro caído, o estrondo se juntando ao som de sinos ecoando. Conectado à criatura, Derek não mais distinguiu, da dor extrema que o consumia, o que fazia parte dele e o que fazia parte dela. Ainda assim, havia um detalhe curioso: consciente ou inconscientemente, uma das asas do dragão tinha se esticado por cima dele, como se o animal tivesse tentado protegê-lo da queda e dos destroços.

– Eu sou o primeiro caçador de dracônicos – disse Derek.

No solo argiloso, a criatura tentava se mover. Completamente sem forças, desistiu.

– Eu sou o dragão escarlate – continuou ele.

Os destroços começaram a se mover. Na frequência de rádio, o capitão Hawkes e o coronel Wilson tentavam comunicação com o sargento, mas a mente de Derek Duke estava longe dali.

– Eu sou o ranger vermelho – insistiu.

Esgotado, buscando forças para responder, o dragão vermelho se pôs a tremer, aquecendo o corpo e queimando as últimas fontes de energia.

– Gahi! – gritou Derek, confundindo as pessoas que o escutavam na frequência de rádio. – Gahi!

Fumaça voltou a sair das ventas do animal. A irritação se espalhou pelos músculos feito uma corrente elétrica. A criatura rosou cada vez mais alto. Os olhos se acenderam, incandescentes. A língua se agitou.

– Gahi, Huray! – berrou o montador.

E então o dragão vermelho alçou voo, em meio a uma nuvem de poeira.

Com as asas abertas e um sargento ranger sobre sua coluna, a criatura se afastou, dando as costas à batalha. No solo, humanos assustados voltaram a disparar.

– Cessar fogo! Cessar fogo! Cessar fogo *agora!* – ordenou Derek no canal aberto.

– Você está *sendo atacado* ou está *cavalgando* essa coisa? – perguntou o capitão Hawkes, surpreso.

– Eu a estou levando para longe daqui.

– Nós não queremos essa coisa *longe!* – gritou o coronel. – Nós queremos essa coisa *morta!*

– Coronel, o senhor só vai querer essa coisa morta se *não* puder controlá-la!

– Não somos *nós* que a estamos controlando, sargento! – reclamou o capitão Hawkes. – É *você!*

– Então devo lembrá-los mais uma vez da sorte de vocês de me terem ao seu lado.

Os dois dragões vermelhos se afastaram daquele cenário destruído, sob os olhares de militares que tinham interrompido o ataque e de criminosos que continuavam a disparar.



PARIS, FRANÇA

A CERIMÔNIA ACONTECEU NA SUBPREFEITURA.

Romain nunca foi um exemplo de pessoa espiritualizada; sempre fugiu das missas católicas, abandonou uma menina grávida que ameaçara abortar seu filho, mas retornou da morte e se propôs a assumir a paternidade mesmo antes de se casarem. Nicole, a mãe de sua filha, também não se incomodava que o batismo não fosse feito em uma igreja, mas, ainda assim, decidiu que queria uma cerimônia, se não ritualística, ao menos oficial. Romain concordou.

– Eu estou *mesmo* no batizado da sua filha? – perguntou Daniel, sentado na sala de espera. Vestia uma roupa social, composta por uma camisa preta de botões, calça cinza, sapatos e um blazer por cima.

– Você preferia estar no *Cemitério*? – debochou o francês.

Daniel riu pelo duplo sentido da frase.

– Pareceria mais real estar lá do que prestes a ver isto aqui – comentou o brasileiro.

– Ao menos lá eu não precisaria gastar em euros para ensinar você a se vestir.

Daniel deu um peteleco na orelha do amigo. Romain gritou de dor, atraindo os olhares das outras pessoas. A família de Romain, pai, mãe e sete irmãos, estava na fileira ao lado. O patriarca era um senhor na faixa dos sessenta anos, tinha cabelos grisalhos e estava um pouco acima do peso. A mulher era uma francesa morena, dez anos mais nova, e usava maquiagem forte para esconder as aplicações de Botox. Daniel mal interagiu com eles, já que a família de Romain não falava inglês ou, no caso dos irmãos, faltava vontade de se comunicar em outro idioma. Já Nicole estava acompanhada apenas da mãe e de um casal de tios. Ela fez sinal para que Romain parasse de chamar a atenção, e o francês se ofendeu por ela tê-lo considerado culpado.

– Faça isso de novo e aí sim nunca mais vai abrir esses olhos, japonês!

Daniel riu e voltou a reparar nos pais de Romain.

– Essa é a sua mãe então – comentou o brasileiro.

– O que você quer dizer com essa observação?

– Que eu nunca diria, à primeira vista, que ela é do tipo que vira noites lendo livros de autoajuda...

Romain ficou surpreso de ele se lembrar daquilo. De se lembrar de uma informação que só havia sido compartilhada uma vez em um lugar que, na verdade, não deveria nem existir.

– Na verdade, os seus pais a princípio não parecem nem mesmo o tipo de casal do sexo livre... – observou Daniel, embora não fizesse ideia de como um casal daquele tipo devesse parecer.

– Ah, você se lembra disso também...

Daniel percebeu o constrangimento do amigo, algo raro em se tratando de Romain.

– Nós estamos na prefeitura? – perguntou, mudando de assunto.

– Sim. Na mesma sala onde acontecem os casamentos.

– O que você vai fazer hoje é um batismo civil, certo?

– Sim. Você também pode chamar de batismo republicano.

Daniel viu a ansiedade estampada no rosto do francês. Com a criança nos braços, Nicole a todo o momento lhe perguntava alguma coisa em francês.

– Ela está nervosa? – perguntou Daniel.

– Preocupada. Os dois padrinhos já deveriam estar aqui.

Daniel assentiu e assumiu uma posição mais confortável.

– Se eu colocar um fone de ouvido para escutar música, as pessoas vão se incomodar?

– Não sei – respondeu Romain. – Mas não faz diferença, porque você *não vai* fazer isso.

Daniel sorriu com deboche. Olhou no relógio e se agitou, entediado.

– Você parece uma criança – resmungou Romain. – Acho que vou batizar você também!

Nicole mais uma vez fechou a expressão para Romain, que apontou para Daniel, dando a entender que a culpa era do nipo-brasileiro e não dele.

– Posso te fazer uma pergunta? – pediu Daniel.

– Se eu disser que não, você vai fazer o quê?

– Provavelmente escutar música.

Romain suspirou. Ele era *mesmo* uma criança.

– Vai, pergunta, cria do demônio...

– Você chegou a *usar* a bioarmadura? Digo, aqui, desde que a gente voltou. Você teve coragem de vestir novamente?

Romain arregalou os olhos, como se Daniel tivesse começado a falar sobre atentados terroristas dentro de uma sala de imigração. Assim que se certificou de que ninguém os entendia, sussurrou:

– Só para me curar.

– Hein?

– Qual parte você não entendeu?

– Como assim *só* para se curar?

Romain apertou os lábios, deformando as bochechas e demonstrando o quanto estava odiando ter de conversar sobre *aquilo*, justamente *ali* e *naquele momento*.

– Lembra daquele nosso papo sobre voltar *diferente* de lá? Como eu disse antes, eu acordei *mais resistente*. Só que *resistente* não quer dizer *invencível*, certo? Então toda vez que eu me machucava, digo me machucava *de verdade*, eu me escondia feito o Clark Kent e acionava a bioarmadura. E então, tchã-rã,

ela iniciava o processo de cura imediatamente.

– Você está de sacanagem?

– É sério! Alguns minutos por dia dentro daquela coisa e você não precisa de regime, academia, suplemento, nada! O metal-vivo simplesmente controla a eliminação de gordura, distribuição de nutrientes e o cacete a quatro, e ainda mantém a gente com abdômen de ídolo *teen*! Não é ótimo?

– Você está de sacanagem que é pra *isso* que você usa a bioarmadura?

Romain demorou alguns instantes para entender aonde o amigo queria chegar. Abriu os braços e olhou para Nicole de um lado e para Daniel, do outro.

– *Você* que está de sacanagem por querer me dar lição de moral agora!

– Seu demente, você voltou com o poder de mudar o mundo e está usando a armadura para *ficar sarado* para um filme? Eu não sei como uma pessoa tão mesquinha, mimada e egoísta pode achar que vai ser um bom pai!

– Ah, e a raposa se revela! – exclamou Romain. – Lá vem o senhor da boa consciência me dizer o que *eu* devo fazer da minha vida. Então me diga você, Daniel! O que *você* fez com *todo o poder de mudar o mundo*?

– Vazei documentos políticos de sigilo, retirei dinheiro de centenas de contas de megacorporações e distribuí entre ONGs humanitárias, enviei à Interpol material para a prisão de doze traficantes de mulheres, desmascarei o anonimato de quatro mil pedófilos e ajudei Derek a eliminar células terroristas.

Silêncio. Romain suspirou, sempre na dúvida se adorava ou odiava aquele cara.

– Você é um escroto, sabia? – resmungou o francês.

– Por quê?

– Por que você *faz* com que eu me sinta um escroto! E um amigo de verdade não deveria fazer isso com o outro!

Daniel desistiu de conversar, sem saber o quanto Romain estava falando sério. Ao lado dele, Nicole trocava mensagens de texto com alguém.

– Ei, espere aí, você disse *Derek*? – perguntou Romain de repente. – Derek, o comandante-patrão-sargento-americano-ranger-vermelho?

– Deve ser esse...

Romain deixou a boca abrir, de queixo caído. Em seguida, balançou a cabeça, como se aquilo fosse demais para ele.

– Este mundo está mesmo muito louco – disse. – Eu *nem saberia* por onde começar a mudá-lo.

Alguém chamou Romain e Nicole para que prosseguissem com Amélie até a sala de batismo. Eles se levantaram, Nicole passou o bebê para os braços do pai e então correu para a entrada, para dar boas-vindas aos últimos convidados.

– Eles chegaram em cima da hora – observou Daniel.

– Ela – disse Romain, com os olhos fixos na filha, brilhando feito estrelas.

Daniel estranhou.

– O que tem Amélie? – perguntou ele, confuso.

– Eu não me referia a ela, eu me referia à madrinha, Louise...

Daniel olhou para a entrada da igreja, onde Nicole abraçava outra jovem de estatura baixa, cabelos escuros até os ombros, de franja, nariz fino e tatuagens espalhadas pelo corpo. Só a madrinha havia chegado. Nada de padrinho. Nicole pegou pelo braço e fez sinal para a família de Romain. Todos entraram no salão. Por último, a francesa chamou Romain.

– E o padrinho? – perguntou Daniel. – Achei que vocês estivessem esperando por ele também...

– Não, eu disse que os dois padrinhos *já deveriam estar aqui* – corrigiu Romain. Daniel engoliu em seco.

– Romain...

– É como você mesmo disse, nerd, eu sou mesquinho, eu sou mimado e eu sou egoísta demais pra fazer isso sozinho – admitiu, adorando a expressão no rosto do brasileiro. – Eu mal vou saber por onde começar! Mas, ao menos, eu pretendo *tentar*, e isso já é mais do que faria o Romain que você conheceu, não é? Sabe, quando a Nicole me disse que queria essa cerimônia, eu concordei sem problemas, *desde que* ela aceitasse os meus termos. Ela escolheria a madrinha, eu escolheria o padrinho...

As pernas de Daniel bambearam, como não fizeram nem diante de demônios e dragões.

– Você não fez isso...

– Eu disse a ela que *o único* padrinho a quem eu confiaria essa criança seria você.

Daniel fechou a mão e pressionou-a contra a própria boca, tentando manter a calma. Não adiantou. Seu corpo todo começou a tremer.

– Você... você é maluco... você nem sabia *se* eu iria encontrar você...

– É claro que eu sabia, seu idiota! Eu estou prestes a virar o maior herói de ação deste país! Se o geek mais burro deste planeta consegue me encontrar facilmente, imagine você! E ainda que eu escolhesse uma vida ordinária, ainda que eu virasse um vendedor de seguros qualquer por aí, ainda assim você me encontraria. Porque é isso que você faz, seu japonês desgraçado sem pátria! Você faz a gente querer ser melhor. E isso é tudo o que eu espero que você ensine à minha filha. Se você conseguir isso, eu vou poder dizer: valeu a pena a gente ter sobrevivido. Valeu a pena a gente ter voltado...

Enquanto caminhavam na direção da sala de batismo, Daniel passou o braço pelo ombro do francês e o puxou para junto de si em um cumprimento de irmãos, o tempo todo sem tirar os olhos da menina que agora era sua afilhada. Ao entrarem no salão, todos já estavam posicionados para a cerimônia. Nicole fez uma careta, deixando claro que ainda o culpava *sozinho* por todo o atraso, e ele respondeu com outra.

Daniel observava o amigo sem decidir se queria rir ou chorar.

– Até o fim? – perguntou Romain.

Daniel finalmente tomou sua decisão. Sorriu e ao mesmo tempo deixou as lágrimas caírem.

– Até o fim.



TÓQUIO, JAPÃO

A LIGAÇÃO QUASE FOI IGNORADA PELO POLICIAL.

A delegacia de Shinjuku, parte do Quarto Distrito da Polícia Metropolitana, ficava em um prédio de sete andares, perto da estação de Nishi Shinjuku, e a dez minutos de Kabukicho, um dos distritos mais depravados de Tóquio, onde drogas, pornografia, prostituição, escravidão sexual, salões de massagem, lojas de fetiches, mafiosos e membros da Yakuza poderiam ser encontrados com mais facilidade do que fast-food nos Estados Unidos. Uma terra sem lei, ou ao menos uma terra com suas próprias leis, que mais parecia fazer parte de uma dimensão independente dentro da capital japonesa.

Quando o telefone tocou, o policial imaginou se tratar de mais uma ligação corriqueira. Alguns repórteres criminais aguardavam qualquer material digno de reportagem na sala de imprensa, um salão quadrado com mesas em forma de L encostadas na parede, enquanto os outros descansavam em um cômodo escuro adjacente, forrado de tatames e repleto de futons. Aqueles profissionais eram coordenados pela assessoria de imprensa do próprio centro de operações do Distrito da Polícia Metropolitana; apesar do trabalho árduo em um local de crime constante, os comunicados para a imprensa eram ínfimos.

No turno da madrugada, a maioria dos funcionários era composta de novatos desanimados. Afinal, desde que os dragões tinham aparecido, qualquer outra notícia já não parecia grande o suficiente. Ainda assim, era a função daqueles jornalistas preencher o espaço vazio dos leitores desinteressados. Era uma forma de entretenimento.

O policial responsável por atender à chamada que posteriormente seria reproduzida em todos os telejornais japoneses comia um biscoito de arroz às pressas e tentava não se sujar. A pessoa que ligou parecia irritada, o que não era novidade, e sua intenção era comunicar uma *atividade* estranha na residência vizinha em Kabukicho. O lugar ficava numa espelunca em cima de uma sex shop, próximo ao edifício Furinkazan, o ponto de encontro e praticamente o centro de convenções da Yakuza local.

– O homem nunca sai de casa! Quer dizer, ao menos ninguém *nunca* o viu saindo de casa! – exclamou a pessoa.

Nada digno de ser considerado *estranho* naquela região, pensou o atendente policial. O informante ainda insistiu que nos últimos tempos costumava ouvir gritos, batidas, sons de algemas e correntes. Isso *também* não podia ser considerado incomum por ali. A última informação, todavia, não podia ser ignorada:

– E o *cheiro!* – reclamou a pessoa. – É o pior de tudo! Esse prédio já é um

antro de podridão, desde sempre, mas agora o cara pareceu levar a coisa bem mais a sério!

– Você poderia ser mais específico, senhor? – pediu o atendente.

– O cheiro que vem de lá é podre! – revelou. – Parece carne que ficou fora da geladeira por dias. As casas aqui estão sendo invadidas por insetos! Isso não é suspeito o suficiente?

Era. Tanto que, além da patrulha de policiais, uma equipe de operações especiais também foi solicitada. Imediatamente, carros, sirenes e luzes de giroflex se uniram em velocidade, rumo ao endereço informado. Todos estacionaram diante da loja de artefatos sexuais repleta de luzes de neon. Em formação, os agentes especiais subiram armados, afastando os moradores e curiosos do caminho. Os policiais seguiam na retaguarda. As escadas eram estreitas; a iluminação, restrita, e o calor, excessivo. As paredes estavam todas pichadas e o ambiente, sujo e cheio de poeira. Baratas e camundongos corriam pelas brechas mais escuras, escondendo-se à medida que eles avançavam. Subiram sete lances de escadas até o quarto piso, quando os estômagos embrulharam pelo cheiro de putrefação.

Dois agentes se posicionaram ao lado da porta, um de frente para o outro. Por meio de gestos, o líder ordenou que um terceiro agente arrombasse a porta. Quando a porta desabou, os encapuzados de preto invadiram o recinto sombrio, apontando para todos os lados fochos de luz acopladas a fuzis de assalto. O quarto era pequeno e, sem iluminação interna e com a janela vedada, a temperatura e o cheiro eram insuportáveis. Havia um homem próximo à parede sentado de pernas cruzadas, de costas para os agentes.

A equipe de operações especiais era formada por homens selecionados entre os melhores das cinco sedes regionais das Forças de Autodefesa do Japão. Eram acostumados aos piores cenários, treinados para os piores tipos de incursões.

Nenhum deles, contudo, havia sido treinado para aquilo.

Nos cantos superiores das paredes, espalhados pelo teto, havia casulos agigantados, com camadas formadas por favos de uma pasta orgânica, produzida a partir de madeira morta, que parecia papel ressecado. Larvas de insetos se espalhavam em ninhos, e o cheiro de decomposição obrigava o esfíncter a devolver qualquer refeição para o esôfago. Os policiais que estavam sem máscaras imediatamente sentiram o refluxo gastroesofágico e não conseguiram mais avançar, já os mascarados foram averiguar.

Em meio às colmeias macabras, havia pedaços de corpos devorados. O sangue dos membros, embora seco, se destacava entre os alvéolos. Moscas depositavam ovos na carne podre, mas eram devoradas por aracnídeos.

Um policial quase deixou a arma cair quando sua lanterna iluminou um tufo de pelos pretos, mas logo descobriu se tratar do cabelo longo de um colega asiático.

Ao fundo, o homem ainda estava sentado no chão, de costas, com as pernas

cruzadas.

A princípio a iluminação fraca impedia a visão completa do indivíduo, até que ele se virou. Futuramente aquele seria registrado como o primeiro caso de uma patologia inédita. O diagnóstico era uma variação extrema da rara doença genética denominada ictiose: a pele estava seca e escamosa, com rachaduras e feridas espalhadas em espessas camadas de queratina. Essas placas grossas descamadas eram separadas por fissuras, entre as quais se esticava a derme, forçando os lábios e as pálpebras a virarem ao contrário, além de fazer com que os olhos saltassem para fora da órbita. A pele propiciava infecções ao longo da crosta, infestando-se de feridas, ovos e larvas de insetos. O corpo não desenvolvia pelos, e as mãos sofriam de hipoplasia, com encurtamento das falanges médias do dedo indicador e do dedo mindinho, que também não desenvolveram unhas.

A alteração mais evidente, porém, estava na boca.

Repleta de feridas e infecções formadas, as mandíbulas apresentavam um supercrescimento, com uma projeção em forma de foice que saía da cavidade bucal, lembrando uma vespa-cavadora. A cabeça também exibia uma abundância de queratina, produzindo uma proteção natural que remetia a um capacete com reentrâncias na forma de diamantes. A luz das lanternas revelou variações de tons entre o amarelo e o preto, e a camada de queratina atribuía um aspecto de inseto ao humano. Por conta da aparência do indivíduo e das colmeias encontradas, esse era o único caso de uma doença que passou a ser conhecida como *ictiose mandarina*, em referência à vespa gigante asiática, um dos insetos mais mortais da natureza.

– Mãos atrás da cabeça! Atrás da cabeça! Sem movimentos bruscos! – gritaram os policiais.

O homem não se mexeu.

– Eu disse mãos atrás da...

O movimento foi *tão* rápido, que os policiais e agentes mal conseguiram compreender o que acontecia em meio aos vultos. O fuzil do policial que se aproximava foi agarrado, e seu corpo voou pelo recinto como se pesasse um grama. Outros policiais foram atingidos e com eles caíram também as lanternas. Tiros ecoaram, explodindo como fogos de artifício. Gritos de medo e dor, pancadas, tiros, som de quedas, de ossos se quebrando e de ordens de comando. Dois policiais acertaram outros em meio à adrenalina e à parca iluminação, e o comandante ordenou o cessar-fogo. O monstruoso saltou do teto, esmagando o crânio de um dos comandados. Mais policiais entraram no ambiente fétido e iniciaram um combate corpo a corpo, no pouco que conseguiam enxergar. O homem-inseto deslocou uma mandíbula, inverteu um cotovelo, quebrou um cassetete, arremessou um homem de costas no chão. Dois agentes especiais conseguiram segurá-lo, enquanto um terceiro socou seu estômago.

Foi o mesmo que socar uma parede.

O homem-inseto lançou um dos policiais que o segurava contra outro, agarrou o que o socara e o jogou para cima, destruindo uma das colmeias. Enxames de insetos voaram para todos os lados, e gritos, gritos e mais gritos se somaram a golpes, zumbidos, ferroadas e tiros. Alguns policiais tentavam retirar pela única porta os feridos de dentro do espaço apertado, ao mesmo tempo em que outros tentavam entrar, causando desordem.

Insetos voavam pelas brechas e invadiam os corredores, aumentando o transtorno e a correria. Um policial tentou usar uma faca contra o homem-inseto em um golpe cego. A lâmina bateu sem efeito contra o corpo protegido pela queratina. O policial foi erguido pela garganta e por um dos braços e, em um movimento totalmente inesperado, o homem-inseto correu com o fardado em direção à janela vedada.

Do lado de fora, curiosos apontaram, gritaram, tombaram para trás e começaram a correr quando dois corpos atravessaram o vidro de uma janela do quarto andar e se espatifaram feito suicidas em cima de um furgão da polícia; o teto afundou completamente. O impacto foi tão surreal e violento, que as pessoas que não tinham corrido para longe perguntavam umas às outras se aquilo tinha mesmo acontecido. Celulares e câmeras digitais registraram tanto o pânico gerado quanto a revelação da aberração, quando ele saltou para fora do furgão e caiu no meio das pessoas.

Policiais que aguardavam instruções do lado de fora do prédio sacaram e apontaram as armas. O homem-inseto correu e alguns policiais dispararam, afugentando um grupo de curiosos. Quando uma prostituta foi atingida por uma bala perdida, o caos se instaurou e de longe se podiam ouvir os berros de desespero e os pedidos por socorro.

No meio da rua, o ser medonho arrancou a porta de um dos furgões e a arremessou na direção dos atiradores. O metal atingiu um deles e cortou o pulso de outro. Alguns policiais contornaram o furgão e voltaram a atirar. Enquanto mais agentes desciam correndo as escadas do prédio, o homem-inseto correu em direção à multidão. Homens engravatados tropeçaram e caíram por cima de algumas mulheres vestidas de colegiais, enquanto membros da Yakuza agarravam as armas e se preparavam caso o tumulto deixasse de ser assunto policial e se tornasse deles.

Um carro em alta velocidade surgiu de repente em uma das avenidas, freou bruscamente e perdeu o controle. O homem-inseto saltou no veículo e pisou no capô com uma facilidade extraordinária. Atrapalhado pela inexperiência e pelo nervosismo, um motoqueiro de vinte e poucos anos chocou sua moto Yamaha contra o para-choque traseiro do carro, projetando-se metros à frente e acertando um propagandista de uma boate noturna. Filipetas com fotos de mulheres nuas voavam pelas ruas. O homem-inseto correu até a moto preta tombada próxima aos carros, levantou o veículo e testou o acelerador. Enquanto

isso, os policiais gritavam com ele e com os pedestres. O motor de dezesseis válvulas e refrigeração líquida foi acionado e a motocicleta partiu, deixando para trás os gritos, tiros e agentes especiais revoltados, assim como jornalistas satisfeitos por finalmente registrarem uma notícia capaz de rivalizar com a chegada de dragões.



PORTLAOISE, IRLANDA

NÃO ERA APENAS O CARRO QUE CORRIA COM ELES.

Pensamentos, memórias e sentimentos se uniam aos irmãos no Corvette acelerado, enquanto atravessavam uma estrada irlandesa em direção à prisão de Portlaoise, a noventa quilômetros de Dublin.

Com capacidade para quatro centenas de prisioneiros, o lugar abrigava os criminosos mais perigosos da Irlanda, de membros de gangues de drogas a assassinos condenados à prisão perpétua e integrantes do Exército Republicano Irlandês. Sua segurança incluía um destacamento do exército armado com fuzis que fazia a ronda pelo complexo, além de um arsenal reservado para a defesa antiaérea. Seu perímetro era composto por muros altos, sensores, câmeras e proteções antitanque, o que reforçava a fama de ser uma das prisões mais seguras de toda a Europa. Os direitos de visita aos condenados eram concedidos a seis visitantes ao longo do mês e apenas mediante agendamento prévio. Conor havia conseguido uma visita entre duas e quatro horas da tarde daquele dia.

– Quanto tempo eles dão de visita? – perguntou Amber, observando a janela.

– Trinta minutos.

– Nós teremos assunto suficiente para tudo isso?

Conor olhou para a irmã de lado, balançou a cabeça e continuou dirigindo.

– Ei, já que estamos em um raro *momento família* aqui, você se importaria de me explicar agora tudo o que evitou me explicar anteriormente?

Amber se manteve em silêncio. Conor conhecia aquele mau humor e aguardou. Sempre era preciso deixá-la se abrir a seu tempo.

– Sobre o que você quer saber? – perguntou ela, depois de um instante, observando a paisagem e com o pé em cima do porta-luvas.

– Sinceramente? Sobre essa porcaria metálica que colocaram no seu braço...

Ela voltou a ficar quieta e com a expressão fechada. Novamente, ele esperou.

– O que você acha que é? – perguntou ela, de súbito.

– Quando eu vi você acordar no hospital com esse negócio no pulso, achei que se tratava de uma espécie de marca-passo. Alguma engenhoca que servisse pra não deixar o seu coração parar.

– Curioso que você esteja tão longe de estar errado quanto de estar certo.

– Então que tal você me dizer o que é certo e o que é errado nessa história?

– Esse é o problema, Conor! Não existe certo nem errado nessa história. Só existe o que é crível e o que é inacreditável.

Conor suspirou e voltou a balançar a cabeça.

– É difícil conversar com você, não é?

– Você já deveria saber disso.

– Estou falando sério, Amber! – vociferou ele. – Eu estou tentando, aqui! Você reconhece esse meu lado? Entrando na faculdade e agendando visitas em prisões Supermax? Nem eu! Mas aqui estou! E isso deveria ser inacreditável para você!

Ela suspirou. Tirou os pés de cima do porta-luvas do carro e, ajeitando-se no banco, ordenou:

– Pare o carro!

Conor a ignorou e continuou dirigindo.

– Pare o carro!

– Você está maluca? – perguntou, irritado. – Por que eu deveria fazer isso?

– Você quer saber que porcaria é esta no meu pulso? Então pare a droga do carro!

Conor freou bruscamente, mais por impulso do que por vontade consciente, e encostou o veículo na bermã da estrada principal. Olhou para a irmã, sem tirar as mãos do volante.

Amber mantinha a expressão fechada e tinha dificuldade de olhá-lo nos olhos.

– Essa porcaria aqui não tem um nome específico – admitiu. – Só sei que é o que me mantém viva. É um sistema inteligente, que regula e protege meu organismo.

– E quanto custa manter uma coisa dessas?

– Não custa nada, ok? Sério, não se preocupe com isso – garantiu Amber, odiando aquilo tudo. – Digamos que eu sou *uma cobaia* desse experimento.

– Como assim uma cobaia? – esbravejou Conor. – Para eles testarem qualquer porcaria em você, eu deveria ter assinado alguns documentos antes, não é?

– Conor! Pare! Sério, pare! – Ela se virou para o irmão e segurou o rosto dele com as mãos, forçando-o a olhar para ela. – Eu sei que foi difícil pra você também! Eu sei, ok? E eu preciso te dizer: você foi incrível! Mas agora é o momento de me deixar cuidar um pouco de você, tudo bem? Afinal, eu sou a mais velha dessa família...

Amber esperou que o irmão absorvesse melhor a situação. Ele voltou a encostar a cabeça no banco e observou a estrada.

– Da última vez em que nos falamos por telefone, você estava tentando voltar pros ringues...

– É... – Amber suspirou, frustrada. – Estava mesmo.

Conor via na expressão de Amber a vontade de socar alguma coisa. Falar sobre aquele assunto era doloroso para ela, mas ele precisava ir até o fim.

– Você me disse depois que não deu certo, mas não me explicou o motivo... – insistiu.

– Como eu disse, essa coisa é capaz de regular o organismo. Músculos, tecido, glóbulos vermelhos, combate a infecções, estímulo de queima de gordura, e sabe-se lá mais o que é capaz de fazer. Só que isso tem um custo, porque nenhum organismo pode apresentar um aumento de resultados tão espetacular sem

levantar *suspeitas*. E aí eu pergunto: como explicar para uma comissão atlética que o seu nível de rendimento é baseado em alimentação e treinamento naturais, se de fato o seu corpo está sendo estimulado e reorganizado de uma maneira não natural?

Silêncio.

– Mas então foi esse negócio que reduziu o tumor? – perguntou Conor, de repente.

Amber voltou a olhar para o lado de fora da janela.

– É provável – respondeu, no mesmo tom de lamento.

– Então que bom que escolheram você como cobaia.

Ela olhou para baixo. Concordeu com a cabeça. Então olhou novamente para o irmão.

– Eu sei que sou meio vaga e reservada demais e isso deve ser um saco pra você. Mas eu preciso desse tempo, ok? Existem coisas que, para te contar, eu precisaria lembrar. Coisas que eu estou tentando esquecer.

Conor pegou a mão dela e apertou em um gesto que dizia tudo.

– Melhor voltarmos à estrada – sugeriu, encerrando o assunto. – Do contrário, vamos perder o horário de visitas e não veremos nossa mãe terrorista...

Amber sorriu para não chorar.

– Que vida incrível a nossa, não é?

O irmão ligou o Corvette e pegou novamente a estrada. Ligou o rádio em uma estação de rock, e Amber voltou a colocar os pés em cima do porta-luvas. Eles relaxaram e continuaram a viagem em direção ao seu destino.

Foi quando a sombra surgiu.

E o dragão chegou.



PARIS, FRANÇA

DEPOIS DO BATISMO, O FOGO.

Pelas imagens de televisão e vídeos de internet, Romain e Daniel observavam dragões invadirem e destruírem uma parte do mundo.

– Você tem noção da merda que isso vai causar? – disse Romain, dentro de seu apartamento.

– É claro que tenho – concordou Daniel. – Nós é que vamos ter de parar essa coisa...

– Não é isso que estou dizendo, senhor Stark! A questão é: eu estava prestes a me tornar *o maior herói do cinema desta década!* Eu tinha a história perfeita! O dublê que acordou do coma se tornou protagonista e gravou as cenas mais perigosas dos últimos tempos! Deus, isso é material pronto pra estrelar um *True Hollywood Story!* E aí, o que acontece? O Todo-Poderoso iria permitir isso? Não! Claro que não! Ele tem de trazer a porra de uma legião de dragões pro nosso mundo! Afinal de contas, como um filme de ficção vai competir com uma coisa dessas, não é?

Daniel esperou para ver se Romain estava falando sério.

Estava.

– Tem algum dia em que você não fale besteira, seu imbecil? – gritou o brasileiro, dando um tapa forte na nuca do amigo. – Não é uma questão de competir realidade com ficção! Se a gente não parar essa coisa, não vai haver mais realidade! E se este mundo é tão ruim para se viver sem ser venerado, então ao menos pense em fazer isso para que a *sua filha* tenha uma realidade em que viver!

Romain ficou olhando Daniel com os olhos esbugalhados, decidindo se retribuiria o tapa. Desistiu.

– Você sempre sendo você, nerd... – Romain suspirou. – Mas eu lhe digo uma coisa: se um dia o *E!* quiser gravar comigo, eu vou proibi-los de entrevistar você!

Daniel achou graça.

– Você deveria ter pensado nisso antes de me chamar pra ser padrinho da Amélie...

Daniel acionou pelo celular os mais importantes canais de notícias. Em nenhum deles havia espaço para notícias fora do assunto em pauta. Focavam apenas nas entrevistas com pessoas que estiveram nos locais de conflito, previsões políticas sobre a situação sem precedentes, nos depoimentos de zoólogos, militares, bombeiros e escritores de literatura fantástica. Destacavam as histórias das pessoas que perderam toda a família no ataque, assim como das que temiam perder a família em um próximo ataque. Cobriam as redes sociais

das celebridades que divulgavam onde elas estavam e o que estavam sentindo durante os acontecimentos. Transmitem os registros amadores que dominavam o ranking de visualizações em sites especializados de compartilhamento de vídeos.

No meio de tanta informação e desinformação, Daniel acessou o principal portal japonês de notícias e encontrou um vídeo amador que o surpreendeu.

– Mas que diabos...

O vídeo apresentava, em imagens tremidas, o momento em que um homem-inseto saltava de cima de um furgão policial e caía diante de transeuntes em uma rua de Tóquio. Pessoas gritavam e corriam assustadas, enquanto policiais sacavam armas e disparavam contra o homem monstruoso. A câmera tremeu ainda mais e o cinegrafista amador caiu no chão, quando as pessoas se aproximaram dele. Assim que o cinegrafista se levantou e tentou focar de novo o homem-inseto, ele já havia corrido em direção a uma rua ao fundo. O vídeo terminava mostrando uma mulher sendo atingida por uma bala perdida e o caos: gritos, choro e desespero.

– Romain! – exclamou Daniel, assustado. – Romain, você *precisa* ver isso aqui...

Romain tomou o celular da mão dele.

– Ah, isso é comum agora... – disse Romain. – Eles pensaram em usar isso no meu roteiro, mas desistiram por causa da estética...

– Do que você está falando? – perguntou Daniel, irritado.

– Dessa onda de câmera tremida! – explicou Romain. – Esses *falsos documentários* que têm surgido vão se esgotar em breve.

O francês jogou o aparelho celular de volta para Daniel.

– Romain... – começou a dizer o brasileiro assim que entendeu. – Isso *não* é o trailer de um filme...

Romain hesitou, arregalou os olhos e arrancou novamente o celular das mãos de Daniel. Assistiu mais duas vezes ao vídeo, sem dizer nada.

– Deus... está... *mesmo*... de... sacanagem... comigo... – reclamou, enfim.

Sentado em um sofá com os olhos baixos, fixos no chão, Daniel não fez comentários.

– Mas você não está achando que isso aqui seria...

– Na matéria diz que ele saltou do quarto andar agarrado com um policial! – interrompeu Daniel. – Ele caiu num furgão e depois saiu correndo, roubou uma moto e fugiu pelas ruas de Tóquio...

– Ei, japa, olha só: eu sei que você deve estar doido pra voltar pra sua terra, comer sushi de pauzinho em cima de mulheres nuas! Eu me sinto assim quando me tiram de Paris por muito tempo também, tirando, claro, a parte de comer sushi em cima de mulheres nuas. Contudo, eu não pretendo...

– É ele, Romain – afirmou Daniel, sem qualquer indicio de humor na voz. –

Tem de ser ele...

Os dois ficaram em silêncio, como se admitir por completo aquela teoria fosse também admitir a responsabilidade.

– Pode ser apenas uma aberração genética, surgida por acaso... – retrucou Romain, em uma última tentativa.

– Pode – concordou Daniel. – Ou pode ser a cria de um demônio-bruxa.



PORTLAOISE, IRLANDA

A CRIATURA SIMPLEMENTE SURTIU.

O carro havia começado a ganhar velocidade, quando um réptil de quinze metros deu um rasante em plena estrada, como se farejasse alguma coisa. As escamas matizadas em vermelho mais claro espalhadas pelo corpo da criatura pareciam *respirar*, pulsantes, acesas por debaixo da pele grossa. Da cabeça se estendia uma crista nervurada e ao longo da cabeça e do maxilar havia chifres de vários tamanhos. As pupilas eram do mesmo tom de vermelho das escamas. As falanges alares internas formavam um rufo largo a partir do polegar, e a membrana das asas se unia ao corpo na altura da pelve, atrás das pernas traseiras, onde começava a cauda de ponta denteada.

– Que porra é... – começou a dizer Conor, enquanto virava o volante e fazia o carro derrapar.

Apesar de o veículo ter desviado da criatura, Conor perdeu momentaneamente o controle. O carro que estava logo atrás não teve a mesma sorte e foi esmagado pela pata gigantesca.

– Acelera! Acelera! – gritou Amber.

Sem atrito, o pneu rodopiou sobre a terra. A cauda do dragão estalou, amassando toda a lateral do motorista, empurrou o carro para o lado e então subiu para esmagar de vez o veículo. Na nova posição, a borracha finalmente conseguiu a fricção de que precisava, e o carro partiu antes de ser destroçado.

– Aquilo... aquilo é um...

– É – completou Amber.

Atrás deles, veículos derrapavam pela estrada e alguns se chocaram. Os que vinham na direção contrária também vacilavam e eram jogados para fora do asfalto quando os motoristas percebiam o réptil gigante.

– É impressão minha ou essa coisa está atrás da gente? – gritou Conor, mantendo o carro sob controle.

– Parece que sim...

O Corvette precisou de quatro segundos para atingir os cem quilômetros por hora. A criatura saltou e seu pescoço sinuoso se esticou, enquanto as asas batiam depressa e a cauda se agitava, servindo de reforço e aumentando o controle e a estabilidade do voo.

Conor acelerou o carro, e o dragão manteve a mesma velocidade.

– Estou a cento e oitenta quilômetros por hora e esse bicho continua na nossa cola! – berrou Conor.

Um motorista na pista contrária se assustou com a visão do animal, perdeu o controle do carro e girou. Conor conseguiu se desviar a duzentos quilômetros por

hora e foi parar fora da estrada. Imediatamente, voltou para o asfalto, deixando as marcas de pneu para trás ao fazer a curva. À medida que o cenário de vegetação ao redor se transformava em borrosos, Amber se angustiava. Aquilo não poderia ser coincidência. Não aquela criatura, não com escamas daquela cor. Contudo, a cena trazia de volta sentimentos que ela queria afastar, como se fossem granadas prestes a explodir e destruí-la no processo.

O bracelete de cristal *pulsava*. Aquele era o chamado que ela vinha recusando desde que voltara. A presença do artefato não podia ser ignorada, mas tudo referente ao que tinha vivido durante o período de coma, sim. A simbiose havia destruído o tumor e reforçado o sistema biológico, mas custara seu sonho de viver profissionalmente dentro dos ringues. Um sonho que teria sido arrancado da sua vida de qualquer maneira. Como consolo, aquela realidade lhe devolvera Conor.

Teria sido uma troca justa, *se* a mesma realidade também não tivesse devolvido dragões.

– A gente precisa se afastar da cidade! – instruiu Amber. – Essa coisa *tem* de ficar longe de Dublin!

– Então você está *realmente* concordando que ela está atrás da gente!

– Você está ouvindo o que estou dizendo?

– É claro que estou! E nós não estamos indo para Dublin! Estamos indo a um presídio de segurança máxima, então não sei o que é pior!

– Puta merda! – gritou ela.

Atrás deles, a criatura subiu ainda mais e seu corpo *se acendeu* num tom incandescente. Fumaça começou a sair pelas ventas. Os olhos brilharam. A cabeça se curvou para trás.

– Merda! Merda! – voltou a gritar Amber. – Ela vai cuspir fogo em cima da gente!

– Você está *falando sério*?

– Conor, gira essa porcaria na direção contrária agora! – ordenou ela.

– Se eu fizer isso, a gente pode...

– AGORA!

Quando os freios e depois o freio de mão foram acionados de maneira brusca, aliados aos giros do volante, os pneus cantaram em atrito com o asfalto. Amber e Conor foram arremessados de um lado para o outro. A projeção contra os vidros, porém, foi evitada pelos cintos de segurança. O Corvette girou até parar na pista contrária.

Foi quando o réptil soprou.

A chama rosa-escura desceu em espiral, enquanto o esportivo mudava a direção. Como resultado, o dragão e a chama passaram direto, queimando apenas um pedaço da traseira do veículo e da estrada.

– Tá pegando fogo! Droga, tá pegando fogo! – gritou Conor, observando as

chamas pelos espelhos laterais.

– Abre a capota!

Amber tirou o cinto. Conor pensou em resmungar, mas, em vez disso, acionou o teto solar do conversível. Amber buscou o extintor de incêndio acoplado abaixo do banco e ergueu-se. O irmão se preparou para frear o carro, mas, ao olhar pelo espelho lateral, a figura monstruosa já voava novamente em direção a eles.

– Você é maluca! – exclamou Conor.

– Só descobriu isso agora?

Amber acionou o extintor sob pressão, liberando o pó ABC, que isolou o fogo.

– Amber! – gritou o irmão em desespero. – Você vai voar dessa coisa!

– Se você frear, vou mesmo! E ainda seremos devorados depois!

– Mas que belo aniversário...

A adrenalina no corpo dela atingiu um nível excessivo, que instigou seu instinto à *metamorfose* a que havia se negado desde que acordara no hospital. Não havia outra solução. Entretanto, Amber estava paralisada. A região do cérebro responsável pela ordem simplesmente se recusava a fazê-lo, era como se reagisse a uma fobia. Ela estava em constante conflito: devia sua vida àquilo, no entanto, desenvolvera aversão ao metal-vivo.

À frente, um motoqueiro escorregou pela pista, e Conor, mais uma vez, teve de jogar o carro para fora da estrada. O solavanco desequilibrou a irmã.

– Amber! – gritou ele, mantendo uma das mãos no volante, enquanto estendia a outra.

Ela não pensou no movimento. Em um segundo, estava tombando para fora do carro, em outro, segurava a mão do irmão, formando um laço. O gesto era uma metáfora do único elo que lhe restava.

– Estou bem! Estou bem! – gritou, liberando a mão dele para reforçar o controle do volante.

O carro seguia em solavancos, como resultado da alta velocidade somada ao desnível da estrada de terra. Amber se preparava para voltar ao banco, quando percebeu a figura monstruosa se aproximando.

– O que diabos...

Ziguezagueando e aproveitando a velocidade reduzida do veículo, novamente o réptil assumiu uma posição de ataque. Dessa vez, o pescoço, em vez de se alongar para trás, se encolheu por baixo das asas, que se contraíram. A língua sibilou.

– Ele vai cuspir aquela porcaria de novo? – perguntou Conor, tentando manter a direção.

– Eu não faço a menor ideia do que essa coisa vai fazer... – admitiu ela, segurando-se no banco do passageiro.

A cabeça foi projetada para frente, e a criatura atacou.

Primeiro, sentiram o cheiro. Em seguida, a tontura imediata e a ânsia de

vômito. Em vez de fogo, o dragão liberou um gás, invisível aos olhos humanos, mas de absorção imediata pelo olfato. O odor lembrava mostarda. A visão de ambos ficou turva e eles perderam o tato. De repente, Conor parou de sentir o volante. Igualmente sem a sensibilidade, Amber perdeu o contato com o apoio que a sustentava e tombou para fora do veículo, girando várias vezes pela grama, ralando a pele em diversos pontos e abrindo um ferimento na cabeça.

Tomado por aflição, Conor quis frear, mas os comandos no cérebro se embaralharam e ele acabou acelerando o veículo. Quando acertou o pedal, suas mãos não conseguiram controlar o volante, e o carro girou pela terra, indo parar do outro lado da pista. E então a lateral do para-choque colidiu contra uma árvore.

– Desgraçado! Desgraçado filho da... – irrompeu Amber, cuspidando sangue, ainda deitada no chão.

De repente, o dragão desceu na frente dela e encolheu o corpo. Sua bocarra mostrava todos os dentes e estava aberta em um ângulo que parecia um sorriso sádico. A cauda estalava em movimentos esporádicos. Sentada sobre os tornozelos, machucada, sangrando e rendida, Amber observou a criatura, aceitando a morte. O bracelete pulsou e, enfim ela se sentiu impelida o suficiente para romper seu bloqueio. Seu estômago doía, os sentidos se embaralhavam e a concentração era mínima para o comando final. Se o simbiote não estivesse agindo, reforçando seu organismo, Amber já teria apagado.

– Você quer o meu sangue, não é? – disse Amber, com a voz arrastada. – Então tome, miserável! Tome de mim e deixe meu irmão fora disso. É a melhor oferta que você vai conseguir hoje...

O monstro rosnou como se pudesse compreendê-la. Ele se aproximou, projetando o corpo colossal e a língua, e parou a alguns centímetros de Amber, analisando-a.

– Não... fica longe dela... – conseguiu resmungar Conor, em seu próprio delírio, sentado no banco do motorista. Ao fundo, reconhecia a irmã e a criatura através de borrões. – Eu não vou perdê-la de novo! Está me ouvindo, verme? Ela acabou de voltar e eu não vou perdê-la de novo...

A ponta da língua produziu um furo na altura da clavícula da Amber, e um filete de sangue caiu sobre ela. Ainda com a visão turva e sem entender o que acontecia, Conor foi tomado pela ira. Puxou o freio de mão ao mesmo tempo em que afundou o pé no acelerador. Os pneus giraram, levantando terra, e o cheiro de gasolina se intensificou, anunciando um vazamento. Apesar da lataria amassada e com um trecho frontal totalmente destruído, o automóvel ainda funcionava. Quando a velocidade atingiu trezentos quilômetros por hora, Conor desceu o freio de mão, liberando o arranque.

– Que se foda essa porra toda! – gritou. – Você mexeu com a irmã do cara errado, seu filho da puta!

O carro avançou, derrapando e ganhando velocidade progressiva.

À frente, o dragão ainda saboreava o sangue de Amber, em um êxtase perturbador. A língua de repente se abriu, bifurcando-se como dois chicotes com microlâminas, e ameaçou se enroscar em Amber. A criatura continuava num torpor tão intenso, que não notou o Corvette se aproximar. No volante, Conor mal sentia os dedos, nem sequer sabia o que estava fazendo.

– Levo minha vida quatrocentos metros de cada vez... – delirou, enquanto tentava controlar o volante.

Em uma atitude suicida, o carro foi direcionado para as asas esticadas no chão e projetado para cima da membrana alar.

– Nada mais importa...

A criatura desviou a atenção de Amber assim que sentiu o formigamento. Ergueu-se e balançou a asa, fazendo o veículo sacudir, espalhando gasolina.

– Conor... – sussurrou Amber, enfim superando a alucinação e retomando o controle do próprio sistema nervoso. Então gritou: – Conor!

De dentro do carro, que ainda corria por cima da membrana de um dragão, Conor tirou do bolso o isqueiro Zippo e acionou a chama.

– Durante aqueles dez segundos ou menos...

Amber ergueu-se com os olhos arregalados e o coração tão acelerado, que o metal-vivo trabalhava sem parar a fim de evitar a parada cardíaca. Ela tentou desfragmentar os pensamentos: o pai morto, a mãe presa, os ringues para sempre inacessíveis, o acidente que quase matara seu irmão, a cama de hospital, os reptilianos, as guerras, os demônios e os dragões.

– Não ouse... – sussurrou, os olhos marejados.

Naquele momento, Conor percebeu que ia morrer e deixou cair as lágrimas. Era um choro sem arrependimento, que não lamentava nada o que tinha vivido até então, apenas o que não iria viver. Nada de faculdade, formatura, festas. Para alguém de uma família como a dele, até que se confortava por ter chegado tão longe.

– Eu sou livre!

O isqueiro foi arremessado para trás, enquanto o dragão tentava bicá-lo, como um inseto. O fogo se encontrou com o combustível inflamável e se alastrou de repente pela membrana da criatura, causando dor. O rastro ganhou terreno depressa em direção à fonte original e, ao atingir a abertura do vazamento, o veículo explodiu.

No chão, Amber colocou as mãos na cabeça e soltou um grito agudo de puro desespero.

O dragão urrou. O carro virou de cabeça para baixo e caiu feito uma bola de fogo. No meio de uma das asas da criatura havia um buraco chamuscado. Amber correu para perto dos destroços, onde o que sobrara do corpo de Conor jazia queimado e esmagado dentro da lataria incendiada. O peito dela ardeu.

Amber gritou, e o grito se alastrou pelas árvores feito vento.

– Não! Não! NÃO! NÃO!

Ela observou o corpo carbonizado do irmão entre as chamas, e não mais o reconhecia. Amber trincou os dentes, agarrando os próprios cabelos, ensandecida. A loucura acabou destravando a parte do cérebro que a sanidade mantinha trancada, e o metal-vivo pulsou forte.

– Conor... – repetiu, em choque. – Não o Conor...

Atrás dela o monstro tentava se mexer, mas caiu torto, desequilibrado pelo ferimento em uma de suas poucas partes vulneráveis. Quando conseguiu se virar para encarar a presa, encontrou-a com outra postura: com a atitude agressiva de um guerreiro enfurecido em batalha.

– Eu vou *trucidar* você.

Envolvendo o corpo de Amber, a armadura negra de metal-vivo pulsava, e as runas brilhavam em rosa-escuro.



PARIS, FRANÇA

A PULSAÇÃO FOI TÃO FORTE, QUE CHEGOU A DOER.

Daniel de repente teve um espasmo involuntário, como se alguém tivesse furado seu antebraço. Estava sentado em um sofá do apartamento de Romain, com um laptop no colo, aguardando-o enquanto o francês fazia compras no supermercado. O celular emitiu um silvo, anunciando o recebimento de uma mensagem instantânea.

Romain

“Famoso”

Vc tb
sentiu
isso???

Sim!

Romain

“Famoso”

Então me

explica,
porra!!

Eu não posso
dizer com
certeza..

Romain
“Famoso”
Então ao
menos me
diga
alguma
coisa! 😞

Eu posso

estar errado
obviamente!
Mas acho
agora
estamos
“completos”

Romain
“Famoso”
OMFG! Vc
acha q
aquela
maluca
nervosinha
doida de
pedra
apareceu?

É exatamente
isso que
achei
Romain

Amber es
de volta

No laptop em seu colo, graças a sua habilidade como hacker, seu nome e o de Romain já figuravam na lista de passageiros de um voo sem escalas para Tóquio.



PORTLAOISE, IRLANDA

ELA GRITOU MAIS UMA VEZ.

A loucura dominou seu corpo e suas ações, subjugando estratégias, planejamento ou hesitação. Era um estado psicológico de fúria impetuosa, inconsequente e incontrolável denominado *berserk*.

O réptil ainda bambeava, incrédulo. A língua bifurcada foi projetada na direção de Amber e ela não conseguiu se desviar a tempo. As partes se fecharam sobre seu corpo, enrolando-se nela e cravando espinhos. A pressão não chegou a quebrar a armadura, mas, pela primeira vez, ela sentiu o metal-vivo *afundar*. E Amber começou a asfixiar. Em outra situação, ela provavelmente teria cedido, no entanto, ela se lembrava de por que ainda estava viva e Conor, morto.

Isso mudava tudo.

De repente, o metal-vivo esquentou tanto, que a língua bifurcada emitiu um som de queimadura e em seguida de bolhas estourando. Amber foi arremessada longe. Coberta de sangue de dragão, ela amorteceu a queda dando giros e cambalhotas. A ira que a queimava por dentro continuava a queimar por fora, gerando uma energia tóxica e poderosa. Ela se ergueu e correu na direção do monstro. O visor destacou os pontos vitais desprovidos de escamas, como as membranas, dobras de pele e orelhas, além de alguns chifres. O bolsão dimensional foi acionado, e Amber encontrou apenas seus bastões menores, do tamanho de um antebraço cada, esculpidos com ossos de dragão vermelho. Não havia armas de fogo nem qualquer equipamento de alquimia anã que pudesse ajudá-la a matar um dragão sozinha. Mas a essa altura nada a impediria de tentar.

A asa intacta zuniu na direção dela. Amber escapou e aproveitou para bater com um dos bastões menores em uma das articulações que o visor lhe apontara. A intensidade daquela pancada seria suficiente para rachar uma cabeça humana, mas, naquela besta, mal provocava um hematoma. A asa novamente a atingiu e, dessa vez, o impacto a arremessou para cima. Com o corpo de Amber ainda no ar, o rabo estalou feito um chicote, jogando-a longe. Amber chocou-se contra uma árvore. A proteção metálica impediu que sua coluna se partisse, mas não evitou a dor do impacto. Ela se ergueu, ainda abraçada à insanidade, e a cólera fez a armadura esquentar *mais*. O dragão subiu e planou e encarou sua presa, preparando-se para atacar. A energia do ódio se espalhou e as mãos de Amber começaram a tremer cada vez mais rápido. Enquanto o metal-vivo mesclava seu sangue ao sangue de dragão, os antebraços da armadura se alongaram. O tremor era tanto, que os bastões foram esmigalhados. E então o dragão desceu com a

bocarra aberta. A ira de Amber alcançou o ápice. Ela arqueou o corpo para trás, preparando o golpe. O monstro exibiu os dentes. O visor destacou alguns pontos fracos na face animalésca que se aproximava, e Amber se lançou para frente.

Dos antebraços, duas projeções metálicas foram arremessadas na direção da criatura. Lembrando nervuras entrelaçadas, as protuberâncias eram enormes e tinham pontas afiadas feito agulhas. Elas perfuraram a carne e se cravaram em uma das narinas e em um dos olhos do dragão. A criatura urrou e caiu de cara na terra.

Por baixo do capacete, os olhos arregalados de Amber refletiam apenas insanidade.

– Eu... vou... *trucidar* você!

E então, Amber começou a *se alimentar* do sangue do dragão por meio das proeminências que os conectavam. A criatura se debateu com dor. Em meio aos espasmos, batia a asa com força, tentando em vão se livrar das agulhas. Enquanto isso, Amber se alimentava e expandia o ódio, a força e a própria proteção. As projeções do antebraço da armadura foram se tornando mais maciças e penetravam pelos olhos e pelas narinas do dragão cada vez mais fundo.

O dragão se ergueu mancando e tentou se posicionar para soprar fogo.

A temperatura do corpo de Amber se elevou, e ela sentiu o sangue ferver. Mais uma vez, se fosse sob outras circunstâncias, ela teria desfalecido. Tratava-se, todavia, de uma disputa. Tomada pela raiva, ela agarrou os nervos metalizados que saíam da armadura e, usando-os como uma coleira, puxou a cabeça do monstro para baixo, tratando-o como um animal passível de ser domesticado. O bicho guinchou. Ele tentou se levantar, mas Amber o puxou novamente para baixo, girando as protuberâncias e afundando outra vez a face colossal no chão.

– A sua vida é minha – disse Amber. – Quem comanda você sou eu.

Para surpresa dela, a resistência do réptil diminuiu. Em vez de continuar a lutar, ele se entregou. Mantendo a cabeça no solo, respirando com dificuldade por apenas uma das ventas, o dragão parecia aguardar um julgamento. Para Amber, contudo, só havia uma sentença.

Morte.

– Amber... – A voz surgiu, de repente, feito um eco dentro do capacete. – Amber? Você está aí?

– Derek... – sussurrou ela, testando o próprio delírio.

– Sou eu – confirmou a voz dele. – Sou eu, *dragonessa*.

O termo a arrepiou. Ela não queria que Derek falasse com ela, porque ele, e todas as lembranças que vinham junto, abrandavam a raiva que sentia. A ira de que ela precisava naquele momento. A energia destrutiva que ela queria se tornar.

– O que está acontecendo, Amber? – insistiu a voz dele. – Fale pra mim!

Agora!

– Esta coisa matou meu irmão – disse ela, resumindo tudo o que ele precisava saber. – E eu vou matá-la.

Houve uma pausa na comunicação, não por falha da conexão, mas porque Derek ainda pensava no que ia dizer.

– Eu não vou dizer para você não fazer isso – disse ele enfim. – Eu não vou dizer o que você deve ou não fazer. Só quero que saiba uma coisa: se você optar por fazer isso, o outro lado vence.

– Não seja ridículo! – gritou ela. – Se ele *viver*, eles vencem!

– Ou talvez seja o que *ela* quer que a gente pense! Talvez Ravenna os tenha enviado para que nós nos tornássemos fortes o suficiente para matá-los. E então *nos alimentássemos* do sangue dos dragões.

– Não parece um bom plano. Se fizéssemos isso, seríamos capazes de matá-la.

– Ou seremos enfim controlados por ela – concluiu Derek – Como a Serpente...

Uma pausa.

– E como Mihos... – Amber compreendeu.

Derek suspirou. Lembrar de Mihos era lembrar de Ashanti.

E da dívida que tinham com Ashanti.

– Como Mihos – repetiu ele.

Amber continuou com a expressão franzida e se aproximou lentamente do dragão rendido. A criatura continuava caída, com o olho perfurado, ainda tendo espasmos, mas os guinchos de dor haviam diminuído. Amber desmaterializou o capacete, revelando o rosto atormentado, ensopado e machucado.

– Primeiro, eu quero que entenda que eu *odeio* você...

Ela torceu as projeções, obrigando o animalesco a resmungar, submisso.

– Depois, quero que entenda que eu permitirei que viva por enquanto e que isso não é um sinal de fraqueza minha, mas sua.

Amber continuou a se aproximar e voltou a se alimentar do sangue dele. Dessa vez, a troca gerou uma conexão mais concreta – repugnante para ambas, mas extremamente forte.

– É um sinal de fraqueza sua – repetiu ela, cuspidno no chão com desprezo.

Amber parou a poucos metros da bocarra fechada da criatura.

– Você e eu *não* somos aliados. *Não* somos iguais. – A voz dela era baixa. O tom, aterrorizante. – Nossa relação é simples – continuou ela diante da besta. – Sou sua dona! Você é *meu escravo*. Se eu quiser, você vai matar por mim! Se eu quiser, você vai morrer por mim! Como meu irmão fez. É isso, ou continuo a perfurar seu crânio até chegar *no* cérebro, seu filho da puta!

As agulhas afundaram mais, e o dragão rosnou de dor, preferindo a morte à tortura. Inconscientemente, Amber recolheu as projeções de volta para os antebraços da armadura. À frente dela, jazia a figura do monstro de uma asa,

narina ferida e um olho cego sangrando. À frente dele, se erguia uma mulher de armadura negra com runas brilhando em rosa-escuro a apenas uma curta distância de seus dentes.

– Levante-se – ordenou ela. – Levante-se para que o meu desprezo por você não aumente.

O bicho tentou, mas a dor extrema o impediu. Amber subiu pela membrana alar e começou a andar por cima da asa. Depois, escalou na direção das escamas. Por fim, caminhou por cima da coluna vertebral; o visor destacou dois pontos vitais atrás das orelhas da criatura. Amber continuava sem capacete. Não queria ouvir a voz de Derek nem de ninguém.

– Eu disse...

Em um movimento brusco, os nervos metalizados saíram dos antebraços e perfuraram os pontos marcados atrás do pavilhão auricular do monstro. O dragão ergueu a cabeça ao receber uma dose de estímulo similar a uma injeção de adrenalina. O sangue de Amber ferveu, e a conexão enfurecida entre os dois foi reativada.

– Eu disse para você *se levantar!* – gritou Amber.

O dragão se ergueu com furor. Estava cansado, humilhado, ferido. Mas mesmo em uma besta como aquela havia orgulho.

– Nós não vamos voar – disse ela, antecipando o pensamento da criatura. – Você ainda não tem condições para isso...

O monstro abriu a bocarra e se agitou, como se tentasse negar qualquer coisa que a humana pedisse.

Mas ela estava certa. Ele não tinha condições de voar.

– Entretanto, você *pode cavar* – continuou Amber. – E é isso que você vai fazer agora, desgraçado!

O réptil novamente se agitou, mas, obediente, seguiu arrastando-se e tremendo para o ponto que ela havia apontado. Na estrada, ao longe, viajantes desaceleravam os veículos para testemunhar a cena e gravar vídeos amadores e desfocados.

Ninguém tinha coragem de se aproximar.

– *Você* vai enterrar o meu irmão... – Montada na criatura, a dragonesa rosa-escuro chorou. – Antes de qualquer coisa, nós vamos enterrar o meu irmão.



KIGALI, RUANDA

ERA MEIA-NOITE QUANDO ELA ENTROU NA SALA.

Preso em uma posição incômoda com grossas algemas metálicas nos pulsos e tornozelos, o dracônico bufava, rosnava e se agitava. Ashanti o observou sem tecer comentários, lembrando-se de uma realidade distante em que havia matado muitos daquela mesma raça.

– Você conversou com os outros? – perguntou ao doutor Nambara.

Ao lado dela, o cientista não conseguia desviar o foco do prisioneiro, mas ainda assim respondeu:

– O suficiente para descobrir que ainda não sabemos muito...

Ashanti percebeu os olhos dele no dracônico e estalou os dedos na frente do rosto dele para obrigá-lo a encará-la.

– Ei! Preciso da sua total atenção nesse assunto, doutor Nambara!

O doutor concordou, baixando a cabeça e o olhar.

– Eu sei o quanto eles assustam – disse ela. – Eu sei o quanto é espantoso trabalharmos por tanto tempo trazendo bichos menores e, de repente, trazer uma coisa *dessas* para cá. Mas, ainda assim, preciso que você lidere essa equipe, porque o foco deles também está abalado. E essa confusão toda vai me custar tempo. E o tempo aqui é diferente. Dias aqui representam semanas na outra dimensão. Logo, nossas horas são preciosas...

– Entendo, senhorita.

Ashanti se aproximou do bestial aprisionado. O cheiro do bicho era um misto de suor e urina. Suas vestimentas eram tribais, adornadas por amuletos feitos de crânios de anões. O cabelo em tranças grossas lembrando o penteado rastafári.

Tudo era exatamente como ela se lembrava.

Enquanto ele ainda se debatia, ela reparou nos machucados. E no sangue que escorria dos ferimentos.

– Eles conseguiram salvar as coordenadas da última abertura – relatou Nambara.

– Na teoria, ao menos – comentou Ashanti. – Mas é como conversamos... Por enquanto, o pouco tempo que o círculo de sangue fica aberto só nos permite trazer coisas de lá, nunca mandar...

– Então só saberemos, de fato, o que poderemos fazer, se encontrarmos uma forma de manter o círculo ativo por um tempo maior – concluiu Nambara.

– É exatamente isso que nós faremos.

Doutor Nambara se afastou. Uma equipe de soldados fazia a segurança ao redor do dracônico. Ashanti voltou a analisar o sangue que saía dos ferimentos. Ela apertou os olhos e franziu a testa.

– Doutor Nambara... – chamou ela.

Prestes a sair do recinto, o cientista parou e retornou.

– Você tem alguma sugestão? – perguntou Ashanti.

– Senhorita, manter o círculo aberto implicaria *alimentá-lo* por mais tempo. E em relação ao que estamos falando aqui, isso significaria despejar uma quantidade de sangue que poderia matá-la no processo.

Ashanti se manteve imóvel, o olhar fixo, perdida em pensamentos que ninguém naquele lugar conseguiria alcançar.

– Não testaremos com o meu sangue.

O médico sentiu as pernas vacilarem, pensando no que aquilo poderia significar.

– Como disse, senhorita?

– Vamos usar o sangue *dele* – explicou ela.

Doutor Nambara ainda estava surpreso.

– Como assim, Ashanti?

– Vamos *usá-lo* – repetiu a ruandesa, sem tirar os olhos do dracônico. – Vamos tentar mandar aquela coisa de volta.



CASTELO DE CASHEL, IRLANDA

ELES CHEGARAM VOANDO EM DRAGÕES.

A fortaleza de St. Patrick, um conjunto de ruínas do século XIII, estava localizada na pequenina Cashel, no condado de Tipperary, a uma distância de um pouco mais de uma hora e meia de Dublin. A arquitetura medieval celta que um dia fora uma igreja e depois declarada patrimônio cultural irlandês se postava sobre uma área conhecida como Vale do Ouro. O centro de um gigantesco terreno verdejante, cercado por um muro de pedras grandes e cinzentas, foi o local onde São Patrício converteu ao cristianismo o rei de Munster, Aengus MacMútraich, e também onde o exército do inglês Oliver Cromwell saqueou, destruiu e massacrrou mais de três mil pessoas. Em volta, ainda se viam as lápides construídas ao longo dos séculos tomando conta do vasto cemitério.

– Está um pouco escuro por aqui... – disse Derek, se aproximando ao fundo.

– A cada dia fico mais acostumada com a escuridão – comentou Amber.

Derek suspirou. Estavam dentro da capela de Cormac, cuja estrutura sofisticada destoava da maioria das igrejas românticas irlandesas, que eram simples e tinham poucos ornamentos.

O vento era gelado. Apesar disso, Amber sempre acreditava ser ela a coisa mais fria.

– Ainda assim, achei que você fosse gostar... – Numa das mãos, Derek trazia cobertores; na outra, um lampião.



AMBER NÃO DISSE NADA POR um tempo. Derek não a pressionou. Ele havia estendido dois cobertores no chão, onde estavam sentados, com um lampião aceso entre eles. Desde que fizeram a conexão de sangue com os dragões, a ligação era permanente, da mesma forma como viram Mihos controlar a Serpente no Cemitério. Funcionava como um reflexo de dor: não se pensava, apenas se executava o comando.

Naquele momento, os dragões dormiam ao redor das ruínas, abraçados às sombras.

– É bem quieto aqui... – comentou Derek enfim.

– Estamos no meio de um cemitério.

– Não é a primeira vez.

A frase a pegou de surpresa. Amber olhou para o ranger, ainda com aquela expressão fechada, de puro ódio.

– No que você está pensando? – perguntou ele. – Não precisa me dizer, se não quiser. Mas, se desejar dividir o peso, estou me voluntariando.

– Estava pensando que talvez tivesse sido melhor nunca ter cruzado meu caminho com o seu.

Foi a vez dele de se surpreender. Mesmo à luz trêmula do lampião, Amber podia ver a expressão confusa no rosto de Derek.

– Você quer falar sobre isso? – insistiu ele.

– Não – respondeu Amber. – Mas *você* quer falar sobre isso.

Ele abraçou os próprios joelhos e fixou o olhar no chão, refletindo se valia a pena continuar aquela conversa.

– Foi por isso que você não entrou em contato? – Derek decidiu perguntar. – Digo, desde que *acordamos*?

– Não, não foi por isso.

Novamente o silêncio que matava a espontaneidade. Derek balançou a cabeça e, quando sua postura corporal demonstrou que ele iria desistir de fazer mais perguntas, ela respondeu:

– Não entrei em contato porque *eu não consegui*.

O ranger fixou os olhos em Amber.

– Sabe – continuou ela –, quando eu acordei naquele lugar, foi puro instinto de sobrevivência. Eu acreditava que Conor havia ido parar naquele lugar comigo, mas ele não foi e isso mudou tudo...

Amber esticou as pernas e deixou o corpo cair para trás.

– Se eu soubesse que Conor me esperava aqui, eu não teria voltado.

Surpreende eu dizer isso a você?

– Não importa a minha opinião agora – disse Derek.

– Sabe por que eu não teria voltado? Porque um mundo de dragões, reptilianos, demônios, e sabe-se lá mais o quê, é bem ruim. Mas um mundo no qual uma pessoa se torna inválida e acaba sozinha em uma cama de hospital é *pior*. E, quando eu despertei e senti aquele cheiro de álcool do inferno, aquilo foi pior do que o cheiro de fossa das Minas Dracônicas... – Ela fez uma interrupção para não chorar. – Porque o cheiro daquele hospital trazia lembranças, entende? Sempre fui a pessoa mais forte da família, dos amigos. Mas quando um Deus joga dados valendo um coágulo, pra onde vai nossa força? Quando finalmente abri os olhos, quem estava na minha frente? Conor...

Embora Amber dissesse que não queria ter voltado, havia certo alívio em sua voz, além de lamento.

– E eu vi que o meu irmão estava bem – continuou ela. – E isso deveria ser bom. Quero dizer, isso *era* bom! Mas descobrir aquilo tinha seu preço. Eu

continuaría sem ver meus cabelos quando me olhasse no espelho, me lembrando de tudo o que aquela imagem trazia. Foi quando pensei que talvez teria sido melhor se o meu caminho não tivesse se cruzado com o seu...

Derek sentia-se pesado. O ar frio que respiravam era puro, mas o ambiente estava carregado.

– O que você acha que teria acontecido se tivesse ficado lá? Uma vida regada a escravidão e tortura...

– Ao menos uma vida em que eu pudesse lutar – acrescentou ela. – Além disso, mesmo que eu morresse naquele lugar, e sabe-se lá o que isso significaria por aqui, ao menos seria uma morte rápida e valente...

– Então vou lhe fazer a mesma pergunta que fiz no Cemitério! Quero que você pense e me responda sinceramente: a dor da dúvida seria mais branda que a da doença?

Amber mordeu os lábios. A tensão que vinha de dentro dela se refletia nele, assim como contaminava tudo ao seu redor.

– Ao menos seria uma dor com a qual eu poderia conviver.

– Não! Você *não* poderia! – insistiu Derek, elevando o tom. – Você está dizendo isso porque Conor está morto! E você *se sente culpada!* Culpada por não ter conseguido protegê-lo! Culpada por ter *sobrevivido*.

– Sim, mas que droga! – gritou ela, se sentando e apontando o dedo para ele. – E você não venha elevar a voz e me julgar por nada disso!

– É claro que eu vou elevar a minha voz! – insistiu ele. – Pois eu salvei sua vida naquelas minas! E foi você quem salvou a minha quando quebrou a omoplata de um dracônico com um *amber* voador giratório! Se nós dois estamos aqui neste momento foi porque nossos caminhos se cruzaram!

Ela socou o chão e virou para o lado, recusando-se a olhar para ele.

– Ei! Ei! – disse Derek, apoiando uma das mãos no ombro de Amber, obrigando-a a focar seus olhos verdes outra vez. – Eu já entendi. Você está traumatizada com as lembranças do Cemitério, não está? Aceitar o metal-vivo seria aceitar muita coisa.

– Antes eu não tivesse essa porcaria no meu pulso... – sussurrou ela.

– Foi por ter *isso* no seu pulso que você voltou a ver seus cabelos no espelho...

Amber suspirou. Afundou o rosto entre as mãos. Depois voltou a dizer:

– Eu pensei em me matar, sabia? – admitiu. – Mas seria um desperdício sobreviver àquilo tudo e depois se matar, não seria?

Derek se manteve em silêncio.

– Sem contar que... *como* eu faria isso? Essa porcaria protege o hospedeiro até o fim...

– É uma troca – acrescentou Derek.

– Uma troca que eu *não* pedi!

– Ah, pediu – corrigiu ele. – Você pediu assim que me viu usar a armadura

pela primeira vez e ainda falou 'não sei que porra é essa que vocês criaram, mas eu quero uma pra mim'.

Amber sentiu vontade de arremessar o lampião na cabeça dele.

– Você não se esquece de nada, não é?

– Infelizmente.

Amber notou um tom de lamento na voz do ranger.

– Você virou um supersoldado, né? – perguntou, mudando de assunto. – Vi seu vídeo no noticiário, quebrando aquele terrorista...

– Eu me tornei o que precisava me tornar.

– Juro que às vezes eu me sinto conversando com o Batman quando você fala essas frases.

– Existe uma grande diferença... – disse ele, achando graça.

– O Robin? – zombou ela, num momento raro de humor.

– O Batman evita matar.

O humor, que já era escasso, se desfez instantaneamente, tragado pelo peso que ainda os cercava.

– Eu não condeno você – disse Amber, de um jeito sincero. – Se eu tivesse aceitado toda essa droga antes, eu talvez fizesse o mesmo.

Derek ficou olhando para ela, tomado por um sentimento que ele não sabia explicar. Era quase como se ela o tivesse abraçado, mesmo distante. Ele nem mesmo tinha noção do quanto *precisava* daquilo.

– Significa muito pra mim... – admitiu o ranger, sem a firmeza militar característica. – É sério...

Amber entendeu que aquela era a maneira como ele conseguia agradecer. Era provável que, para o ranger, voltar também tivesse sido pior.

– Como você tem feito? – perguntou ela. – Ainda agindo sozinho?

– Daniel tem me ajudado – contou.

– Quem? – perguntou ela, franzindo a testa.

– O hacker... – e percebeu que a informação não era suficiente. – O azul...

– Ah, sim... – E então, Amber relaxou, dizendo: – *Eu sabia* que você tinha um Robin.

Derek sorriu, mais solto.

– E os outros? Todos vivos?

– Daniel foi se encontrar com Romain em Paris.

– Uau – surpreendeu-se ela. – *Até ele* sobreviveu? Seria a minha última aposta...

– Ele não tem muito freio, fala demais e sabe ser irritante, admito, mas tem seu valor se for direcionado.

– Então o único direcionamento que esse francês teve foi de olhar para o meu traseiro. E olha que eu estava vestindo uma armadura...

– Não pode culpá-lo por isso.

Derek travou e assumiu uma expressão tensa, como o fazem as pessoas que dizem algo sem pensar. Amber franziu a testa, mas riu.

– E qual o próximo passo? – perguntou ela, ignorando o comentário.

– Ashanti – respondeu ele.

Amber ergueu as sobrancelhas, admirada.

– É esse o próximo passo? Pelo que eu vi nas notícias internacionais, ela tocou o terror em Ruanda e se tornou uma semideusa africana.

– Nós conhecemos Ashanti. De todos nós, ela era a que *menos* queria voltar. E ela é a única com motivos para retornar ao Cemitério...

– Você quer mesmo dizer que...

– Nós trazemos dragões a este mundo, Amber! – disse Derek, sério. – Eu tenho medo *do que* pode passar se ela continuar tentando voltar pra lá.

Amber franziu a testa.

– Você quer ir sozinho até a casa dela, espionar o que ela está fazendo e, depois de obrigá-la a vir até aqui, ainda lhe dizer que ela não deve tentar voltar pra Cemitério?

Derek ficou constrangido.

– *Quase* isso.

– E que parte não acertei?

– Eu não pretendia ir sozinho.

Amber fez uma careta com os dentes trincados, sem esconder que considerava aquela uma ideia terrível.

– Rapaz... – sussurrou ela. – Nós estamos fodidos...

Derek abriu os braços e ergueu os ombros.

– Bem-vinda de volta.

Amber se deitou e olhou para cima.

– E você se lembra até *daquela* golpe, né? – retomou ela. – Quando eu brinquei de chave de fenda com o braço daquela coisa...

– Quem se esquece de um *armber*?

Ela ergueu as sobrancelhas e apertou os lábios, orgulhosa. Derek gostou daquilo.

– Quer saber? Eu vou – disse ela, ainda olhando para cima. – Eu não tenho mais nada, Derek! Não tenho mais família, não tenho mais profissão, não tenho mais chão. Eu só tenho *raiva* queimando meu corpo o tempo inteiro. E, se essa raiva me fez domar um dragão, imagine o que eu ainda poderia fazer...

Derek ficou observando Amber, sem saber se estava pedindo demais da irlandesa. No entanto, aquele era o mundo para o qual haviam voltado.

Um mundo de guerras, demônios e dragões.

– Eu vou ajudar você – decidiu Amber –, independentemente da sua resposta para o que vou perguntar. Ainda assim, eu gostaria de saber... posso te perguntar uma coisa?

Amber havia se virado e deitado de bruços no cobertor, e Derek percebeu que os olhos dela agora o fitavam com seriedade.

– Qualquer coisa – respondeu ele.

– Você faria sexo comigo?

Derek engoliu em seco. Ficou sem reação. A pergunta o pegou tão de surpresa, que sua primeira reação foi a de imaginar que havia se confundido e escutado errado.

– Como é? – perguntou ele.

– Eu estou cansada de sentir *apenas* raiva – admitiu Amber, sem rodeios. – Eu quero sentir alguma *outra* coisa, entende? Eu quero *esquecer*. Ao menos por um momento... eu quero esquecer, compreende? Então é por isso que eu quero saber, Derek: você transaria comigo, aqui e agora, neste lugar, até amanhecer?

Derek tentou falar, mas a voz não saiu. Ele sentiu vontade de se estapear pelo embaraço, e Amber achou graça. Ela se levantou e se aproximou do ranger.

– Olha só que curioso... – disse ela. – O militar autoritário fica sem voz quando não está no comando...

Derek ficou vermelho, ainda atônito com a própria falta de reação. Amber parou em pé diante dele. Em um movimento inesperado, ela retirou a camisa, exibindo os seios de um jeito espontâneo e sem qualquer constrangimento, o que fascinou Derek Duke. Ele observou o rosto largo e angular, os olhos verdes fixos nos dele, e sua boca se abriu.

– Ei... – comentou ela com uma naturalidade com que Derek não estava acostumado. – Acredite, se você gostou do meu traseiro naquela armadura...

Derek se levantou num movimento repentino, erguendo Amber pela cintura. Não sabia dizer quando também tirara a própria camisa. A pele dela estava fria e os lábios pressionavam os dele com força, como se preferissem a dor ao carinho. Eles se tocavam de um jeito enérgico, os movimentos eram rudes e as respirações, ofegantes. Quando Amber começou a morder seu lábio com força, tingindo-o de sangue, Derek afastou seu rosto do dela e agarrou uma parte do cabelo loiro. Ela viu sua tatuagem do antebraço – HURAY – e sorriu. Com um movimento brusco, ele puxou a cabeça dela para trás e a lambeu no pescoço feito um bicho, enquanto arranhava suas costas. O cheiro dela dominou seus sentidos, nublando seu raciocínio por completo, e numa reação animalésca começou a produzir sons que remetiam a rosnados. Ele a deitou em um dos cobertores de maneira bruta e arrancou o que restava das roupas de ambos. Alguns movimentos eram tão agressivos que tremiam o chão, levantando poeira e derrubando pedras. Ainda assim, eram excitantes. Seus corpos, protegidos pela biologia reforçada, não se machucavam, pelo contrário, a brutalidade apenas acentuava o deleite.

Quanto mais intensa era aquela troca, mais a simbiote parecia gostar.

Quando Derek mordeu o pescoço de Amber, recebeu um tapa estalado no

queixo. Ele se afastou em um instinto ofendido e os olhos de Amber brilharam enquanto ela sorria.

– Sargento... – disse ela, erguendo o nariz e apontando mais uma vez o dedo para ele. – Lembre-se do que pedi. – Derek mantinha a expressão séria e os olhos fixos nos de Amber, parecendo prestes a exalar vapor. – Porque esta noite eu estou *repleta* de raiva.

Aqueles rosnados perdurariam até o amanhecer.



TÓQUIO, JAPÃO

UMA VIAGEM DE TREZE HORAS E MEIA.

Longa o suficiente para esgotar qualquer ser humano em condições normais. Ainda mais para uma pessoa que precisou viajar ao lado de Romain.

– Você viu aquele japonês se esticando todo no corredor quando o avião parou? – perguntou o francês.

– Ele estava se alongando – disse Daniel.

– Ah, tá bom! Alongar é o que eu faço antes de correr! O samurai naquele corredor estava aprendendo a dançar break!

Quando chegaram no aeroporto, um homem de máscara e luvas brancas analisou as bagagens, exibindo em uma das mãos um folheto ilustrado com fotos de drogas, remédios de tarja preta e revistas eróticas, a fim de saber se carregavam aqueles itens. Romain disse em francês que “infelizmente não”, mas, para sua sorte, o agente não compreendeu. Curiosamente, a armadura de metal-vivo não podia ser detectada pelo raio X, nem o bracelete que passava como um simples adorno e, por ser de cristal, ninguém pedia para tirá-lo.

Os dois caminharam pelos corredores do aeroporto Haneda com as bolsas de viagem a tiracolo. Romain jamais admitiria, mas observava um tanto impressionado as instalações com aquelas dimensões. Situado no bairro de Ota, o Aeroporto Internacional de Tóquio era um dos maiores do planeta. A estrutura ocupava cinco andares e ficava a trinta minutos da capital japonesa.

– Ei, eu vi lanchonetes fast-food ali na praça de alimentação! Talvez seja melhor a gente comer... – sugeriu Romain.

– Você chega a Tóquio e a primeira coisa que quer comer é fast-food? Acho que você vai precisar do mesmo moleton que usava aos treze anos pra poder entrar!

– Ah, desculpe, senhor Miyagi! Você tem toda razão! Eu prefiro um bolinho de arroz com peixe cru! Hum... já posso até sentir o gostinho...

– É muito mais saudável do que pão e fritura!

– Olha aqui, japonês, vocês já perderam uma guerra! Não queira perder outra!

– Pra você? Porque se for por herança cultural, é melhor você correr.

Romain parou de repente e olhou para Daniel, ofendido. Tirou um cigarro do bolso e voltou a andar.

– E nem pense em acender essa coisa aqui dentro! – reclamou Daniel.

Romain bufou e guardou o cigarro.

– E você acha que *eu* sou o chato aqui?

Daniel riu. Durante todo o percurso até a saída do terminal, Romain manteve

as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, em uma postura esnobe. Barba por fazer, calça jeans escura, bota preta e gorro completavam o visual.

– Sabe do que eu acabei de me dar conta? – perguntou.

– Que você cresceu? – zombou Daniel.

– Percebi que realmente estou em Tóquio! – disse, ignorando o deboche. – Larguei minha filha pequena em Paris, e ainda cancelei uma reunião com uma assessora de imprensa pra embarcar *com você* para um dos lugares mais esquisitos do mundo, atrás da *suposta* existência de uma cria de demônios! – À medida que falava, sua voz foi ganhando mais volume e um tom estridente. Quando se calou, algumas senhoras idosas o observavam perplexas, de mãos dadas a crianças.

– Vocês estão olhando o quê? – perguntou ele em francês. – Essas crianças assistem a coisas muito piores naqueles desenhos malucos!

Daniel puxou Romain e o forçou a continuar andando.

– Ei, eu sei, é loucura! Mas vamos fazer assim... três dias no máximo, ok? Se não descobirmos nada, coloco seu nome no primeiro voo pra Paris!

– Sem escala... – exigiu ele.

– Sem escala...

Daniel usava cachecol por debaixo de um casaco fechado, além de jeans folgado e tênis de corrida. Romain não fazia ideia de como alguém que combinava roupas daquele jeito poderia ser capaz de salvar o mundo.

– E Tóquio não é esquisita – comentou o brasileiro, de repente. – Você apenas precisa aprender os costumes...

– Ah, tá bom! Não me venha com essa! – reclamou Romain. – Vocês têm um manual de suicídio na lista de best-sellers por aqui!

Daniel hesitou como se Romain tivesse enfim acertado um argumento.

– Certo... – admitiu. – Mas também temos manuais ensinando como provocar orgasmos múltiplos em uma mulher utilizando a língua...

– Está vendo o que estou dizendo? *Quem* precisa de um manual para isso?

– Vamos perguntar a sua mulher?

– Mudança de planos! Você já pode me colocar no voo de volta – disse Romain, olhando para Daniel. – Eu acho que eu *já* encontrei a cria do demônio-bruxa...

Eles passaram pelas placas que indicavam em inglês e em japonês a direção do ponto de ônibus, trem, táxi, dos estacionamentos e do metrô. Romain estranhou que o companheiro não parou em nenhuma das placas.

– O que você fez, afinal? Hackeou a lista de alguma locadora de carro do aeroporto? Aliás, bem que você poderia descolar um daqueles superesportivos japoneses...

– Na verdade... – disse Daniel, observando os arredores. – Eu marquei de nos buscarmos aqui.

Romain franziu a testa.

– Hum, quer dizer que você foi correndo pedir ajuda pra Yakuza, é? Quem vem nos buscar, hein? Alguma colegial vestida com roupa de marinheira?

– Não... – respondeu Daniel. – Meu irmão.

Romain tossiu.

– Como é que é? Você *tem um irmão*? Como você nunca falou sobre isso?

– Você já deveria ter notado que falo pouco sobre a minha família.

– Tudo bem! – concordou Romain e depois continuou: – Mas hoje eu tornei você parte da minha.

Daniel parou por um instante, surpreso com aquilo. Ainda mais porque Romain tinha razão.

– Meus pais foram pro Brasil quando os negócios aqui quebraram – explicou ele e suspirou. – Minha mãe faleceu. Meu pai virou alcoólatra. Meu irmão permaneceu aqui.

– Por que ele ficou aqui? – perguntou Romain em tom sóbrio, respeitando a seriedade do assunto.

– Ele não se adaptaria em outro lugar. Longe da convivência com as pessoas com que se acostumou.

– O que ele é, afinal? Da máfia?

Daniel arregalou os olhos.

– Fale baixo, seu maluco! Isso aqui ainda é um aeroporto internacional!

– Então me explica direito!

Daniel coçou a cabeça, sem jeito.

– Ele não é da *máfia*, mas convive com o submundo... – contou. – Ele fez as próprias escolhas e tem um pensamento totalmente diferente do meu, só que não me cabe julgar. O que eu preciso que você entenda apenas nessa questão é que, na cultura japonesa, valoriza-se muito a ordem de nascimento, ok? O primogênito de uma família japonesa é símbolo de consideração e respeito.

– Cara, se dependesse de mim e dos meus outros irmãos para manter essa tradição, nós precisaríamos de uma revolução cultural na família...

– É sério, Romain! – reforçou Daniel, apontando o dedo para o peito dele. – Você promete?

– O que exatamente você quer que eu prometa, samurai?

– Só quero que você prometa que vai respeitar meu irmão.

Romain fez uma expressão de afronta.

– E por que eu não respeitaria o seu irmão?

Daniel relaxou e ia formular uma piada, quando ouviu um chamado na típica pronúncia japonesa, as vogais alongadas:

– Daniel-*sa*aaaaan!

– Caramba, eles chamam *mesmo* você de Daniel-*san* – comentou Romain, virando-se.

O francês congelou. Aproximando-se deles vinha uma figura que Romain considerou excêntrica. Tinha o corpo magro, uma altura mediana e pernas finas cobertas por uma calça laranja colada a vácuo. A pessoa usava uma camisa polo com os botões abertos por debaixo de um colete preto, um cordão com um *ankh* e pulseiras de fivela, que complementavam o visual. Por último, Romain reparou no rosto redondo meio andrógino e nos cabelos que lembravam os de um integrante dos Beatles – se eles pintassem de vermelho.

– Não... – zombou Romain com um sorriso de prazer, que fez Daniel fechar os olhos. – Você não vai me dizer que é *esse* o seu irmão...

– Romain! – exclamou Daniel, como se falasse com uma criança. – Você prometeu...

Apertando os lábios e sussurrando de lado para Daniel, o francês comentou:

– Eu não prometi *nada*! Ele chegou *antes* que você conseguisse a minha promessa...

Daniel e o japonês de cabelos vermelhos fizeram várias reverências e se cumprimentaram de maneira um tanto hesitante.

– *Onii-san* – disse Daniel, de maneira respeitosa, mas ainda como se estivesse diante de um estranho, não de um familiar.

E então ele o apresentou em japonês a Romain, que só entendeu que era uma apresentação porque ouviu seu nome no fim da frase. O francês então começou a fazer reverências e repetiu o gesto de maneira confusa, como um aluno na primeira aula de judô, até finalmente pegar e apertar a mão do anfitrião. Eles ficaram balançando o braço um do outro, os sorrisos bem abertos.

– Romain, esse é Takeda – apresentou Daniel.

– Romain-*san*! – O irmão mais velho continuou a sorrir.

– Takeda-*saään*! – repetiu Romain, apertando os olhos de uma maneira um tanto quanto ridícula para parecer oriental, como se o gesto fizesse algum sentido.

– Você é da França? – perguntou Takeda em inglês com um sotaque tão carregado, que Romain por um momento achou que ele estava falando em japonês.

– Sim, sim! França! Zidane! – confirmou Romain, incentivando-o. – Roland Garros!

– Cirque du Soleil! – completou Takeda, apontando para o francês como se dissesse “xeque-mate”.

Romain abriu um sorriso, concordando. Takeda riu de maneira exagerada, lembrando um ator de teatro. Em seguida, seguiram na direção do estacionamento, e o irmão caminhou ao lado de Daniel, perguntando em japonês:

– O seu amigo é meio idiota, né?

– Você não faz ideia do quanto... – respondeu Daniel.

– E o inglês dele é horrível!

Daniel suspirou.

– Escute, independentemente de tudo que você achar, ainda assim ele é meu amigo, ok? Eu sou padrinho da filha dele. E eu quero que você prometa que vai respeitá-lo.

Takeda voltou a dar seu sorriso teatral.

– Eu não prometo *nada*...

E foi assim que Daniel viu Takeda ajudar Romain com a bagagem, os dois voltando a se falar daquele jeito espalhafatoso e exagerado. Observando a cena, Daniel novamente coçou a cabeça, suspirou e sussurrou para si próprio:

– Cara, isso não vai dar certo...



KIGALI, RUANDA

NUNCA HOUVE TANTAS TESTEMUNHAS.

Dois turnos de cientistas e soldados se mantinham de plantão ao redor da Antessala. Era a noite em que poderiam *de fato* testemunhar o resultado de todo aquele tempo de pesquisa. Dois investidores alemães, que visitavam as dependências, se mostravam animados pela oportunidade de ver na prática o próprio investimento arriscado.

Antes de se encontrar com os investidores, Ashanti precisou passar por mais uma videoconferência estressante. A ONU havia decidido por um morde-e-assoira com Ruanda, e Ashanti não engolia a situação. Se, por um lado, persuadiram Israel a admitir ter invadido as fronteiras de Ruanda, por outro, não advertiram o governo israelense contra a tentativa, o que Ashanti entendeu como apoio à incursão. Enquanto ela se mostrava ofendida por isso, diversas políticas econômicas favoráveis à Ruanda foram apresentadas, demonstrando principalmente como seria bom se ela se *abrisse*. Se ela *compartilhasse*. Se ela adotasse uma política mais *flexível*, evitando ser comparada a ditadores.

Ashanti achou graça. Principalmente por eles não terem tratado historicamente os ditadores africanos com a mesma atenção.

Diante disso, o secretário-geral jogou a última cartada e a lembrou dos dragões. Foi só então que ela se deu conta de que estavam colocando nas costas *dela* a responsabilidade da chegada dos monstros e da morte de milhares de civis e militares até então. Ali ela entendeu. O mundo precisava de heróis, mas também de vilões. E, a partir do momento em que ela se tornasse o rosto do culpado que o planeta inteiro procurava, tudo mudaria. Sua imagem seria compartilhada pelas redes sociais, e documentários tendenciosos sobre sua vida seriam produzidos. Reportagens especiais de grandes veículos iriam difamá-la, distorcer fatos e compará-la a figuras como Hitler e Bin Laden. E passariam a *gostar* de difamá-la, porque isso chamaria a atenção do mundo e faria com que mais dinheiro fosse amontoado ao redor da indústria construída para sustentar aquilo.

Com o apoio da população, políticos manipulariam decisões militares que os enriqueceriam com a movimentação do mercado de armas. O desejo de alienação fomentado pelo medo faria traficantes aumentarem sua produção de entorpecentes. Hollywood tornaria Ruanda o inimigo a ser derrotado por seus heróis. Humoristas fariam piadas para desmoralizá-la em seus talk-shows. Memes seriam criados. Livros sobre coisas que ela nunca havia feito entrariam nas listas de best-sellers. Tudo isso para que pudessem acusá-la de ser uma ameaça à paz mundial e, assim, justificar uma invasão que, na verdade, teria

como único objetivo a tomada de recursos tecnológicos desconhecidos, ou até mesmo a simples retirada daquela tecnologia bélica das mãos de um povo que aqueles homens acreditavam ser inepto para brincar entre os grandes.

E então por fim o monstro não teria mais a forma de dragão.

Teria a figura de uma máquina insaciável, que devorava a imagem de Ashanti e de Ruanda por inteiro, fragmento a fragmento, até que não restasse mais interesse, apenas fome por mais polêmica.

Tudo isso ela compreendeu no momento em que os homens deram o ultimato: ou ela se abria ao mundo, ou, na próxima vez, eles invadiriam Ruanda com o apoio *do mundo*.

– Podem vir. Estarei aguardando – respondeu ela.

E desligou a videoconferência.



DEREK E AMBER VOAVAM EM dragões. Planando a uma velocidade que ultrapassava a casa das centenas de quilômetros por hora, uma das regras que seus montadores aprenderam rápido foi que jamais poderiam relaxar enquanto estivessem no ar, protegidos pela bioarmadura. Acostumados a transitar entre dimensões, as criaturas eram capazes de reconhecer e de se embrenhar por curvas dimensionais dentro do mundo físico, em um processo similar ao que teorizavam acontecer com navios e aviões em triângulos como o das Bermudas e do Lago Michigan. Dessa forma, só foi preciso pouco menos de um dia de viagem até Kigali.

Os braceletes executavam um sinal em triangulação, enquanto o sistema nervoso dos montadores ainda se conectava com os monstruosos através das protuberâncias geradas pela armadura.

Os dois quase não se falaram durante o percurso, e entre eles não havia romance. Quando acordaram em meio às ruínas de um castelo medieval, pouca coisa havia sobrado. Envolvendo qualquer sentimento que pudesse florescer havia ainda um campo de escuridão formado por luto, tristeza e dor, como em toda guerra. Durante uma boa parte da viagem, Derek ouviu Daniel e suas suspeitas sobre a cria do demônio-bruxa no Japão e duvidava de que ele e Romain pudessem lidar com aquilo sozinhos. Enquanto refletia sobre o assunto, a base militar surgiu no cenário.

– Estamos chegando – disse Derek através da frequência da bioarmadura.

– Mal posso esperar... – debochou Amber.

Os dragões sobrevoaram as montanhas Virunga, e a imagem das criaturas causaria pânico nas pessoas, se o horror ainda surpreendesse Ruanda.

– Você está vendo aquilo? – perguntou Amber.

No campo de visão surgiram os detalhes da base militar. Soldados se espalhavam pelo perímetro, em meio a veículos de prontidão e portões reforçados. Soldados armados corriam para as barricadas e os pontos de tiro. E então, tiros começaram a pipocar na direção dos dragões.

– Enfim, as boas-vindas – debochou Amber.

– Eles não vão confiar em nós nessas montarias – disse Derek – É melhor descermos.

– Você não pode apenas ligar para Ashanti com essa coisa ou algo parecido?

– Eu estou tentando, mas ela é como você.

– *O que* você quer dizer com isso? – perguntou Amber em tom quase ofendido.

– Vocês são duas cabeças-duras, que só aceitam ordens dentro do campo. Fora dele, é difícil convencê-las de alguma coisa.

Amber sorriu por debaixo do capacete.

– Somos mesmo, não somos? – brincou.

Derek se desconectou do dragão maior e saltou. Amber fez o mesmo. Os corpos metálicos caíram e afundaram no chão com um estrondo. No céu, os dragões se afastaram. Imediatamente, os soldados passaram a mirar nos dois. Ambos correram para a entrada da base, enquanto projéteis ricocheteavam no metal-vivo. Quando Amber golpeou a frente de um jipe com metralhadora acoplada na traseira, o veículo tombou e cruzou o pátio.

– Ashanti! – gritou Derek – Se você não responder, nós teremos de machucar mais alguns *dos seus*!

A ameaça teve de ser cumprida. Soldados ruandeses que não se afastaram foram chutados, socados e derrubados, enquanto Derek e Amber caminhavam em direção à entrada. Nenhum foi morto. Aos poucos, ordens foram retransmitidas através de canais de rádio, até que, após minutos de buscas e confrontos, os tiros cessaram e as armas foram abaixadas.

– Você acha que ela... – tentou dizer Amber.

– Já vamos saber.

Os soldados nos corredores da base indicaram uma direção, abrindo caminho. Derek e Amber caminharam conforme a orientação, desceram escadas e viraram em corredores, observando o reduto militar. Cientistas apareceram apenas para observá-los, quase como se precisassem constatar que havia *mesmo* outros vestindo armaduras como a de sua líder.

– Ela está aqui – disse doutor Nambara, indicando um recinto.

Ashanti estava sentada no chão com as costas apoiadas na parede, e os olhos focados na entrada. Assim que Derek entrou na sala, Amber desmaterializou a armadura de metal-vivo. Ele fez o mesmo.

– Quer dizer que vocês vêm até a minha casa e ainda atacam os meus soldados? – perguntou ela.

– Você deveria educá-los melhor – disse Amber.

– Não houve baixa – assegurou Derek.

Ashanti sorriu de modo debochado.

– É verdade que vocês agora *cavalgam* dragões? – perguntou.

– Era isso ou matá-los – respondeu Derek.

– Eu ainda vou matar o meu – acrescentou Amber. – Mas, antes, vou fazê-lo se arrepende de estar vivo nesta dimensão.

– Vocês acham que eu também seria capaz? – perguntou a ruandesa.

A pergunta surpreendeu a dupla.

– É bem provável – disse Derek – Está no sangue.

Ashanti se levantou, parecendo satisfeita. Eles evitavam se aproximar dela, ainda desconfiados do próximo passo.

– Vocês não chegaram em boa hora.

– Então você deveria atender à ligação – comentou Derek.

– O que houve por aqui? – perguntou Amber.

– Eu trouxe um dracônico.

A menção foi suficiente. Dessa vez, não havia capacetes para esconder as expressões.

– Você trouxe uma daquelas coisas *aqui*? – quis saber Amber, em tom de voz carregado de ira. Derek apoiou a mão em seu ombro em um gesto para que abrandasse a tensão.

Ashanti se levantou. Derek se aproximou dela, tomando a frente da irlandesa. Na porta, doutor Nambara observava a cena.

– Você encontrou a chave? – perguntou ele.

Os olhos de Ashanti voltaram a encontrar os dele, e Derek percebeu o quanto de desgosto ainda havia nela.

– Eu *tive* de encontrar! Afinal, vocês me trouxeram de volta, não foi?

Ashanti voltou a se focar em Amber e comentou:

– Então, antes de me apontarem os dedos, lembrem-se de ao menos dividirem qualquer culpa.

– Eu vou dividir é você ao meio! – explodiu Amber.

– Por quê? – questionou Ashanti. – Vocês queriam *me parar*? Eu sempre estive aqui. Outras nações tentaram, mas elas não seriam capazes. *Vocês* seriam. Não separados, mas juntos, sim...

Houve um momento de silêncio. Ashanti continuou encarando Amber, que mantinha a expressão fechada de sempre, sem demonstrar o quanto ela concordava com a ruandesa.

– Você *sempre* foi maluca! – rosou Amber.

– Talvez – disse Ashanti. – Talvez *disso* eu tenha culpa.

– Nada disso é nossa culpa – retrucou Derek, lembrando uma frase dita havia tempos. – Mas tudo agora é nossa responsabilidade.

– Eu só tenho responsabilidade por Ruanda – afirmou Ashanti. – O resto do mundo em breve vai me crucificar.

– Você deu motivo para isso – disse Amber.

– Neste momento, Daniel e Romain estão no Japão, prestes a caçar a cria de Ravenna. Ou ao menos, o que eles acreditam ser... – relatou Derek

– Nada disso me interessa.

– Vai interessar quando aquela coisa vier até aqui usar a chave que você descobriu.

Ashanti se calou por um momento.

– Se ela vier, aí sim eu vou destruí-la.

– Se ela vier é porque já não pode ser destruída.

A ruandesa balançou a cabeça, recusando-se a aceitar.

– Qual o seu plano, Ashanti? – questionou Derek, irritando-se. – Abrir o portal ir até lá? E tudo o que você fez aqui neste país? Vai abandonar seu povo e deixar que as outras nações tenham acesso a tudo o que você criou aqui? Você acabou de dizer que tem responsabilidade sobre Ruanda!

– O que você quer que eu faça? – berrou de volta. – Que eu fique presa aqui também?

– *Aqui* você não está presa! Aqui você tem uma escolha!

– Em qualquer uma das escolhas, eu perco – concluiu ela, em tom de lamento. Amber alongou e estalou o pescoço.

– Tudo isso ainda é por causa daquele cara?

Ashanti ameaçou avançar na irlandesa, quando Derek mais uma vez tomou a frente.

– O dracônico...

– O que diabos tem o dracônico? – gritou a ruandesa, ainda focando em Amber e no que queria fazer com ela.

– O que você pretendia fazer com ele?

Ashanti suspirou, interrompendo a veia agressiva. Pensou por um momento, analisando se devia revelar seus objetivos, e então concluiu que, àquela altura, não havia nada que pudesse causar mais dano.

– Pretendo usar o sangue dele.

Derek mordeu o lábio quando entendeu. Amber virou de costas, com as mãos no rosto.

– Essa mulher é pirada! E olha que eu venho de uma família terrorista!

Derek segurou Ashanti pelos ombros e olhou nos olhos dela:

– Você está ouvindo o que está dizendo? Quais as consequências disso? Você abre o portal e depois? Espera que Mihos a encontre sozinho? Ou você vai até ele?

Ela não sabia responder.

– E se você não voltar? – continuou ele. – Seu país e seu povo caem? E se a cria do demônio-bruxa for capaz de mais do que imaginamos? E se toda esta dimensão estiver condenada? Você estaria disposta a pagar esse preço?

– Eu não quero pagar preço nenhum, soldado. Eu só queria que Mihos estivesse aqui – admitiu ela. – Nós prometemos que daríamos um jeito...

Ela suspirou, demonstrando um momento de fragilidade incomum. Naquele instante, Derek enfim enxergou a mulher além da guerrilheira.

– Se você a abraçar, eu juro que quebro seu pescoço – ameaçou Amber.

Derek soltou Ashanti, que se escorou na parede mais uma vez. Tanto a cabeça quanto os olhos apontavam para baixo.

– Você tem certeza de que é capaz de enviar uma pessoa para aquela dimensão? – perguntou Derek, de repente.

– Não foi testado ainda – admitiu ela. – Mas com uma quantidade de sangue parecida com a que nos trouxe de volta, é possível.

– Foi preciso utilizar o sangue de cinco pessoas para isso – resmungou Amber.

– E é por isso que eu preciso de um dracônico inteiro.

Amber escorou-se na parede do lado oposto ao de Ashanti, balançou a cabeça, e disse:

– Isso parece um ritual pagão, sacrificar uma criatura a uma entidade, em troca da abertura para o inferno.

– Disse a mulher que pretende matar o próprio dragão.

Amber mostrou os dentes para ela. Ashanti ignorou.

– Então faça isso – apoiou Derek, de repente, provocando uma reação de espanto nas duas, que por um momento se esqueceram dos conflitos que havia entre elas.

– Você está me dizendo mesmo para fazer isso? – duvidou Ashanti.

– Todos nós já fomos longe demais para voltar agora.

– E toda aquela conversa de que eu deveria ficar por Ruanda?

– Mas você fica – disse ele. – Quem vai atravessar sou eu.

Ashanti arregalou os olhos e abriu a boca, sem saber como reagir. Amber, por sua vez, fechou a expressão e questionou:

– O que você está dizendo, seu desmiolado?

– Eu acho que você escutou.

Amber colocou uma das mãos na testa e disse de maneira sincera:

– Sério, de todas as suas ideias, essa definitivamente foi a pior...

– Para você ver como nossos tempos estão ruins.

– Desculpe se estou um pouco confusa... – comentou Ashanti. – Mas o que você quer, ranger? Você está insinuando que quer *voltar* lá?

– Eu quero negociar uma troca – explicou Derek. – Eu vou até Mihos e o trago para cá. Eu conheço a geografia, conheço o inimigo, tenho aliados que confiam em mim. Além disso, sou um ranger treinado para incursão, reconhecimento e

sobrevivência.

– E eu seria o quê?

– Você é uma líder militar, prestes a mudar a história do continente africano.

Ashanti o observou, tentando encontrar a ironia daquela frase. Em nenhum lugar da expressão de Derek foi possível encontrá-la. Amber continuava a observar a cena, boquiaberta, sem saber o que dizer.

– Ainda não faz sentido – comentou a ruandesa.

– Nisso eu concordo com ela – disse Amber. – Nada disso faz sentido...

– O que ainda não faz sentido? – perguntou o ranger.

– Você ir buscar Mihos para mim. Por que você faria isso?

Derek apoiou as mãos na cintura, transparecendo o quanto era difícil admitir aquilo.

– Porque eu devo isso a você.

Tanto Ashanti quanto Amber franziram a testa.

– Você tem razão! Fomos nós que trouxemos você de volta, contra sua vontade.

Aquela justificativa Ashanti aceitou.

– E qual seria a minha função nessa troca?

– Você os ajuda a exterminarem a cria do demônio-bruxa. Depois, com o sangue do híbrido, você abre o portal, e eu estarei lá para atravessar.

Ashanti se calou enquanto analisava o assunto.

– Você também pode morrer de vez lá – acrescentou Amber.

– Assim como vocês podem falhar em capturar a cria – retrucou Derek.

– Ela está certa – complementou Ashanti. – E se nós pararmos aquela coisa aqui e você morrer no Cemitério?

– Então ao menos esta dimensão estará salva dessa ameaça. E você poderá atravessar sem se preocupar.

Ashanti pareceu se convencer. Ela caminhou na direção da saída, mas virou-se para Derek mais uma vez:

– Você sabe que não houve muito tempo para testar as coordenadas... – lembrou.

– Então teremos de torcer para que funcione – disse Derek.

– Sim... – concordou Ashanti. – Teremos de torcer.

Com expressão carrancuda, Amber tomou a palavra:

– Você poderia nos dar licença por um momento? Eu preciso falar com esse idiota a sós.

Ashanti detestou o jeito de falar da irlandesa, mas decidiu dar-lhe um espaço. Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça e abriu a porta.

– Quando estiverem prontos, sigam para a Antessala.

A porta foi fechada novamente.



TÓQUIO, JAPÃO

DANIEL NÃO SABIA SE RIA OU CHORAVA.

Ele, Romain e Takeda sentavam-se ao fundo de um bar *izakaya*, um tipo de estabelecimento japonês que servia porções de comida para acompanhar as bebidas. Na mesa, massus de saquê. Daniel sempre enchia o massu do irmão e do amigo. Na cultura japonesa, aquele também era um sinal de respeito.

– *Kanpai!* – dizia Takeda, a cada vez que viravam um massu. A expressão equivalia ao “saúde” do brinde ocidental.

O lugar tinha lanternas vermelhas na entrada e era comandado por um trio familiar formado por pai, mãe e filho. Assim que entraram, foram recebidos com um grito de saudação pela mãe e pelo filho da família. Romain levou um susto e deu um pulo, feito um desenho animado, e gritou de volta palavras em francês, até entender que não estava sendo insultado. Antes da refeição, haviam limpadado as mãos em toalhas quentes oferecidas pelo próprio local. Acompanhando a bebida alcoólica, serviram alguns *yakitori*, espetos de frango, que foram grelhados na própria mesa e divididos pelo trio, assim como porções de peixe, tofu, picles e bolinhos de arroz.

– Quer dizer que vocês têm um bar para dividir comida com nome específico? – questionou Romain.

– É difícil definir o que é um *izakaya* – disse Daniel. – Não é simplesmente um bar, já que o cardápio é mais substancial, mas também não é exatamente um restaurante. Eles surgiram durante o período Edo, com o objetivo de comercializar o saquê. Hoje em dia, algumas cadeias *izakaya* inclusive já invadiram Paris.

– E *quem* não quer invadir Paris? – debochou Romain.

– É verdade – salientou Takeda. – Todos adoram invadir a França.

Takeda falava em um inglês carregado e então começava a rir de si mesmo, de um jeito que fazia o interlocutor se perguntar se ele o estava insultando ou apenas sendo bobo. Romain sempre o observava em dúvida. Daniel sabia bem a resposta. Como se não fosse suficiente, aquela mesa parecia uma Torre de Babel, aos poucos perdendo o equilíbrio. Era o preço de se ter um francês, um japonês e um nipo-brasileiro tentando se comunicar em inglês.

– Na Espanha... – continuou Takeda. – Esses petiscos seriam trocados por *tapas* e *pinchos*.

– Na França, por amendoins e batata chips – acrescentou Romain.

– No Brasil, por linguiça com cebola e aipim frito – disse Daniel.

Romain e Takeda olharam confusos para Daniel, tentando entender a que ele se referia.

– Senhores, eu já entendi que vocês aqui têm todo um manual de boas maneiras e, se nós espirramos em um guardanapo em vez de um lenço, cometemos uma ofensa aos seus ancestrais, mas, ainda assim, eu preciso correr o risco – disse Romain.

Daniel achou graça, mas se preocupou com o que viria a seguir. Embora tenha fingido bem, Takeda não viu humor em nada daquilo.

– E apesar deste saquê estar ótimo e desta comida ser muito melhor do que eu julgaria vendo o lugar de fora, não fui arrancado de Paris por este cidadão aqui pra comer tofu em um pub japonês. Logo, o que eu quero dizer é: podemos pular para a parte em que falamos sobre uma aberração que pode trazer o fim do mundo?

Os irmãos se entreolharam e começaram a falar em japonês. Romain assumiu uma expressão irritada e aguardou. De vez em quando, ouvia Takeda se referir a ele pelo termo *gaijin*. Quando o silêncio se fez, Daniel olhou para Romain e disse:

– Takeda estava lá.

A princípio, Romain não absorveu a informação. Ele mordeu mais um pedaço de frango e questionou:

– Estava lá *onde*?

– No local do vídeo que a gente viu – explicou Daniel. – Ele foi uma das testemunhas.

Romain arregalou os olhos e observou os dois, boquiaberto.

– Você está me dizendo que ele esteve lá? – perguntou, apontando com o *hashi* para Takeda.

– Romain... é falta de educação apontar para alguém com o *hashi* – explicou Daniel.

– Pois você não faz ideia do que eu estou pensando em fazer com este *hashi*! – exclamou o francês. – Por que você não me disse isso antes? Aliás, *o que mais* vocês sabem e não estão me contando?

Takeda desistiu da postura alegre exagerada e assumiu uma expressão mais séria e fechada.

– Não muita coisa... – disse ele.

Romain aguardou que lhe dissessem algo mais. Como nada foi dito, voltou a se irritar e bufou.

– Você não me disse que o bairro em que aquilo ocorreu é um lugar barra-pesada daqui? – Romain retomou a conversa.

Daniel aquiesceu, já entendendo qual seria a próxima pergunta.

– Então o que exatamente seu irmão estava fazendo por lá?

Daniel se mostrou constrangido, indeciso entre o que dizer na frente dos outros dois.

– Eu trabalho lá – respondeu Takeda, firme, surpreendendo o francês.

Romain afastou a comida, se livrando de qualquer obstáculo entre ele e Takeda. Colocou os cotovelos em cima da mesa e se inclinou na direção do japonês.

– Você sabe falar sério quando quer? – perguntou um tanto rude.

– Todo japonês sabe – respondeu Takeda. – Você sabe ser educado quando quer?

– Eu sou francês. Pergunte ao seu irmão aqui qual é a nossa fama.

Daniel estava pálido e parecia prestes a ter um colapso. Não sabia se intervinha com medo de piorar a situação. Já Takeda estava concentrado em Romain. Os olhos tão fechados que formavam uma única linha. Testa franzida. Corpo imóvel, refletindo sobre o próximo passo. *Se ele tiver uma katana embaixo dessa mesa, vai cortar minha cabeça antes mesmo que eu consiga acionar a armadura*, pensou Romain.

De súbito, Romain pegou o saquê e serviu Takeda. Em seguida, Daniel. Foi a primeira vez que contribuía com o gesto.

– *Kanpai!* – exclamou Romain, segurando sua dose de saquê proposadamente com as duas mãos.

Daniel olhou para Takeda e esperou. O irmão continuou sério por um momento e, de repente, transformou a expressão em um sorriso aberto com os olhos apertados, e também ergueu seu copo, novamente exagerando as vogais ao brindar.

Romain suspirou. Em pouco tempo na capital já havia aprendido que havia dois tipos de humor entre os japoneses: ofendido e respeitoso. E um japonês ofendido e de mau humor poderia se mostrar muito mais agressivo do que um francês no mesmo estado.

– Hum, Daniel-san, você contou a ele então sobre Kabukicho? – perguntou Takeda em seu inglês difícil.

– Conte sobre a área, *onii-san!* Mas gostaríamos de ouvir sobre o que você testem unhou por lá, se não se importa.

Takeda enfim se mostrou mais animado para compartilhar o que havia acontecido.

– Eu fiz uma pausa no trabalho e estava comendo um *yakitori*, quando a polícia chegou...

– Espere – interrompeu Romain, arriscando mais um possível insulto às boas normas orientais. – De novo: pelo que eu entendi esse bairro é controlado pela *Yakuza!* Só que Daniel insiste que você não faz parte da máfia e realmente você não tem aquelas tatuagens loucas de corpo inteiro, estilo Miami Ink! Então eu volto a não entender o que diabos você faz em um lugar como esse!

– Romain – cortou Daniel rapidamente. – Acredite em mim: isso *não* é importante! Não agora...

Quanto mais lhe negavam a informação, mais Romain ficava obcecado em

arrancá-la dos irmãos. Contudo, sabia que aquele não era o momento. Ele fez sinais de desculpas pela interrupção, pedindo que Takeda continuasse.

– Alguém naquela pocilga sentiu um cheiro de decomposição forte e ligou para o 119. Os agentes e os policiais confrontaram aquela coisa, e vocês viram no vídeo o resultado. O que *não* se vê naquele vídeo é que, ao menos depois que aquela aberração fugiu roubando uma moto no meio da rua, a polícia isolou o local e os repórteres de jornal começaram o *kikikomi*.

– O que diabos é isso? – perguntou Romain, de maneira espontânea.

– É uma expressão quando a imprensa cerca a cena do crime e faz entrevistas... – explicou Daniel.

– Como você sabe disso? – questionou o francês.

– Eu acabei de pesquisar no Google – respondeu Daniel, mostrando o bracelete de metal-vivo.

– Oh...

Aquilo ainda assustava Romain. Takeda continuou:

– Então chegaram os homens da perícia...

– Como você reconhece os homens da perícia? – interrompeu Romain novamente.

– Eles usam uniformes azuis escrito: 'Departamento de Perícia' – respondeu Takeda com uma entonação lenta, como se falasse com um idiota.

Romain de fato se sentiu um, e fez sinal de que não o interromperia novamente.

– Você conseguiu tirar alguma coisa dos caras? – perguntou Daniel.

– Não naquele momento – revelou Takeda. – Mas, no dia seguinte, o que se falava pelas ruas era que eles encontraram corpos, ou pedaços de corpos, naquele lugar. Corpos que pertenciam a membros desaparecidos da Yakuzas, arrastados pelo Vespa.

– Pelo quê? – perguntou Daniel.

– Como estão chamando a criatura por aí: Vespa Mandarin.

Daniel e Romain não ocultaram a surpresa.

– Ele já tem até nome! – comentou Romain. – Sério, se a gente não morrer aqui, eu quero os direitos pra fazer um filme e vou interpretar a mim mesmo! Só que na minha versão eu vou ser o protagonista. E não vou ficar pelado em momento algum.

– Essa informação já foi confirmada oficialmente? – perguntou Daniel ao irmão, voltando ao tom sério.

– Acho que sim – disse Takeda. – Mas é melhor conferir.

Daniel parecia fora da conversa, mexendo os dedos diante de telas virtuais que apenas ele conseguia ver, inseridas em seu canal de visão diretamente pelo simbioante.

– Já falaram sobre isso no *The Japan Times* e no *Yomiuri Online* – confirmou

Daniel. – Então já podemos considerar como informação oficial.

– Mas o pessoal da própria máfia não desconfiava de um assassino em série liquidando seus membros em sua própria área?

– Eles imaginavam que fossem brigas entre gangues. No Japão, existem vinte e dois grupos oficiais da Yakuza, e você deve imaginar que não se controla uma organização desse porte com paz e amor. As brigas e intrigas por poder são constantes.

– Mas, então, estamos falando aqui de um mocinho ou de um vilão? – perguntou Romain. – Ele não deixa de ser um assassino, e até provavelmente o assassino mais feio da história, o que é digno de nota em um mundo como o nosso. Só que, pelo visto, ele escolheu bem quem ia matar.

– Isso não tira o fato de ele ser uma aberração – contestou Daniel.

– A questão não é essa, Naruto!

Para surpresa do próprio Romain, Takeda começou a rir e a apontar para o caçula, repetindo o apelido. Daniel estalou a língua.

– Ok, e qual é a questão então? – indagou.

– Sua preocupação ao me arrastar até aqui não foi porque tinha alguém liquidando alguns membros da máfia, que, pelo visto, já se liquidam normalmente – explicou Romain. – Sua questão era que esse assassino em potencial poderia ser a *cria* de Ravenna. Em outras palavras: você estava com receio do que essa coisa seria capaz de fazer. Mais do que isso, você estava temeroso de que essa coisa fosse *fiel* ao demônio-bruxa.

Takeda fechou a expressão em meio a todas aquelas explicações de “demônios” e “bruxas”, achando que não estava compreendendo muito bem o que dizia o francês.

– Só que, se essa coisa tiver algum *lado bom*, por menor que seja, aí a gente acende um lampejo de esperança. Talvez, por mais que ela tenha sido concebida por dois demônios bizarros o suficiente para se sentirem atraídos um pelo outro, ainda assim...

– Ainda assim, talvez ela tenha algo de Booba – complementou Daniel.

– Bom, você é sempre mais otimista do que eu.

Daniel ponderou sobre aquilo. Como Takeda não estava entendendo nada da conversa, o silêncio se fez até que o nipo-brasileiro voltasse a perguntar:

– Você acha mesmo que essa coisa poderia virar para o *nosso lado*? O que está acontecendo? A paternidade anda amolecendo você?

– Não, seu nerd psicopata homicida! – exclamou Romain. – O que eu acho é que, talvez, e somente *talvez*, a gente possa direcionar a raiva homicida *dela*. Afinal de contas, se um ser desse tipo é capaz de ficar satisfeito matando mafiosos japoneses com tatuagem de dragão, imagine se nós lhe dêssemos dracônicos *de verdade*?

Daniel concordou.

– Sabe o que é mais curioso nisso tudo? Normalmente *eu* sou o inteligente da dupla.

– Nada mal para um *gaijin*, não é? – comentou Romain, erguendo seu recipiente de saquê vazio.

Para sua surpresa, Takeda o serviu.

– *Kanpai!* – disse o francês em uma expressão de triunfo.

– *Kanpai!* – repetiram os outros dois.



KIGALI, RUANDA

ERA IMPOSSÍVEL NÃO OUVIR DO LADO DE FORA.

Quando a porta foi fechada, Amber mal esperou para bater as costas de Derek contra uma parede.

– Você tem problemas mentais? – gritou. – Que ideia estúpida é essa de se candidatar a cobaia dessa sequelada?

– Tempos de desespero exigem medidas desesperadas.

– Não a esse ponto.

Ele não sabia dizer, na expressão dela, o que era emoção e o que era razão.

– Você não me engana, Derek! Você é cheio dessas porcarias! – insistiu Amber, ainda sendo rude. – Como quando voltou pra me tirar das minas e daquela porcaria onde me prenderam! Como quando estávamos naquela floresta e você voltou pra salvar a porcaria de um filhote de urso!

– Eu fui treinado para fazer o que precisa ser feito.

– Você é a droga de um suicida brincando de escoteiro! – concluiu ela. – Você se sente melhor colocando alguma moral nas suas decisões autodestrutivas, mas é como um viciado em adrenalina. Só que muito mais perigoso!

Derek se manteve em silêncio. Amber suspirou.

– Eu vou com você – disse ela. – Se você for seguir com esse plano imbecil, eu não vou esperar aqui...

– Não, você não vem – declarou o ranger.

– Não estou pedindo sua permissão.

Derek a segurou pelos braços, forçando-a a se concentrar nele.

– Amber, entenda! Agora não é uma questão pessoal! A questão aqui é: *se* eu não voltar, é *you* quem precisa liderar o restante do grupo!

– Que Ashanti faça isso! – gritou ela. – Ela vai adorar!

– Ashanti é líder do povo dela! Em um mundo para o qual foi obrigada a retornar!

– Todos nós fomos forçados, Derek!

– Não! Com exceção dela, *nós* escolhemos voltar.

– O que só comprova que Ashanti é quem deveria tomar as decisões.

Derek teve que concordar.

– Não é só por isso, não é? – perguntou ela, analisando-o. – Você não quer voltar lá só por isso, quer?

Derek desviou o olhar. Amber aguardou.

– Eu sou um ranger, Amber – admitiu. – Fui preparado para liderar e não deixar ninguém para trás. E deixei muitos para trás.

– Strider está olhando por eles.

– Se ele ainda estiver vivo.

Amber odiava que o ranger sempre tinha o que dizer, ao menos quando ela não estava no controle.

– Você mal salvou um mundo e agora quer salvar dois... – lamentou ela.

– É um baita fardo, não?

Amber de repente se deu conta da gravidade de um detalhe do plano estúpido que Derek tinha formulado.

– E que papo é esse de que *eu* deveria liderá-los? Já que você adora comentar isso, então é minha vez de dizer: não fui treinada para nada disso!

– Você foi – afirmou ele, tenso. – Sei que é difícil para você admitir, mas você foi.

– Você não tem o direito de jogar esse lixo para cima de mim, Derek..

– Você sabe disso, Amber – insistiu ele. – Sempre soube. Em cada momento da sua vida.

Ela começou a tremer, corando aos poucos, demonstrando que, debaixo da pele, o sangue fervia como se estivesse dentro de um caldeirão.

– Você sabe que o seu pai a preparou para isso.

Ela lançou o punho na direção dele, como já havia feito antes, mas, dessa vez, ele travou o soco.

– *Eu não sou* igual a ele – gritou Amber, o rosto vermelho.

– Não, você não é – concordou Derek – E é por isso que você é quem deve liderá-los.

Derek levou as mãos ao rosto da irlandesa.

– Você finge que não, Amber, mas, de todos nós, você é quem mais se preocupa.

– Eu não me preocupo *com você* – resmungou ela. – Eu me preocupo apenas se sobrar pra mim e aí eu é que vou ter que resolver esse caos por aqui! Ainda mais em uma dimensão que passei a detestar..

Ele soltou o rosto dela com um lamento.

– Isso é o que você quer fazer pra suportar? Fugir? – perguntou Derek de forma direta.

Ela olhou para baixo.

– Derek, até agora estou fingindo que ele está vivo – admitiu. – Estou fingindo que a consciência dele está acordada em algum lugar, talvez até em alguma dimensão possível de se alcançar com essas geringonças da Ashanti. Seria um pensamento muito ilusório?

– Olhe para nós – disse ele. – Quem somos nós para dizer qual o limite de qualquer coisa?

Amber puxou o rosto dele em direção ao dela e seus lábios se comprimiram com tanta força, que mais lembrava uma agressão. Quando ele tocou sua cintura, contudo, seu corpo relaxou o suficiente para que a agressão se

transformasse em um beijo capaz de simbolizar um começo ou um fim.

– Eu odeio você – disse ela, balançando a cabeça negativamente e reagindo com um tapa repentino no queixo dele. – Eu odeio você!

– Você tem todo o direito.

Novamente, ela o puxou, e eles ficaram ali, agarrados um ao outro, em sua maneira própria de dizer adeus. Quando se separaram, Amber o empurrou, fazendo com que ele batesse as costas na outra parede.

– Vá – ordenou ela. – Se não há o que fazer para impedi-lo, simplesmente vá.

Derek se encaminhou para a saída da sala. Amber suspirou.

– Obrigada – disse ela. – Por se importar.

Ele podia sentir o peso nas costas dela. A dor de uma mulher a quem a vida havia negado até mesmo o direito ao tempo de luto. E ali, mais uma vez, a perda da única pessoa a quem ela poderia se apegar novamente.

– Obrigado – disse ele de volta. – Por resistir.



TÓQUIO, JAPÃO

ROMAIN TINHA A SENSAÇÃO DE ESTAR EM UM FILME.

O bairro de Kabukicho era tão surpreendente ao seu olhar estrangeiro, que ele se sentia em um set de filmagem de um filme politicamente incorreto, repleto de sordidez. Uma infinidade de motéis se estendia por ruas estreitas que abrigavam desde prédios grandiosos de duzentos dólares a entrada, até pocilgas que mereciam pagar aos clientes para que entrassem.

Um detalhe, porém, que não lhe escapava tanto ali quanto em qualquer outro lugar de Tóquio era: perto da moda japonesa, o turista ocidental parecia um mendigo. Mesmo em uma simples roda de quatro amigas, cada uma se expressava através de um código de vestimenta próprio e original. Romain observou um grupo em que uma menina estava de terninho; outra de Lolita colegial, com meias pretas até o joelho; uma terceira vestia um traje extravagante com sapatos de Dorothy, no melhor estilo do distrito jovem de Harajuku; e uma quarta exibia um vestido longo com estampas florais, adornado com fitas e laços. Era um repertório inacreditável que levava a uma conclusão imediata: fosse para ir ao trabalho ou ao encontro de uma dominatrix, os japoneses se vestiam bem em qualquer situação.

– Daniel, aqui tem motel em formato de castelo da Disney com cascatas na porta! – exclamou o francês, enquanto caminhavam.

– Você não acabou de se dar conta de que virou pai de família?

– Ah, sim! – debochou Romain. – Porque, afinal, apenas jovens solteiros japoneses que passaram no vestibular e não desonraram a família é que frequentam esse lugar, né? Além disso, eu não disse que quero *entrar* em um desses motéis! Eu só comentei sobre a existência deles!

Depois de trocar de roupa no hotel, os dois foram, sem Takeda, para um endereço, cujos detalhes Daniel se recusava a fornecer. Romain aprendeu que os japoneses utilizavam a mão inglesa para tudo e que por isso também precisava se adaptar à necessidade de andar pela esquerda das calçadas. No trajeto, avistaram um campo de beisebol com homens de meia-idade rebatendo bolas velozes atiradas por máquinas. Romain continuava observando tudo aquilo um tanto fascinado.

– Sabe o que mais me surpreende num lugar desses? – perguntou.

– Não reconhecerem você?

– Não, seu idiota! Eu ia dizer a *limpeza*. Quer dizer... nós estamos no submundo, certo? Aqui deveria ser um símbolo de podridão, mas até um local como esse no Japão é bem-cuidado.

– Bem, isso eu não posso negar – concordou Daniel. – Se eu te levar ao

submundo sexual no Brasil, você vai ver um cenário *bem* diferente desse aqui...

Romain parou de andar e olhou para ele de lado com um sorriso depravado.

– Ah, quer dizer então que o senhor costuma frequentar o submundo sexual brasileiro?

Daniel travou e seu rosto ficou vermelho.

Romain achou a reação cômica.

– Está aí algo que eu não vou esquecer... – comentou.

– Pra variar – lamentou Daniel.

– Mas para onde estamos indo, afinal? – perguntou o francês.

Daniel continuava constrangido.

– Você vai ver...

Na frente de um estabelecimento que parecia uma casa de chá havia uma Mercedes-Benz preta estacionada. Um japonês idoso saiu do estabelecimento e seguiu na direção do veículo, escoltado por outros quatro homens mais jovens, todos vestindo ternos de luxo.

– Yakuza – afirmou Daniel, traduzindo o pensamento de Romain.

Ao contrário do que ele esperava, Romain não reagiu com gracinhas e sua expressão permaneceu séria e pensativa por alguns instantes.

– Sabe, Daniel, às vezes eu entendo vocês...

Daniel estranhou não apenas a expressão utilizada, como também aquele posicionamento mais sóbrio do amigo.

– O que seria *vocês*? – perguntou.

– Você, o sargento-ranger-vamos-para-guerra e aquela ruandesa louca. Digo, eu ainda acho que vocês são uns malucos do cacete, mas... eu admito que, às vezes, e vou repetir, às vezes, eu gostaria de ser mais como vocês. Quero dizer... não pedi pra nenhum desgraçado misturar meu sangue com o de dragões, até porque *pra quem* se pediria uma coisa dessas, não é? Mas nenhum de nós pediu por isso e, ainda assim, vocês agem como se tivessem um compromisso. Como se fosse um dever. Eu acho isso louco, mas admirável. Por mim, eu estaria satisfeito de usar esse dom para fazer filmes que pessoas no mundo inteiro ficassem felizes de assistir. Eu sei que soa bem egoísta, ou bem menor perto do que vocês fazem com isso, mas pra mim isso é grande, entende? Porque o cinema me deu um sentido de vida desde pequeno. Mas pra vocês é diferente. Derek se alistou no grupamento Ranger e foi pra guerra. Ashanti não deixaria de fazer o que faz mesmo sem uma armadura de metal-vivo. E você, com um computador nas mãos, é capaz de causar mais estrago do que com uma espada. Percebe onde eu quero chegar? Vocês querem ser heróis *de verdade*. Eu sempre quis ser um herói de cinema.

– Ninguém é maior ou menor nisso tudo...

– Você se engana! Eu sou menor e eu tenho consciência disso. Até mesmo a irlandesa nervosinha é muito mais heroína do que eu jamais vou ser. E quando

vejo coisas como aquele mafioso japonês cercado de seguranças, indo embora depois de provavelmente extorquir um dono de estabelecimento, penso nisso. E tudo bem que o negócio dele deve ter mulheres sem calcinha urinando em cima dos clientes que bebem chá, mas não deixa de ser um trabalho honesto se alguém quer pagar por isso, entende? E, no entanto, eu sozinho seria capaz de ir lá e esmagar todos eles! Mas do que adiantaria, se existem outros milhares como ele para tomar o lugar? Seria uma guerra infinita. E, mais do que isso, eu não teria nem paciência nem vontade de lutar. O que isso faz de mim?

– Uma pessoa comum – respondeu Daniel. – E não há por que se envergonhar disso.

– Talvez não, mas, nesse caso, talvez sim.

– Posso fazer uma pergunta?

– Só se me deixar pagar uma sessão de chá para você naquele lugar e me deixar filmar o que elas vão fazer com você...

Daniel balançou a cabeça, envergonhado.

– Diga! – ordenou Romain.

– Por que você veio até aqui comigo? – questionou Daniel. – Você poderia ter se recusado e eu teria lamentado, mas entenderia.

– E o que eu diria pra minha filha no futuro? ‘Olha, filhinha, tio Daniel foi salvar o mundo, enquanto o papai foi na padaria comprar pão’? Não é por algo assim que eu quero que a minha filha se lembre de mim no futuro...

Daniel não escondeu no semblante a surpresa. Era raro ver Romain falar sério, mas era ainda mais raro vê-lo falar com maturidade sobre conceitos morais tão distantes dele há até pouco tempo.

– Nós vamos encontrá-lo, fazer o que precisa ser feito, e então você vai poder retornar para ser o melhor herói que você puder, ok? – disse Daniel.

– O melhor herói de verdade ou o melhor herói de cinema?

– O melhor herói para Amélie.

Daniel viu Romain engasgar, o que era ainda mais raro que vê-lo agir com seriedade. E então enxergou mais um motivo para salvar o mundo onde viviam.

– Deve ser estranho pra você me ver assim, não é? – perguntou Romain. – Eu mal me reconheço também. Em alguns momentos eu me pego pensando e... sabe qual o meu maior medo recentemente?

– O fim do mundo?

– Não estar lá para ela – admitiu Romain. – Desde que eu me tornei pai, sabe... este agora é um mundo de dragões, Daniel. E neste momento, se elas precisarem de mim, eu não vou estar lá.

Daniel sorriu, como se tivesse recebido um presente com aquele testemunho.

– Você está errado – admitiu, de maneira honesta. – Você não é menor do que nenhum de nós.

Romain o observou e não encontrou traços de ironia nem de deboche, apenas

um sorriso simples de um homem honrado.

– E quer saber? Você também me faz querer ser como você – acrescentou Daniel.

Romain apertou os lábios, absorvendo tudo aquilo como um anêmico faria à luz do sol. Eles continuaram caminhando, imersos nas próprias conclusões, quando Romain, com os braços enfiados no casaco, olhou para Daniel de lado e perguntou de repente:

– Você gostaria de ser como eu *muitas vezes*?

– *Algumas vezes* – respondeu Daniel.

O francês voltou a sorrir de maneira debochada, parecendo satisfeito.

– Bom, se isso fosse possível, então ao menos você *algumas vezes* conseguiria sexo fora do submundo brasileiro.



AS LUZES DANÇAVAM. Kabukicho, à noite, mais lembrava um desfile noturno de um parque temático. Em meios a letreiros de néon, de vez em quando se ouviam vozes femininas roucas saindo de alto-falantes, anunciando deleites sexuais inesquecíveis. A maioria dos bares, boates e estabelecimentos, porém, exibia na entrada fotos de mulheres seminuas em cartazes iluminados. Por diversas vezes, Daniel e Romain foram abordados por aliciadores de terno, que lhes empurravam panfletos de descontos com listas dos serviços sexuais.

– Realmente se oferece de tudo nesse lugar, né? – comentou Romain, ao olhar rapidamente o panfleto.

– Não sei se você gostaria do que estão oferecendo nesse panfleto...

Romain observou a imagem de uma japonesa vestida de médica, agachada aos pés de um homem fora do ângulo da foto, com uma das mãos na perna dele e outra com o estetoscópio encostado na região genital. Romain girou o panfleto, como se fosse encontrar alguma tradução para o japonês no verso, e resmungou:

– *Anaru name?* O que diabos isso significa?

– Significa ‘anilingua’... – comentou Daniel, embaraçado, enquanto coçava a cabeça. – Sabe, quando você se vira para que a pessoa use a língua... bem...

Romain explodiu:

– Eu sei o que isso quer dizer, pamonha! Seria mais fácil eles terem escrito *beijo grego*.

– Então você *sabe* o que é isso... – disse Daniel.

– Tem coisa que se aprende fora da internet, sabia? – comentou Romain, sem

deixar claro se estava falando sério ou tirando sarro. – Aliás, acho que eu vou pagar um desses pra você!

– Eu *não quero* um negócio desses! – afirmou Daniel, ofendido.

– Está com receio de experimentar?

– Você está querendo dizer que *ocê* já experimentou?

– Estou querendo dizer que *ocê* tem muita coisa ainda para aprender fora da internet.

Diante da expressão cínica do francês, Daniel continuava sem saber se ele falava sério ou se estava debochando da situação.

– Definitivamente, eu não sei como uma mulher conseguiu fazer um filho com você – comentou Daniel.

– Eu vou te explicar como funciona a coisa! Existe o homem e existe a mulher. Quando o homem se excita, ele...

– Ah, vá à merda...

Ainda sem saber para onde estava indo, Romain seguiu o brasileiro por uma ruela, onde uma prostituta tailandesa tentou seduzir Daniel. O francês não estranhou a preferência; em pouco tempo, já havia compreendido que *gajin* era uma figura à parte em Kabukicho. A maioria dos anúncios e convites excluía o turista estrangeiro. O mercado sexual oferecido por ali era voltado apenas para o consumidor local. Daniel recusou os serviços da mulher da maneira mais educada que Romain já tinha visto alguém fazer. O francês continuou a pegar no pé dele até chegarem à frente de um salão de massagem.

– O que está escrito? – perguntou Romain.

– Escola de Meninas Mágicas da Lua – respondeu Daniel, sem olhar para o amigo.

Quando Romain entendeu que era *ali* o lugar para onde iam, voltou a exhibir seu sorriso sarcástico.

– Mudou de ideia sobre o beijo grego?

Daniel suspirou, ignorando-o. Na entrada do lugar, havia uma placa dizendo que não se admitiam estrangeiros.

– Normalmente, a entrada desse lugar é destinada somente a japoneses... – explicou Daniel.

– Nada que eu já não saiba.

– Certo, mas é que nesse caso... – Romain notou a dificuldade do brasileiro em completar a frase.

O francês continuou com sua expressão cínica irritante, aguardando. Daniel, embora constrangido, decidiu admitir logo de uma vez:

– O dono do estabelecimento é o meu irmão.

Romain engasgou e segurou o riso, contendo todo o escárnio do mundo dentro de si. Ergueu os braços como se dissesse com gestos *tudo bem, sem julgamentos, família a gente não escolhe*.

Daniel respirou forte e caminhou para a entrada, sabendo que se arrependeria pelo resto da vida. Romain tentou se manter neutro, mas assim que Daniel desapareceu na porta de entrada, ele soltou o ar, gargalhando, estalou a palma na própria testa e balançou a cabeça, dizendo em voz alta:

– Daniel, você está frito na minha mão! Para sempre!



PARA ROMAIN, TUDO ERA SURREAL. Além de salão de massagem, o negócio de Takeda também funcionava como loja de cuidados corporais. Japonesas vestidas de colegiais se submetiam a uma encenação erótica de acordo com a vontade do cliente. O lugar tinha uma clientela fiel, e Takeda mantinha uma renda anual maior do que a dos irmãos de Romain, advogados. O francês cumprimentou algumas das moças, que quase não entendiam seu inglês. Em um dos ambientes, havia um bar onde ele pensou em tomar uma bebida, mas voltou atrás.

– Pensei em beber essa tal de cerveja verde que eles têm por aqui, mas estou com receio de colocar a boca em qualquer coisa desse lugar – comentou com Daniel.

– Alguns bares da região possuem ‘salões rosados’, talvez te animem.

– Estou com receio de perguntar o que isso significa...

– Se você pagar o preço, pode entrar e pedir uma xícara de café. Enquanto você bebe, uma mulher vem, abre sua calça, limpa as suas partes com uma toalha quente e depois... bem... ela faz sexo oral em você.

– Por que os cafés parisienses não são assim?

Daniel riu. Alguns clientes continuavam sentados, observando as meninas, bebendo sozinhos e consultando smartphones. Romain chegou a reparar que um deles parecia jogar uma espécie de Tetris, e se perguntou quem pagaria para entrar em um lugar como aquele para fazer isso.

– Foi aqui que você aprendeu a fazer aquelas coisas de psicopatas com espadas?

– Treinei com meu irmão – contou Daniel. – Em nossa família, começamos aos seis. Treinamos com um grupo marcial dentro da Goto-gumi, que são adeptos do caminho da espada. Nosso mestre recebeu o título de *Yokai*, que é um tipo de criatura sobrenatural no folclore japonês, ligada a fantasmas e aparições. Depois que ele faleceu, meu irmão deveria assumir o grupo, mas ele não se considera pronto.

– Você está me dizendo que treinou técnicas de espadas com gente da Yakuza?
– Romain ficou surpreso.

– É mais assustador pensar assim quando se está de fora. Só que quando a gente cresce com essas caras, mesmo que compreenda as escolhas erradas que eles fazem, eles não deixam de ser as pessoas com quem a gente cresceu, entende?

– Escolhas erradas? É assim que você chama pessoas que decapitam quem não paga a taxa de proteção?

Daniel ergueu os ombros, abrindo os braços.

– Eu não criei esse mundo, Romain. Estou tentando melhorá-lo.

Romain voltou a analisar o ambiente. Dois engravatados riam de maneira exagerada, enquanto tomavam saquê.

– Ei, Daniel, sabe o que eu percebi? Até agora todas as pessoas aqui têm dez dedos!

– Você achou que os japoneses tinham dedos a mais?

– Claro que não, idiota! Eu pensei que alguns teriam dedos *a menos*! Principalmente quando se envolvem com a máfia! Você nunca viu o que os caras da Yakuza fazem? Eles enrolam os dedos num pano e mandam ver!

– Eles fazem coisas bem piores que isso.

Romain voltou a reparar no lugar. O cheiro não era ruim, principalmente por causa dos incensos acesos em determinados pontos. A decoração lembrava um ambiente de barco, com piso de madeira, âncoras e cordas.

– Sabe outra coisa que eu também notei? – ressaltou Romain. – As pessoas aqui também não falam com o erre enrolado...

– Você parece decepcionado.

– Eu não gosto quando o cinema erra...

Após um tempo, Takeda chegou e, como de costume, demonstrou sua alegria exagerada na voz que alongava vogais. Ele vestia uma calça de couro escura, que tinha sido enfiada para dentro de um coturno, e uma blusa com gola em V, mostrando boa parte do peito. O cordão com o *ankh* ainda estava no pescoço. Havia um homem de traços árabes com ele, que Romain achou ser um sócio, mas, quando ambos se cumprimentaram com um selinho, ele reconsiderou.

– Ei, Daniel, além de me dar material para perturbar você pelo resto da vida, você pode me explicar por que me trouxe a esse lugar?

– Certo... – concordou Daniel. – É o seguinte: você já entendeu que foi neste distrito que Takeda e outros testemunharam a aparição daquela coisa, certo? Isso aconteceu a dois quarteirões daqui. O... *companheiro* dele descobriu algumas coisas e aceitou nos contar.

– Em troca de quê?

– É o que vamos descobrir.

Em dez minutos, eles já estavam acomodados. Usando as duas mãos, Takeda

entregou a Romain um cartão do estabelecimento. O francês se questionou como ele tinha tanto orgulho daquele lugar, mas também usou as duas mãos para recebê-lo. Logo, ele e Daniel descobriram que o companheiro de Takeda era um iraniano chamado Jalal, ligado diretamente à Yakuza. Além de segurança do lugar, o sujeito também exercia a função de treinador de cachorros e cuidava dos cães aterrorizados de alguns chefões da máfia.

– Aquele cara matou gente da hierarquia da Goto-gumi. Por conta disso, a cabeça dele está a prêmio...

– O que diabos é Goto-gumi? – perguntou Romain.

Os três olharam para ele, como se ele fosse um idiota por fazer aquela pergunta.

– É o caminho final. A Goto-gumi é o topo do Gokudo – explicou Daniel.

– E eu deveria saber disso? – resmungou Romain.

– Você deveria se calar e ouvir – disse Takeda, sério. Sempre que mudava de humor de maneira brusca como aquela, Romain achava assustador.

Jalal retomou a palavra em um inglês preguiçoso, que parecia proposadamente ruim e incompreensível, como punição por ser obrigado a utilizá-lo.

– A denúncia feita à polícia naquela noite não foi por acaso, foi planejada. Eles acreditavam que conseguiriam um combo: a polícia mataria a aberração, que, antes de morrer, mataria alguns policiais. A Goto-gumi resolveria o problema e não precisaria arriscar nenhum dos seus. Só que a polícia não foi capaz de matar a coisa. E então a Yakuza colocou a cabeça da aberração a prêmio...

– Quanto? – perguntou Romain, com uma espontaneidade que novamente atraiu olhares condenadores dos outros três.

– Quase treze milhões de ienes – concluiu Jalal.

– O quê? Você disse *treze milhões*? Quanto isso dá em euro?

– Algo em torno de cem mil – concluiu Daniel.

Romain não conseguiu esconder a frustração.

– *Treze milhões* de ienes equivalem a cem mil euros? Eu ganho mais do que isso rodando *O incrível ninja 2!* Que porcaria de moeda é essa que vocês têm por aqui?

Romain engoliu em seco depois do silêncio constrangedor e dos olhares acusadores concentrados nele. Novamente a impressão era a de que uma *katana* cortaria o ar de repente e ele mal perceberia o momento em que sua cabeça não estaria mais conectada ao corpo.

– Na verdade, se nós seguirmos em frente com isso, vocês não vão ganhar *nada* – esclareceu Jalal.

Romain arregalou os olhos, mas Daniel já tinha chutado sua canela antes que ele tivesse qualquer reação. Jalal completou:

– Em muitos casos, a investigação da Yakuza é mais eficiente do que a da

polícia, já que elas andam de mãos dadas, só que a máfia não precisa de mandados. E nossos informantes já descobriram o novo esconderijo daquela coisa. Pelo que Takeda me contou, vocês são bem confiantes na própria capacidade de cuidarem do caso.

– Nós *esperamos* ser – corrigiu Daniel.

– Bem, eu espero também – disse o iraniano. – Porque esse é o acordo: eu entrego a localização a vocês, e vocês matam aquela coisa. Eu e Takeda ficamos com a recompensa.

Novamente houve silêncio. Até Daniel não conseguiu esconder a surpresa.

– E por que você confia que nós não vamos pegar a recompensa por conta própria?

– Porque vocês me dariam sua palavra de honra.

– Ah, claro! E você acha que nos matariamos em caso de desonra.

– Vocês, não – corrigiu Takeda. – Mas eu, sim.

Romain entortou a cabeça e olhou para ele como se o japonês tivesse problemas mentais. Daniel sentiu vontade de chutar sua canela de novo.

– Você se mataria *mesmo* por causa disso? – quis confirmar o francês.

– Não, *gaijin* – explicou Takeda. – *Eles* me matariam se vocês não cumprissem o acordo.

– Hum... – compreendeu Romain. Virando-se para Daniel, comentou: – Ainda acho que é um preço pequeno a se pagar.

Daniel mantinha-se pensativo com dedos cruzados sobre a mesa. O cabelo cheio caía sobre sua face, ocultando um pouco o olhar preocupado.

– Está certo – disse ele, de repente.

Romain olhou de lado para ele, admirado com a reação firme. Takeda sorriu abertamente, satisfeito. Jalal se manteve sério e apenas aquiesceu, demonstrando que era um caminho sem volta.

– Antes de passar a informação, espero que vocês tenham entendido as regras – disse Jalal.

Daniel ergueu a cabeça e tirou o cabelo do rosto, de forma que o iraniano visse bem seu semblante penetrado. A transformação era tão grande, que tanto Takeda quanto Romain se assustaram.

– Não! – revidou Daniel em japonês, com uma voz grave que nem parecia dele. – Eu espero que *você* tenha entendido as regras! Estou pouco me lixando pra quanto estão oferecendo pela cabeça daquela criatura. O que eu sei é que provavelmente eu *vou* matar aquela coisa! E, se eu for mesmo capaz de matá-la, isso quer dizer que sou capaz de matar você, seu chefe, os homens do seu chefe e a porra da Yakuza inteira se for preciso! Eu não sei até hoje o grau de relacionamento entre você e o meu irmão, e não me interessa! Não me interessa como ele vive a vida dele e não me interessa conhecer melhor quem você é! Mas eu sei *com quem* você lida e sei o perigo que isso representa. E não importa

minha opinião sobre as decisões que meu irmão tomou na vida dele, nada muda o fato de que ele é meu irmão, e, se um dia, um único dia, qualquer um de vocês ferrar com ele, eu volto aqui e sua cabeça vai ser a primeira que eu vou espremer nesse assoalho! Eu vou entrar naquele edifício Furinkazan e vou gravar um vídeo de destruição muito pior do que o que vocês presenciaram! Um vídeo que *eu mesmo* vou fazer questão de espalhar para o mundo todo! É essa que é a regra que eu espero que você e todas as pessoas que lidam com você tenham entendido!

Daniel voltou a se sentar de uma maneira extremamente cortês para alguém que havia dito aquelas palavras. O iraniano se manteve inexpressivo. Takeda mostrou um semblante deslumbrado, entre a surpresa e o orgulho. E, Romain, que não entendeu nada, mas compreendia alguma coisa pelo que havia acabado de presenciar, mantinha a boca aberta, como se o maxilar estivesse travado.

– Agora nos diga onde aquela coisa está! – ordenou Daniel, novamente em inglês.

– Exatamente! Diga-nos *agora* onde aquela aberração está! – reforçou Romain, balançando o dedo na direção de Jalal, e, no mais surreal estilo *thug life*, esticando a perna e colocando os pés sobre a mesa.

Daniel, ao vê-lo cruzar os pés, sentiu vontade de avisá-lo do quanto aquilo era desrespeitoso, ainda mais no estabelecimento do seu irmão mais velho.

Mas era tarde demais.

– O que você está... – tentou dizer Takeda.

Para aumentar o espanto de Daniel, Romain esticou o dedo indicador na vertical na frente da boca de Takeda, num gesto que pedia silêncio. Depois apontou para Jalal.

– A palavra agora está com o seu amigo aqui – disse o francês. – E acho que ele já aprendeu uma coisa aqui hoje! – Romain fez uma pausa dramática, como se seguisse a orientação de um diretor em um set de filmagem. – Não fode com a gente! – disse de repente, utilizando uma das falas do roteiro de seu último filme. E então apontou para Daniel. – Ou esse cara aqui vai foder com todos vocês...

Com os pés ainda cruzados sobre a mesa, Romain levou as mãos para trás do pescoço e adorou ver a reação irritada, mas submissa, de Jalal.

Às vezes até que era bom quando o cinema acertava.



KIGALI, RUANDA

AMBER AINDA ACHAVA AQUELA IDEIA ESTÚPIDA.

Sob o comando de Ashanti, cientistas, técnicos e militares trabalhavam para colocar o Órbita novamente em funcionamento.

– Ainda acho que você vai ser desintegrado por aquela coisa...

– De qualquer maneira, isso me levaria a um cemitério, não? – brincou Derek

– Não tem graça! – irritou-se Amber. – Nenhuma piada vai fazer sua ideia parecer menos imbecil!

Os dois discutiam num escritório ao lado da Antessala, ambos vestidos com as armaduras de metal-vivo, sem os capacetes. Ashanti se aproximou de Derek, visivelmente incomodada por ser obrigada a testemunhar e a interromper aquele tipo de intimidade entre os dois.

– Em um ponto ela está certa: você pode ser desfragmentado por aquela coisa – disse para Derek – E esta é sua última chance de desistir.

– A chance acabou quando a cria de Ravenna surgiu.

– Você tem uma confirmação disso? – questionou Ashanti.

– Daniel e Romain estão no caso. Assim que houver confirmação, o metal-vivo vai pulsar.

– Então por enquanto é uma suspeita – insistiu a ruandesa.

– O que já é suficiente pra nós.

Amber virou de costas e se afastou irritada, desistindo daquela conversa.

Ashanti se aproximou de Derek

– Você promete cumprir o acordo?

– Eu prometo que vou fazer o possível.

Ela não se mostrou satisfeita, mas ao menos era alguma promessa.

– Outra coisa... – começou a dizer Derek

Ela o observou desconfiada, sabendo que, se ele havia reservado para o final, é porque ela se irritaria.

– Diga de uma vez.

– Preciso que você realmente trabalhe com Amber. E, se as coisas complicarem, passe o comando a ela. Nosso objetivo em comum será atingido mais rápido se existir unidade.

Ashanti apertou os olhos e balançou a cabeça negativamente.

– Mas não existe! – exaltou-se. – Quem comanda as coisas em Ruanda sou eu. E se você quer que eu vá cuidar dos seus moleques, vai ser do meu jeito.

– Engraçado, não vi você reclamar de ter outro no comando quando Derek tirou você daquela prisão! – intrometeu-se Amber, reaproximando-se.

– Um lugar em que você nem teria sobrevivido – retrucou Ashanti.

– Ei, ei! – Derek deu um passo à frente, colocando-se entre elas. – Nós já falamos sobre isso e não dá para voltar atrás. Mas talvez...talvez a gente possa conseguir avançar. Na pior das hipóteses, essa coisa me desintegra, e Ashanti tem sua vingança de qualquer jeito...

– Você acha que *isso* seria uma vingança? – questionou ela. – Vingança seria essa coisa deixar você preso por lá, longe pra sempre dessa irlandesa!

– Quer saber? Derek entre logo naquela máquina e me deixe sozinha numa sala com ela! – gritou Amber.

Por um momento, Derek se perguntou como era possível ser mais fácil lidar com coronéis em salas de interrogatórios do que com aquelas duas no mesmo ambiente.

– Droga, parem com isso! – gritou ele. – Preciso que vocês duas atuem *em conjunto*! Ashanti, não quero tirar sua autoridade, mas preciso que você coopere para que isso funcione!

– Não é uma questão de cooperar ou não! É uma questão de não fazer sentido! – esbravejou ela. – Estou cansada de vocês me dizendo o que fazer.

– Ninguém consegue te dizer o que fazer.

– E, ainda assim, você continua tentando.

Derek fez uma careta, irritado com as coisas que não podia controlar. Então, em um acesso de honestidade, acabou admitindo a si mesmo a impotência diante do conflito e acionou o bracelete de metal-vivo.

– Coloquem o capacete – ordenou Derek

– Por quê? – perguntou Ashanti.

– Será que ao menos *isso* vocês poderiam fazer por mim?

Em um movimento, ele materializou o próprio capacete com o visor vermelho. Ainda estranhando, elas fizeram o mesmo. O círculo de luz foi acionado e Derek ordenou comandos que as duas jamais tinham visto.

– O que você está fazendo? – perguntou Amber.

– Convocando uma reunião extraordinária.

Os braceletes de metal-vivo de Amber e Ashanti começaram a pulsar. De repente, a voz assustada de Daniel surgiu dentro do capacete.

– Sargento? – perguntou, resabiado.

– Romain está com você?

– Olá, chefe-sargento-ranger-vermelho! – disse a voz facilmente reconhecível do francês. – Quanto tempo! Espero que as coisas estejam bem com a irlandesa esquentadinha e com a ruandesa de vida triste...

– Na verdade elas também estão na comunicação.

– O que você quer dizer com 'ruandesa de vida triste'? – perguntou Ashanti, ofendida.

– Oh... – murmurou Romain. – Eu disse isso? Desculpe, vocês sabem como o meu inglês é ruim! Eu quis dizer vida *ocupada*!

– Então realmente quis me chamar de ‘irlandesa esquentadinha’? – perguntou Amber.

– Eu... não, na verdade...

– Sem problemas, eu gostei – disse Amber. – Não deixa de ser verdade...

Do outro lado, Romain simulou uma arma com os dedos indicador e polegar, apontando para a própria cabeça.

– Ei, e vocês sabem que horas são? São três da manhã por aqui! Isso lá são horas de ligar para alguém? – questionou ele, tentando mudar de assunto.

– As crianças estavam na cama? – quis saber Ashanti.

– Na verdade, estamos indo ao local onde as pessoas viram a aberração se esconder.

A informação arrepiou os outros três.

– Daniel, escute bem o que vou dizer agora – disse Derek, tomando as rédeas.

– Estou voltando. Para lá.

– Para lá?

– Eu estou voltando para o Cemitério.

– O quê? – dessa vez a voz era de Romain. – Ai, droga! Japa, você tem que parar com essa mania de me chutar!

– Continue, sargento... – pediu Daniel.

– Ashanti descobriu o mecanismo. Eu vou até lá, vou buscar Mihos e vou alertar Strider. Ashanti e Amber vão reforçar a batalha de vocês.

– Mas, sargento, isso é loucura! – exclamou Daniel.

– Desista! Eu já tentei dizer isso a ele – disse Amber.

– Vai usar aquela coisa que a ruandesa criou? – perguntou Romain, referindo-se ao Órbita. – Uau, ainda bem que você não me quer como seu dublê...

– Não fale como se eu não estivesse aqui! – vociferou Ashanti.

– Sargento, escute... – continuou Daniel. – Vamos tentar parar essa cria do demônio por aqui, ok? Ainda não sabemos a dimensão de tudo o que ela é capaz de fazer, mas já estamos levando reforços.

– Que tipo de reforços? – estranhou Derek.

– Bem, um comboio da Yakuza – revelou Daniel, sem jeito. – Mas eles só vão se envolver se a coisa ficar realmente feia.

– Vocês têm contato com a Yakuza? – surpreendeu-se Derek.

– Nós somos os *vidas locas* dessa parada! – disse Romain, usando gírias que aprendera com os filmes. – Não pensem em mexer com a gente!

– Deixem aberto esse canal com Amber e Ashanti – orientou Derek – Deixem as duas informadas do que estiver acontecendo, principalmente enquanto eu não estiver aqui. Assim que possível, elas vão oferecer reforços. E para me trazer de volta, nós vamos precisar do sangue da cria.

Daniel e Romain ficaram quietos.

– Vocês ainda estão aí? – consultou Derek.

– E se a gente não conseguir derrotar a criatura e te trazer de volta, sargento? – indagou Daniel.

– Então vocês vão ter de se virar sem mim.

Por mais que, na maioria das vezes, resistissem à liderança de Derek, todos os quatro sentiram o peso daquela frase.

– Está certo – comentou Daniel. – Vamos fazer o melhor e esperamos que seja suficiente.

– Certo... – concordou o sargento. – O relógio está correndo, não temos mais tempo a perder.

Dependendo do curso dos acontecimentos, aquilo poderia ser uma despedida.

– Senhores, espero reencontrá-los ainda – disse Derek – De preferência, nesta dimensão...

– Sargento... – respondeu Daniel, em tom de despedida.

– Chefe... – emendou Romain.

– Ah, e Romain... – chamou Derek.

– Pois não?

– Não se esqueça do grito de guerra – instruiu o militar, dando um último sorriso antes da batalha.

– Aquele é o *pior* grito de guerra que alguém já inventou no meio de uma batalha, chefe.

– Ainda assim, nós vencemos aquela batalha, não foi? – Derek não podia ver Romain, mas sabia que do outro lado ele também sorria.

A conexão foi desligada. Novamente ele desmaterializou o capacete e aguardou que Amber e Ashanti fizessem o mesmo.

– Antes de eu ir, alguma dúvida? – perguntou diante delas.

– Por que você ainda está aqui? – questionou Ashanti, se afastando.

Derek se virou para a dragonesa de runas rosa-escuras.

– Amber?

Ela vacilou, desejando ter um lado sensível que a vida lhe havia negado. Mas a vida era dura. E, como aconteceu com toda a sua família, a única pessoa mais próxima de um amigo que Amber tinha estava prestes a partir para um caminho sem volta.

Mais uma vez.

– Espero revê-lo em breve, Derek – disse, de maneira ríspida.

Não houve um abraço nem qualquer manifestação de carinho. Ele sabia, ainda assim, que aquela era sua maneira de dizer que se importava.

O capacete foi materializado. As portas da Antessala foram abertas. E Derek entrou.



OS OLHOS DO DRACÔNICO TRANSBORDAVAM SANGUE. Após descobrir o que o mundo estava prestes a fazer, Ashanti se dirigiu para a Antessala. Sua pulsação estava acelerada, sua respiração era tensa. Aquela próxima tentativa não poderia ser *apenas* mais um experimento. O relógio corria. Aquilo precisava dar certo.

- Ele já está lá? – perguntou a um de seus generais.
- Algemado, amordaçado e espumando de raiva...
- Ótimo – concluiu e passou pela porta da Antessala.

Derek caminhou pelo recinto blindado. Precisou de um momento, pasmo com o que Ashanti havia construído ali. Os detalhes do maquinário, o reforço das paredes, as marcas dos combates. E, o mais importante, o círculo de sangue. Amber entrou por último e se manteve ao fundo, digerindo sentimentos temerosos.

O dracônico era mantido ajoelhado no centro do salão, com algemas de aço conectadas por correntes aos pulsos, e uma mordaça metálica ao redor da boca. Ao perceber a presença do sargento, a criatura se agitou ainda mais. Vê-lo também lhe causava calafrios. Derek sentiu-se tomado por lembranças de insurreição; Amber, por lembranças de submissão.

Ashanti se concentrou no humanoide e tudo o que estava em jogo voltou à mente.

- Acionem os motores – ordenou ela. – Derek, se posicione no círculo.

Ao fundo, ouviu-se o som do Órbita sendo energizado. Na máquina esférica presa ao chão, runas foram se acendendo, e a estrutura luminosa começou a brilhar. Apesar de não ser uma pessoa religiosa, ao escutar os barulhos da engrenagem, Derek rezou.

E caminhou para o portal, sob o olhar atento de Amber.

Ashanti passou pelo dracônico, agarrou seu cabelo grosso e o arrastou com violência até o centro do círculo, marcado pelo mesmo pentagrama que ela viu desenhado na passagem da outra dimensão. Ele caiu ajoelhado diante de Derek. A mão livre de Ashanti materializou uma faca, o dracônico tentou destruir as algemas de aço, sem sucesso, e a lâmina provocou um rasgo de uma ponta a outra em seu abdômen, fazendo jorrar tripas e sangue demoníaco. A criatura caiu sobre o centro da estrela de cinco pontas grunhindo e se debatendo, perdendo as forças em pouco tempo. Em meio à cena, ouviu-se o comando:

- Podem ligar.

O brilho se intensificou como nunca. Os medidores dimensionais ultrapassaram quaisquer valores já registrados e, graças ao capacete, Ashanti e Amber conseguiram *ver*. Como num ralo, o sangue que jorrava em profusão foi sendo sugado, sorvido. A matéria foi sendo desfiada, desfeita, desfragmentada. E o brilho aumentava. Na sala de controle, operadores comunicaram que havia risco de sobrecarga. Ashanti ordenou que eles não desligassem a energia mesmo assim.

Tudo aquilo era sujo. O sacrifício, a seiva demoníaca, o portal de sangue, os símbolos que conectavam a uma dimensão amaldiçoada. Contudo, havia algo de puro em seu objetivo. E era esse ponto de pureza que Ashanti enxergava naquela claridade. Com a pulsação acelerada, ela acompanhava o processo de perto. A princípio, o procedimento havia sido criado para matar alguma criatura que pudesse passar àquela dimensão no decurso dos testes. Naquele momento, porém, o propósito era outro. Ashanti queria estar junto de Derek, fosse para resguardá-lo, fosse para ver a missão cumprida. Amber, ao fundo, sentia-se perdendo uma referência de família pela segunda vez em pouco tempo. O corpo do sargento foi sendo tomado por uma vertigem quando a luminosidade atingiu um nível extremo e ele se sentiu despedaçado.

Segundos depois, havia somente Ashanti e Amber no recinto blindado.

– Podem desligar – ordenou a líder.

A execução foi imediata. A energia do Órbita foi cortada, e as luzes foram apagadas. No centro do círculo ainda havia manchas de sangue do dracônico. E nada além disso.

– Nós conseguimos – disse Ashanti, e a equipe que acompanhava tudo pelos monitores ficou tão excitada quanto apavorada. – Nós conseguimos...

Por baixo do capacete, Amber chorou.



TÓQUIO, JAPÃO

ERA DIFÍCIL IMAGINAR TÓQUIO ILUMINADA APENAS PELO LUAR. Afinal, à noite a cidade se tornava uma ilha de néon.

O lugar para onde seguiam era Shibuya, distrito de Tóquio conhecido por unir jovens, tecnologia e moda, pelo maior cruzamento de ruas do mundo e pelo cenário caótico de pedestres, provocado pelo fechamento simultâneo de oito semáforos. Em meio ao caos, de fato, tudo no lugar beirava o colossal e, independentemente do horário, Shibuya injetava nos transeuntes desejos de consumo. Fosse por meio de telões, projeções, alto-falantes, letreiros iluminados e panfletos, não importava, a todo o momento o lugar vendia alguma coisa, e os rostos das pessoas se iluminavam como se diante de fogos de artifícios. Milhares de prédios dividiam espaço com lojas de eletrônicos, camelôs de lingerie, cafés egípcios, microbares, cabeleireiros estilizados, casas de pachinko e outras casas de jogos, livrarias enormes, casas de chá, karaokês e cinemas. Era um lugar onde se podia encontrar desde churrascaria brasileira, hambúrgueres de camarão e refrigerantes de Sakura em McDonald's a estabelecimentos especializados em mais de duzentos tipos diferentes de preservativos.

Era madrugada, mas Shibuya não dormia. Mesmo após as três da manhã, as ruas ainda estavam cheias, e as calçadas, lotadas de jovens conversando ao som de músicas mixadas por DJs em cabines de vidro suspensas. Naquela região não havia calmaria, e uma portaria vazia indicava a entrada para ambientes onde as coisas estavam fervendo ainda mais.

Escortados por doze membros da Yakuza, Daniel e Romain seguiram para o metrô local, passando pela entrada mais famosa onde se localizava a estátua do cachorro Hachiko. Os seguranças uniformizados do metrô não apenas pareceram se dar conta da chegada do grupo, como liberaram o caminho da maneira mais rápida possível.

A estação tinha quilômetros de galerias subterrâneas, e a equipe de limpeza tinha visto a aberração escondida em uma dessas galerias. O último trem da estação de Shibuya havia saído a uma da manhã. O próximo partiria às cinco.

Restava algo em torno de uma hora e meia para resolver o problema antes que o cenário se tornasse um caos.

– Sabe o que é mais louco nessa cidade? – comentou Romain. – Se essa aberração sair pela rua, vão achar que é um *cosplay* bem feito e ainda vão pedir para tirar foto com o cara!

Eles desceram para os trilhos que conectavam Shibuya a Daikanyama.

– Grande ajuda dos informantes ninjas – zombou Romain. – Vai ser impossível achar esse cara por aqui.

– Talvez sim, talvez não – disse Daniel.

Ele acessou o sistema do bracelete e começou a teclar coisas em seu mundo invisível aos outros. Girou de um lado a outro, observando os arredores como se fosse um androide. Caminhou, se abaixou, voltou, caminhou novamente. Tudo vigiado por Romain e pelos homens armados e cheios de tatuagens.

– Você está fazendo aquela coisa, não está? – perguntou Romain.

– Estou – admitiu Daniel. – No nível máximo.

– Isso quer dizer o quê? Infravermelho?

– Também. Somado a um rastreador de feromônio, detector de sinais e câmeras de segurança hackeadas e reproduzidas na sua tela de celular.

– Ah, você é irritante – resmungou Romain. – Eu nem sabia que essa porcaria conseguia fazer isso.

– Eu descobri há pouco tempo também – admitiu Daniel.

Caminharam por um dos túneis iluminados por luzes brancas, com paredes de concreto e pequenas pedras entre os trilhos. Era claustrofóbico passar pelas partes estreitas, principalmente com o efeito de profundidade causado pela extensão dos corredores. A não ser quando alguma máquina de serviços de limpeza ou manutenção era acionada, o lugar era silencioso e eles rapidamente perderam a noção do tempo. Na visão otimizada a que apenas Daniel tinha acesso, ele reconheceu os rastros da criatura deixados pelo caminho. Pele descascada, secreções, sangue. A trilha seguia pelo traçado dos túneis, mas algumas vezes subia em diagonal pelas paredes.

– Há quanto tempo você não vestia a bioarmadura? – perguntou Daniel de maneira espontânea, sem desviar o olhar do túnel. – Digo antes da gente se reencontrar...

– Como tinha lhe dito, eu só vestia para me curar dos ferimentos das cenas – admitiu Romain. – E a primeira vez foi para ver *se* funcionava. De resto, isso só me trazia lembranças que eu queria esquecer.

– Ei, admita! As memórias dos nossos apuros não foram assim tão ruins.

– Elas são ruins até hoje, Daniel! Como essa daqui pelo visto também vai ser.

Daniel se abaixou e apanhou do chão uma espécie de crosta do tamanho de um punho. Era escurecida, cheirava mal e, em vez de lisa, possuía camadas feito um tronco de árvore.

– Isso é queratina – afirmou. – Acredita?

– Como a de unhas? – perguntou Romain, assustado.

– Sim, mas olhe como é dura – disse Daniel, empurrando com o dedo, tentando entortá-la. – Há outras pelo caminho. Se ele for capaz de recompor camadas rígidas como essa, na prática deve funcionar como uma armadura orgânica.

– Só boas notícias.

– Essa não é a única notícia preocupante...

- Você tem algo pior?
 - A trilha dele acaba aqui.
 - Então ele desapareceu em pleno túnel?
 - Ou ele está exatamente aqui.
- Foi quando o primeiro Yakuza morreu.



A CRIATURA SURTIU DO CHÃO. Oculto em uma brecha lateral por onde passavam cabos de energia, ele saltou como uma fera saindo da jaula. Em um movimento brusco, agarrou duas cabeças e bateu uma na outra, produzindo o som estalado de crânio se quebrando. Dos dez homens que sobraram na escolta, quatro sacaram as armas e começaram a atirar.

Os outros seis entraram em pânico.

Assustar homens como aqueles não era uma tarefa fácil, mas a mera aparência do homem-inseto bastava. A movimentação da aberração era suave, mas furiosa. Ele saltava de um lado para o outro com facilidade, e seu corpo escamado parecia flutuar. Projeções de queratina em formato de agulhas nos punhos perfuraram olhos e gargantas, derrubando ao chão mafiosos desfigurados e desesperados, que tentavam estancar o próprio sangue. Tiros pipocavam de dentro do túnel, ricocheteando e acertando o homem-inseto como socos, mas sem perfurá-lo. Ele quicou pelas paredes, arremessou alguns corpos para cima e afundou outros nos trilhos.

Ao fundo, Daniel e Romain se afastavam.

– Você tem algum plano de ataque? – perguntou Romain.

Daniel olhou para ele e bateu no bracelete de cristal.

No instante seguinte, a armadura de metal-vivo com runas em sangue de dragão azul se espalhava e já envolvia seu corpo.

– Exibido.

Daniel partiu para cima do humanoide, saltou, agarrando-o ainda no ar, e depois quicou pelos trilhos, amortecendo a queda. As placas em tonalidades que variavam entre o amarelo e o preto, separadas por fissuras, eram de fato bastante parecidas com o exoesqueleto de um inseto. Pelo visor do capacete, Daniel viu a bocarra com mandíbulas alongadas expelir um tipo de secreção. A aberração projetava sua cabeça repleta de reentrâncias para cima e então para baixo, direto no seu visor, tentando quebrá-lo. Um segundo golpe fez as luzes do sistema interno da bioarmadura piscarem. Quando a cabeça da cria demoníaca

se projetou para trás para um terceiro golpe, seu corpo foi arrancado de cima de Daniel bruscamente e arremessado na direção de uma das luminárias da estação, espatifando-a.

Em pé, Romain, vestindo a armadura de runas esverdeadas, olhava para Daniel.

– Levanta que acho que vou precisar de ajuda...

Antes que Daniel pudesse se recuperar, o homem-inseto já corria de volta na direção deles. Os três membros sobreviventes da Goto-gumi dispararam suas armas, mas estavam tão apavorados que, em vez de acertarem a criatura, atingiam as bioarmaduras de metal-vivo. Ignorando-os, a aberração saltou na direção de Romain e, surpreendentemente, como um mestre de lutas marciais, armou uma voadora. O golpe acertou de maneira brutal o peito metalizado e projetou Romain contra uma parede, destruindo uma caixa de força e acertando uma quina que dividia o acesso para um segundo trilho. Ao ver o amigo desaparecer sob o impacto, Daniel materializou uma espada *katana* e atacou uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes. Utilizando a proteção orgânica da crosta fissurada dos antebraços, o monstro se defendeu todas as vezes, danificando a lâmina. Pedacos de queratina se partiram sob os golpes sequenciais do dragão azul. Então, Daniel desferiu um golpe de cima para baixo. O homem-inseto cruzou os antebraços, interceptando a lâmina e, em seguida, num movimento circular, girou os braços, arrancando a *katana* das mãos do metalizado azul.

Assustado, ele não teve tempo de se defender, quando o humanoide o agarrou, saltou e bateu seu corpo contra a parede. Daniel caiu de joelhos um tanto zozzo e foi agarrado pelo capacete por mãos asquerosas. Em seguida, sua cabeça foi empurrada no solo uma, duas, três, quatro vezes. Dentro do capacete, Daniel tinha a sensação de estar no meio de uma tempestade de trovões.

Um pedaço de concreto voou na direção do homem-inseto, que largou Daniel para se defender do ataque de Romain. Ainda tonto e com o estômago embrulhado, o metalizado azul agarrou o corpo deformado, girou e o arremessou na direção de Romain. O francês correu para o inimigo, lembrando um jogador de futebol americano. O impacto fez a aberração girar rapidamente, antes de se estatelar de cara nos trilhos. Enquanto o homem-inseto permanecia caído, Romain começou a chutá-lo, mas as proteções orgânicas eram tão sólidas quanto uma parede.

Os poucos mafiosos que sobraram já haviam corrido para longe, levando consigo histórias daquele combate.

Mais afastado, Daniel desmaterializou o capacete e vomitou sangue.

– O que é essa coisa...? – balbuciou, com as mãos trêmulas.

Romain continuava chutando o homem-inseto, quando sua perna foi agarrada, e o inimigo se levantou, agarrando e girando o corpo do metalizado verde. O

golpe seguinte jogou o corpo de Romain contra uma área de fios de alta tensão. O metal-vivo absorveu o máximo possível do dano, mas ainda assim a eletricidade atravessou a bioarmadura, causando uma parada cardíaca.

Daniel, ainda sem o capacete, parou de vomitar e viu o homem-inseto avançar em sua direção para matá-lo.

Romain jazia inerte entre os trilhos de metal.



KIGALI, RUANDA

ELAS AGUARDAVAM NO CHÃO.

Amber e Ashanti estavam sentadas na Antessala, encostadas na parede, vestindo as armaduras de metal-vivo, mas sem os capacetes. Duas mulheres de personalidades e vidas inteiramente distintas à espera de um mesmo milagre.

– Ele não vai voltar, não é? – perguntou Amber, após um longo silêncio.

– Ele *tem* que voltar.

– Preocupada com o namorado?

– Mesmo que fosse o caso, não seria muito diferente de você.

Amber olhou para ela de canto de olho, como fazia para demonstrar irritação.

– Sabe de uma coisa que eu nunca entendi? Quando foi que aconteceu *isso* com você?

– Do que diabos você está falando?

– Dessa sua obsessão – explicou Amber. – Eu conheço você pouco, na verdade acho que não conheço nada além do que vi no campo de batalha, mas, pelo pouco que eu sei, ainda assim é difícil entender, porque *isso* não combina com você.

– O que seria o pouco que você sabe sobre mim? – perguntou Ashanti, tentando não soar agressiva.

– Sei que você nasceu em meio aos conflitos daqui e que passou por situações traumatizantes. Nada até aí que não aconteça frequentemente com pessoas com a nossa sorte...

– Você não pode nos colocar como um 'nós' quando fala de sofrimento.

– E agora sou eu que pergunto: que diabos você quer dizer com isso?

– Você nasceu europeia, loira e de olhos claros, em um mundo de europeus brancos colonizadores, onde africanos serviram como mercadoria de escravidão, e este continente, como fonte de recursos a serem arrancados até que não fosse possível qualquer autonomia. Um mundo onde é ensinado que seu padrão de beleza é absoluto e nossa cultura é vendida como selvagem e exótica, uma maneira branda de dizer 'inferior'. Um mundo que nos ensina a odiar nossa cor e a esconder nossos deuses. Então não, não nos coloque em condições de igualdade quando falar sobre 'destino', porque nós duas estamos longe de podermos dividir a *mesma* sorte.

Ashanti se calou e Amber absorveu aquilo durante uns minutos sem responder. As duas permaneceram por um tempo olhando para o vazio, até que a irlandesa voltou a olhar para Ashanti.

– Não sei dizer se a sua intenção era me insultar ou desabafar.

– Eu também não.

Elas dividiram um sorriso debochado.

– E você se engana quando fala do meu padrão de beleza – comentou Amber.
– Eu sempre tive um perfil mais próximo do masculino. Gostava de vencer os homens no território deles. Eu tenho um corpo de lutadora. Meus ombros são mais largos, meus braços são mais fortes e meu rosto é mais alongado que o da maioria das garotas de Dublin.

– Agora sou eu que vou pedir que não me insulte, irlandesa. Se eu colocar você de vestido e maquiagem para andar do meu lado, nenhum soldado prestará atenção nas minhas ordens.

– É curioso ouvir isso de você – admitiu Amber. – Na minha época de garçõete, se eu colocasse você nessas mesmas condições em um pub irlandês, também teria dificuldades de fazer os clientes se concentrarem nos pedidos.

Dessa vez elas compartilharam um sorriso curto e sem deboche, dividindo uma cumplicidade que nunca haviam sentido antes.

– Você quer saber sobre Mihos, não é? – perguntou Ashanti. – Quer entender de onde veio o sentimento.

– Não quero julgar você, eu queria apenas entender realmente – confessou Amber. – Você é uma mulher forte, líder, dona do próprio nariz. É estranho te ver se apaixonar tão rápido por um estrangeiro, como nos contos lendários...

– Sou fruto de um estupro – disse a ruandesa. – Minha mãe me odiava, eu odiava meu pai, meu povo está dividido em dois grupos que se odeiam. Crescer afogada em um mar de ira como esse molda nossa forma de ver a vida. Acredito que você possa me entender, não por experiência, mas pelo sentimento. Olho nos seus olhos e vejo que nós duas dividimos isso. Sexo para mim sempre foi uma coisa difícil. A figura masculina nunca teve sentido de romance, mas de opressão. Não me lembro de já ter me sentido verdadeiramente atraída por nenhum homem na minha vida, e acho que isso talvez seja natural, quando você cresce como uma lembrança viva de uma violência sexual coletiva. Então eu passava meu tempo em constante preparação, com estudo, aprendendo, treinando, absorvendo. Assim como você, eu queria ser melhor do que eles em todas as áreas que eu pudesse. E quer saber? Eu consegui. Eu me tornei mais culta e mais forte do que os homens que me cercavam. E a figura deles para mim se tornou indigna de admiração.

Amber concordou com a cabeça, compreendendo o cenário, estimulando-a a continuar.

– Então tudo aquilo acontece conosco. Sabe o que eu achei quando acordei naquele lugar? Achei que tinha morrido, e a sensação foi boa. Achei que Taremu era o Céu. Um local de treinamento, aprimoramento, meditação. Era como uma bonança após uma vida de sofrimentos. Acabei virando uma criança naquele lugar. Ainda assim, eu queria ser melhor do que os homens daquele templo. E comecei a estudar o idioma, a cultura, a filosofia e as artes marciais. Como

resultado, mais uma vez eu estava me tornando melhor do que todos eles.

– Então você conheceu Mihos...

– Isso é louco, não é? – admitiu Ashanti. – De repente, um dia, entra no salão o forasteiro que eles tratavam como lenda. E nele eu vi alguém que exibia algo na figura masculina que eu não conhecia até então. Ele trazia uma espécie de pureza. E era curioso tanto quanto inteligente. Ele me ensinava tanto quanto queria aprender comigo. Você compreende isso? Era a primeira vez que um homem me complementava... Foi a primeira vez que eu não senti vontade de ser melhor do que um cara, mas de ser melhor junto dele. E o *jeito* como ele me olhava. Algum homem já olhou pra você dessa forma? Que só no olhar você sabe o quanto ele te admira? Eu nem sabia que isso existia! Sabe, ele não me via como a lembrança viva de uma maldição. Ele me via como uma bênção enviada para a vida dele.

Ashanti parou de falar, analisando o que havia confessado. Era a primeira vez que confessava aquilo a alguém.

– Exatamente como também o vejo até hoje – finalizou.

Amber percebeu igualmente que aquela era a primeira vez que as duas não haviam trocado farpas, discutido nem chegado às vias de fato. Pelo contrário, aquele momento era o mais próximo de uma amizade que já haviam experimentado.

– Desculpe... – disse Amber. – Eu devo isso a você, desculpe.

– Por me considerar uma louca obsessiva egoísta?

– Por termos feito você voltar – explicou. – Por não termos entendido. Por termos sido loucos, obsessivos e egoístas.

Ashanti não escondeu a surpresa. Aquela era um golpe que ultrapassava armaduras.

– Você tem de parar com isso, assim como nós temos de parar com essa coisa de *momento entre amigos* – reclamou Ashanti, suspirando. – Eu não quero gostar de você.

As duas trocaram um sorriso largo.

Também pela primeira vez.



TÓQUIO, JAPÃO

ROMAIN RENASCEU GRITANDO.

O coração havia parado e, em sua última tentativa de sobrevivência, o simbiote ordenou uma liberação agressiva de adrenalina pelo organismo, que atuou sobre os receptores alfa-adrenérgicos de seus vasos sanguíneos. Isso provocou a elevação da pressão arterial, estimulando o retorno dos batimentos cardíacos. Ele se sentia moído, mas seus sentidos continuavam em alerta. Na estação do metrô onde se encontrava, podia ver os corpos dos mafiosos japoneses, porém, nenhum sinal de Daniel nem do Vespa Mandarin. Contudo, podia captar outros sinais. De um lado, Romain escutava o barulho distante de tiros, gritos e golpes de um combate de grandes proporções. Do outro, o som de uma movimentação mecânica muito mais preocupante para ele naquele momento.

Era o som do trem em movimento.

Vindo em sua direção.

Havia dois conjuntos de trilhos, duas pistas, mas, para azar de Romain, a composição se aproximava justamente pelo trilho em que ele se encontrava. As luzes foram preenchendo o túnel, cegando-o momentaneamente. Em uma reação instintiva, Romain se levantou, sentindo uma agulhada nos músculos, e saltou para o lado, na direção do outro conjunto de trilhos. O trem o acertou na altura dos tornozelos, fazendo o corpo dele girar no ar. Com isso, o capacete acabou se chocando contra o veículo e seu corpo girou novamente, até que por fim ele se espatifou no chão. Cadáveres de alguns membros da Yakuza também foram arremessados ou esmagados no processo, enquanto o trem seguia destino.

Imobilizado pelas dores intensas, Romain cogitou desistir. Os ossos da perna pareciam ter virado pó, os músculos só faltavam soltar rangidos. Nem mesmo precisava se ver para saber a quantidade de hematomas espalhados pelo corpo. Entre resmungos, Romain rolou até a parede, apoiou-se e tentou se levantar. Tombou diversas vezes, e novamente pensou em desistir. Só que então se lembrou da filha, e da mãe de sua filha. E refletiu sobre o mundo que deixaria para elas se ele se entregasse. Se desistisse naquele momento, não estaria condenando apenas a si.

– Daniel... – sussurrou, odiando tudo aquilo. – Droga.

Ergueu-se quase em câmera lenta. Trincou os dentes a cada movimento, mas, ainda assim, foi mancando na direção da saída do túnel.

– Nós voltamos para morrer... – disse antes de apagar.



O DIA AMANHECEU NA TERRA do sol vermelho. No bairro de Shibuya, legiões de japoneses e turistas começavam a caminhada em direção ao metrô local. Comerciantes arrumavam suas lojas, desvirando cadeiras, lavando vidraças e limpando fachadas. Camelôs remontavam barracas e iniciavam as vendas. Lanchonetes e cafeterias serviam o café da manhã. Docerias e *izakayas* já aqueciam suas cozinhas. Um vendedor de crepes em uma van itinerante servia a um grupo de estudantes que havia madrugado. Executivos adentravam táxis de cor turquesa, e o formigueiro humano começava a tomar forma em um dia comum da rotina urbana.

Só que Shibuya era conhecido como o local em Tóquio onde *tudo* acontecia e a atmosfera era de pura tensão.

Algumas pessoas aguardavam na entrada da estação do metrô, onde policiais haviam isolado a área e proibido seu acesso. As notícias correram depressa pelo meio digital, o que aumentou ainda mais o pânico da população. Havia um motivo para aquele temor. Em 1995, Tóquio se transformou para sempre depois que membros do grupo religioso Aum Shinrikyo, o “Verdade Suprema”, atacaram diversas estações do metrô com gás sarin. Transparente e inodoro, o veneno gasoso se propagou pelos vagões, provocando a intoxicação de mais de seis mil pessoas.

Por conta de todo o rebuliço, equipes de reportagens já haviam se instalado na área. A agitação piorou quando, de um veículo de operações especiais, saltaram homens encapuzados, portando armas automáticas. E então de dentro do metrô veio o som de tiros. Na superfície, pessoas se agacharam por reflexo ou se esconderam atrás de monumentos e fachadas de lojas. Policiais tentaram orientar os transeuntes por meio de megafones, e conforme a operação avançava, mais o caldeirão se aquecia.

De repente, o som do combate de dentro da estação ficou ainda mais intenso: tiros, pancadas e destruição. Na rua, o agito, os gritos e a tensão aumentaram. Os olhares de todos estavam concentrados na entrada da estação, até que houve um estrondo num painel acima e, com ele, a destruição do muro e da placa que identificava a *Shibuya Station*. Um objeto grande e metalizado irrompeu do muro e derrubou destroços em cima dos policiais. As pessoas começaram a gritar e a apontar quando dois outdoors presos ao painel também tombaram, um deles soterrando um policial mais velho que usava o megafone.

O objeto, ou o que quer que tenha sido, voou com tanta violência que foi parar

no meio da rua, quebrando um semáforo e destruindo a parte da frente de um ônibus. O som do metal se afundando se sobrepôs ao grito do motorista, que teve as pernas esmagadas. A maioria das pessoas correu, gritando, e as que ficaram, sem saber exatamente como reagir, puxaram seus telefones, mais para registrar o acontecimento do que para chamar qualquer reforço médico ou policial. O objeto metalizado se movimentou, e só então as pessoas entenderam que aquilo estava vivo.

Juntando uma força que não sabia de onde tirava, o homem de armadura negra com runas azuladas se levantou. As pessoas gritaram. Havia ranhuras espalhadas pelo metal-vivo, e uma parte do visor estava quebrada. Daniel estava tão esgotado, que mesmo o brilho das runas não tinha a mesma intensidade.

Policiais correram em meio aos transeuntes, gritando ordens e apontando armas. Daniel parecia alheio a qualquer comando, caminhando trêmulo, buscando recuperação. Já não tinha mais noção de quanto tempo havia passado em batalha. Da última vez que vira Romain, o amigo estava caído e imóvel entre os trilhos da estação.

– Nós vamos morrer... nós voltamos para morrer... – sussurrou, repetindo sem saber as palavras de Romain.

Policiais ainda bradavam ordens de comando, rodeados por uma multidão cada vez maior de testemunhas divididas entre o medo e a excitação.

Outro alvoroço começou na entrada da estação.

Gritos voltaram a ecoar quando corpos de policiais de operações especiais foram jogados longe feito bonecos, e o mundo presenciou mais uma vez a aberração apelidada de Vespa Mandarina. Ignorando as pessoas em seu caminho, a criatura partiu na direção do homem de armadura.

Daniel perdera por completo o controle da situação. Até aquele confronto, mesmo diante de dracônicos e seres abissais, a tecnologia desenvolvida com sangue de dragão o colocava, e aos demais sobreviventes, em uma posição de superioridade em poder de fogo, proteção e estratégia. Junto dos outros, já havia dizimado exércitos, matado dragões zumbificados e sobrevivido ao encontro com um demônio-bruxa. Só que agora o cenário era outro. Provavelmente, se pudesse se unir aos outros cinco naquele embate, o resultado seria diferente. No entanto, ali havia apenas dois deles – um já caído. Restava apenas a lição de que, para o que estavam enfrentando, dois não eram suficientes.

Dedos e câmeras digitais e câmeras de reportagem foram apontados para o mesmo lugar, quando, no meio do cruzamento de Shibuya, o invasor de aparência monstruosa saltou e acertou Daniel com um dos joelhos. O golpe funcionou como uma martelada, pregando a armadura no chão. Aos berros, milhares de pessoas correram para longe. Policiais, que antes apontavam as armas para Daniel, começaram a atirar na aberração.

Ignorando-os, o Vespa continuou batendo no metalizado azul. Novamente o

capacete foi jogado para um lado e para o outro em meio às pancadas dos punhos reforçados pela proteção orgânica. Surrado e ouvindo o som de explosões dentro da cabeça, Daniel enxergava na figura montada sobre ele apenas um borrão com uma cavidade bucal em forma de foice. O visor já apresentava buracos, de onde se podiam enxergar seus olhos, e o simbiote não possuía mais recursos para mantê-lo consciente. Quando a situação parecia ter alcançado o ápice, o Vespa Mandarina conseguiu furar um pedaço do capacete de metal-vivo. Os tiros continuaram. A dor da pressão que o Vespa fazia contra a bioarmadura era intensa, e Daniel sentiu seu sistema nervoso definhar. Ele agarrou os antebraços da aberração, mas não tinha forças para puxá-los. Ainda assim, rangeu os dentes, apertou os olhos e *forçou*. Em resposta, o Vespa Mandarina mordeu um dos seus antebraços, e a dor teve a intensidade de uma fratura. Enquanto lágrimas escorriam pelo rosto de Daniel, o Vespa emitiu um som de fúria e se agitou, tremendo rápido como o bater de asas de um inseto. As pancadas que se seguiram não chegaram a ferir a cabeça de Daniel, mas o furo no visor permitiu que o oponente encaixasse os dedos. Daniel começou a gritar de dor quando sentiu o capacete *descolar* do restante da armadura, uma dor equivalente à de ter as unhas arrancadas. Quando a sanidade estava prestes a dar lugar à loucura, Daniel ouviu o brado de vitória do inimigo e sentiu o sol bater sobre sua face. O capacete metálico foi arremessado ao chão. As runas azuladas da armadura se apagaram.

E o mundo inteiro viu o rosto de Daniel Nakamura.



OUVIU-SE O SOM DOS PNEUS brecando sobre o asfalto. O pandemônio que havia tomado o cruzamento de Shibuya se intensificou quando um veículo blindado se aproximou, escoltado por diversas viaturas com sirenes e luzes em ação. Os policiais avançaram diretamente para a multidão, que insistia em testemunhar tudo, tentando isolá-la o máximo possível da área que passaram a considerar um campo de batalha.

Câmeras de reportagem captavam as imagens, e repórteres noticiavam ao vivo a chegada da maior arma japonesa já vista. No carro blindado havia uma identificação em japonês, onde se lia: “Operações de Guerra.” Na imprensa e na internet, muito se havia especulado sobre aquele artifício policial, ainda não utilizado em nenhuma ação oficial. Diziam nos bastidores que aquela era a resposta japonesa direta aos cybersoldados americanos. Entretanto, em vez de

equipar vários deles, os engenheiros haviam se concentrado em armar um único protótipo, capaz de enfrentar ameaças de alto poder de destruição sem o custo da vida de agentes: um androide reforçado com tudo o que a criativa mente oriental poderia projetar – uma máquina militar autônoma denominada como *Tsuyoi*, que remetia a “forte” ou “poderoso” no idioma japonês.

Nos fóruns de internet, *Tsuyoi* rapidamente ganhara o apelido que bem o definia: o *Policia de Metal*.

As portas do veículo foram abertas, e o que saltou lá de dentro já era considerado um símbolo de orgulho japonês. Um engenho metálico de quase três metros de altura caminhou a passos pesados. Seu corpo era revestido por aparatos que iam de geradores de energia a armas de alto poder de fogo. As proteções eram robustas, placas sobre placas em cor escura e acinzentada, feitas à base de cadeias lisas de carbono. Um sistema de inteligência artificial respondia diretamente a um controlador que ficava numa central militar de tecnologia.

O *mecha* funcionava de maneira similar ao avatar de um videogame. Os braços eram cheios de engenhosidades circulares e reforços de titânio, capazes de girar 360 graus. Em um dos braços havia um canhão portátil com duas saídas de tiro. No outro, um bloco metálico, formado por placas quadrangulares unidas em uma espécie de escudo quase do tamanho do androide. As pernas eram tão grossas quanto a largura do tronco, e a base de ambas parecia alternável para se adaptar ao melhor terreno e sistema de locomoção. Nas costas, havia acoplada uma caixa reforçada, uma espécie de mochila de chumbo, de onde se projetava uma arma semiautomática. Não havia cabeça; o mais próximo de um rosto robótico se encontrava na ponta da parte superior, na entrada do que seria um cockpit, por onde os técnicos tinham acesso ao interior do robô autônomo.

– Afaste-se desse homem e fique de joelhos! Sem movimentos bruscos! – ordenou o policial de metal, por meio de um canal de som interno que reproduzia um tom de voz robótico e autoritário.

O Vespa Mandarin se virou para encará-lo. O canhão no braço do agente da lei apontava para ele.

– Não faça movimentos bruscos e afaste-se desse homem – repetiu a voz de comando.

Tudo aconteceu tão rápido, que as testemunhas mal conseguiram acompanhar. Primeiro, o Vespa ameaçou avançar na direção do *mecha*. Antes que a criatura pudesse executar qualquer ataque, o canhão disparou, e o corpo do homem-inseto foi projetado para trás, destruindo a parede do *dojo* da Academia de Ninjutsu Manabu.

Tsuyoi caminhou até Daniel, ainda no chão. Quando o dragão azul tentou se levantar, sentiu a armadura pesar. O *mecha* parou a alguns metros dele e ordenou:

– Não faça movimentos bruscos, entregue-se sem resistência e será encaminhado pelas forças policiais a um centro médico, antes do interrogatório.

O *mecha* aguardou pela reação de Daniel, que estava esgotado, como se imobilizado no chão pelo peso do metal-vivo.

A alguns metros dali, policiais entraram no *dojo* destruído, armas em punho, em busca da ameaça abatida. Gritaram comandos. Procuraram o alvo. E foram lançados de volta pela vidraça. O Vespa Mandarina retornou com ira, provocando gritos das testemunhas isoladas pelo cordão policial. Com o peito fumegando, o homem-inseto correu em ziguezague, evitando a nova mira do canhão do agente policial. Com uma agilidade sobrenatural, o Vespa se aproximou do *mecha* e saltou pela lateral, caindo por cima do braço com o canhão. A aberração agarrou a arma semiautomática que se projetava por cima do ombro do robô, impedindo que ela fosse mirada em sua direção, e começou a puxar para arrancá-la da base. O metal rangeu, em resposta à resistência, mas a força do homem-inseto era maior. Quando ele estava prestes a arrancar a arma, uma descarga elétrica o jogou para trás, provocando espasmos assustadores.

Sem que o *mecha* precisasse se virar, seu braço girou para trás e o canhão foi apontado para o inimigo caído. Um tiro de plasma foi disparado, mas acertou o solo, quando o Vespa Mandarina saltou para longe.

Com o equilíbrio abalado, a aberração foi em direção a um carro, que tinha sido abandonado pelo motorista, e arrancou uma das portas. Girando o corpo como um lançador olímpico, o humanoide arremessou a porta no robô, com potência suficiente para arrancar a cabeça de uma pessoa.

O *mecha* ergueu a placa que servia como escudo, absorvendo o golpe com um estrondo. Quando voltou a fitar o inimigo, percebeu que o Vespa havia saltado para cima dele com as projeções pontudas do punho à mostra. O escudo foi utilizado como arma, rebatendo o inimigo novamente para longe. Dessa vez, o homem-inseto foi jogado para cima com tanta potência, que o corpo atravessou um painel holográfico, onde mostrava um grupo de J-pop dançando coreografias para promover seu show. O som de destruição novamente assustou a multidão, e destroços da vidraça e do metal caíram do alto, destruindo parte da rua.

Ali perto, policiais tomaram coragem para se aproximar de Daniel e tentar levantá-lo. Alguns oficiais gritavam comandos de rendição, enquanto outros apontavam armas. Daniel tomou consciência do que, de fato, estava acontecendo: diante do mundo inteiro, ele não estava recebendo ajuda.

Ele estava sendo preso.

– Eu não posso... – tentou dizer em japonês.

O tom de voz dos oficiais se tornou mais agressivo.

– Eu sou o mais próximo do que vocês chamariam de aliado, seus estúpidos – resmungou Daniel, ao se levantar, enfim, de maneira lenta e erguendo os braços na altura do peito.

Equipes de operações especiais entraram no perímetro, apontaram rifles de assalto e se aproximaram em formação militar. Ainda de armadura, Daniel percebeu que não tinha mais energia para combater, restava apenas um resquício do sistema que ele aprendeu a potencializar. Foi assim que seus dedos novamente começaram a digitar em um teclado que apenas ele enxergava, alcançando um ambiente virtual que nem os maiores hackers do mundo conseguiriam acessar.

Os policiais mantiveram as armas apontadas para o homem de armadura, mas se afastaram a fim de abrir terreno para a equipe de operações especiais que se aproximava. Apresentadores de telejornais voltaram a narrar ao vivo o que *achavam* que estava acontecendo naquelas imagens.

E então as pessoas começaram a olhar e apontar na direção dos telões da rua. Policiais perderam o foco e ficaram paralisados diante do que viram. Âncoras de televisão gaguejaram ao vivo. Crianças arregalaram os olhos, fascinadas, achando que aquilo fazia parte de um show.

O momento em que o rosto de Daniel Nakamura apareceu em *todos* os telões do cruzamento da Shibuya.

– Cidadãos e forças policiais de Tóquio – disse o dragão azul, sua voz potencializada pelo sistema de som de alto-falante da bioarmadura. O enquadramento de seu rosto vinha de uma das câmeras hackeadas de um semáforo próximo. – Meu nome é Daniel Nakamura e eu não sou seu inimigo. Essa coisa que estamos enfrentando vai ser responsável por um grande ataque e precisa ser eliminada *agora*, antes que Tóquio vire cinzas.

Assim como a voz de Daniel, os gritos de ameaça dos soldados de operações especiais se intensificavam por outro tipo de alto-falante.

– Em vez de se isolarem, é preciso que as forças militares mundiais se unam no que virá a...

Nesse momento o comandante do grupo especial atirou no joelho de Daniel. O tiro ricocheteou no metal-vivo, mas a dor foi a mesma de um chute violento. Ele tombou, e seu grito foi ouvido por todos, gerando murmúrios da multidão.

– Eu não sou o terrorista aqui! – gritou. – Eu sou o que combate o terror...

O comandante colocou a arma na testa de Daniel. Um agente se aproximou carregando algemas grossas com correntes da largura de um antebraço. Dois outros puxaram os braços de Daniel para trás e fecharam as algemas em seguida. Quando o bracelete de cristal foi sobreposto, as imagens nos painéis hackeados da rua sumiram. Do buraco onde antes se via a imagem holográfica de Daniel, o Vespa Mandarinina saltou. Policiais gritaram novos comandos raivosos, e a multidão ao redor voltou a gritar e correr.

A aberração vinha em queda livre, e o impacto era iminente, *mas*, no último segundo, ela abriu as asas e voou na direção da máquina de guerra japonesa.

O canhão disparou algumas vezes, mas o Vespa era mais rápido. Os tiros

atingiram vidros de prédios e painéis de néon, além da cobertura de uma cafeteria americana, destruindo a sacada e acertando um casal de turistas que filmava o ataque dali. O Vespa continuou a avançar, enquanto a arma semiautomática projetada do ombro de Tsuyoi tentava mirar a criatura sem sucesso. O homem-inseto deu um rasante e pousou no braço do *mecha*, agarrou a arma com as mãos, firmou os pés sobre a armadura de metal e, antes que a voltagem elétrica fosse acionada novamente, alçou voo, destruindo no processo o mecanismo que conectava o rifle ao robô.

O tiro de um dos agentes das forças especiais atingiu a proteção de queratina do humanoide, desequilibrando-o. O Vespa Mandarin virou, apontou o rifle semiautomático para o agente responsável pelo tiro e cravou uma bala entre seus olhos. Depois, subiu ainda mais e esperou. Com a queda do soldado, espalhou-se uma nova onda de pânico. Assustadas com os tiros e com o voo da aberração, as pessoas correram pelo cruzamento da Shibuya, dispersando qualquer esperança de ordem.

Para completar o caos, o som da vibração de asas invadiu as ruas, quando milhares de vespas surgiram e avançaram na população, atraídas por causa do feromônio liberado pelo homem-inseto no início do combate. Viajando a 95 km/h, as vespas mandarinas eram insetos caçadores temidos em toda Ásia, tinham o tamanho do polegar de um adulto, cinco olhos e ainda produziam uma toxina capaz de matar vítimas por insuficiência renal com apenas uma picada.

Era impossível manter um cerco e a autoridade. Não havia mais perímetro de isolamento.

O cruzamento da Shibuya se tornou simplesmente o inferno.

Gritos, gritos e mais gritos. Centenas de pessoas imediatamente foram alvo de ferroadas incessantes, cada uma equivalente a ter um metal em brasa perfurando a carne. Homens e mulheres corriam, pisoteando e trombandos uns nos outros, caindo, derrubando mercadorias, quebrando a entrada de lojas, entalando-se em escadarias. Taxistas tentaram fugir, acertando os pedestres e outros carros. Ônibus fecharam as portas, enquanto transeuntes balançavam os veículos, tentando invadir e implorando para entrar. Alguns se jogaram embaixo dos automóveis acidentados, cortando-se com vidro partido. Casacos e sobretudo foram erguidos para proteger cabeças como capuzes improvisados. Um caminhoneiro perdeu o controle ao ser picado e atravessou a vidraça de uma loja. E tudo era grito, sangue, metal e vidro.

Aproveitando um momento de distração do Vespa Mandarin, a máquina de guerra correu, pisou em dois carros abandonados, esmagando-os sob seu peso, e saltou, utilizando o escudo mais uma vez como bastão para arremessar o homem-inseto longe. A aberração se chocou contra as luzes de um semáforo e aterrissou nas barracas de um estabelecimento de frutas de uma rua paralela. Tsuyoi correu até lá, acertando transeuntes que se colocavam em seu caminho.

O canhão mais uma vez foi armado, e uma munição explosiva, disparada. O Vespa Mandarinina se desviou, mas a pressão e os fragmentos da explosão o alcançaram, derrubando-o em cima da banca de um camelô, espalhando diversos modelos de óculos escuros pelo chão.

O *mecha* parou, com uma das mãos esticada à frente e a outra aberta paralela ao chão. Mecanismos foram acionados, placas se separaram, substituindo a anatomia mecânica por outra, e a base da estrutura robótica de repente ganhou rodas. Um motor localizado dentro da mochila de chumbo foi acionado, e o corpo pesado de Tsuyoi disparou para frente em velocidade crescente. Pessoas que estavam em seu caminho começaram a empurrar umas as outras e saltaram para o lado quando a máquina avançou veloz até o inimigo. Ao se aproximar do corpo ainda trôpego do Vespa Mandarinina, Tsuyoi abriu a mão, agarrou a cabeça dele, girando de maneira impetuosa, e o arremessou na parede de um edifício.

A colisão foi tão violenta, que as paredes ruíram, e a aberração invadiu uma loja de roupas.

Funcionários correram, derrubando manequins, casacos e sobretudos. Do meio de uma pilha de camisetas, o Vespa se levantou. Após horas de combate, que se iniciara de madrugada, ele estava cansado, machucado e sangrando. Em uma posição curvada, animalésca, invocou as últimas energias que tinha e se concentrou em *mover* suas placas de queratina. Elas começaram a se *expandir*. Blocos se formaram nos antebraços como escudos orgânicos. O Vespa Mandarinina subiu agitando as asas e avançou no robô. Tsuyoi armou o canhão e disparou. A aberração desviou como o pôde, absorvendo dois tiros que explodiram nas proteções recém-criadas. Por fim, desceu com os dois pés no que parecia o rosto robótico. O golpe mal danificou a lataria, mas uma onda de vibração se espalhou pelo *mecha*, jogando-o para trás. O Vespa se preparou para bater mais. Do tórax de Tsuyoi, porém, dois outros canos de metralhadora surgiram e dispararam sem parar, atingindo e danificando mais uma vez as proteções da armadura orgânica. Em um último movimento, Tsuyoi esticou um dos braços e fechou o punho. O motor nas costas foi acionado de novo. Atropelando cabides, cadeiras, manequins, vestimentas e tudo o mais que estivesse em seu caminho, o *mecha* avançou, estalando um golpe violento contra o rosto do Vespa Mandarinina, arremessando-o em linha reta, como um ariete.

Quando a equipe de operações especiais conseguiu entrar na loja, a aberração já parecia ter sido aniquilada, e a ameaça, detida.

Do lado de fora, no entanto, a situação era outra. Havia sombras, urros e fogo. E então os policiais de Tóquio souberam que não havia mais nada que pudessem fazer.

E que até mesmo o inferno podia ficar pior.

Afinal, além das vespas, o feromônio havia atraído os dragões.



DANIEL FOI PRESO. O TUMULTO gerado pela destruição agora se potencializara com a chegada das duas bestas enormes de escamas matizadas em ouro e esmeralda. Os dragões tacaram fogo no que restava do distrito japonês. Vídeos desse acontecimento já rodavam o mundo, assim como as imagens de Daniel projetadas nos telões do cruzamento de Shibuya. Em quase todos os idiomas, seu breve discurso tinha sido traduzido, e sua última frase, destacada.

Eu não sou o terrorista aqui.

Eu sou o que combate o terror.

Não daquela vez.

Copyright © 2015 by Raphael Draccon

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br



Gerente editorial
ANA MARTINS BERGIN

Equipe editorial
ELISA MENEZES
LARISSA HELENA
MANON BOURGEADE (ARTE)
MILENA VARGAS
VIVIANE MAUREY

Assistentes
GILVAN BRITO
SILVÂNIA RANGEL (PRODUÇÃO GRÁFICA)

Revisão
MONIQUE D'ORAZIO
SOPHIA LANG
WENDELL SETUBAL
JOANA DE CONTI

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E MIOLO
Ramon Saroldi

DESIGNER DE CAPA
Guilherme Rodrigues

ROCCO HIAI

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
LORENA PIÑEIRO

Edição Digital: setembro, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D791c

Draccon, Raphael

Cidades de dragões [recurso eletrônico] / Raphael Draccon. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Fantástica Rocco, 2015.

recurso digital (Legado Ranger ; 2)

ISBN 978-85-68263--27-3 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Ficção. 2. Ficção brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

15-25345 CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

Raphael Dracon viaja desde garoto entre várias dimensões com a ajuda de livros, videogames e televisão. Romancista e roteirista premiado pela American Screenwriters Association, Raphael é um dos escritores mais influentes do mercado literário brasileiro e já conquistou uma verdadeira legião de leitores dentro e fora do país. Sua obra já foi publicada em Portugal e no México, onde entrou para a lista de mais vendidos.

Conheça mais sobre o autor: www.raphaeldraccon.com | [@raphaeldraccon](https://www.instagram.com/raphaeldraccon).

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[1 - Virgínia, EUA](#)

[2 - Kigali, Ruanda](#)

[3 - Virgínia, EUA](#)

[4 - Kigali, Ruanda](#)

[5 - Virgínia, EUA](#)

[6 - Cabul, Afeganistão](#)

[7 - Virgínia, EUA](#)

[8 - Kigali, Ruanda](#)

[9 - São Paulo, Brasil](#)

[10 - Virgínia, EUA](#)

[11 - Kigali, Ruanda](#)

[12 - Paris, França](#)

[13 - Virgínia, EUA](#)

[14 - Kigali, Ruanda](#)

[15 - Virgínia, EUA](#)

[16 - Meio do nada, Irlanda](#)

[17 - Kigali, Ruanda](#)

[18 - Oceano Pacífico](#)

[19 - Paris, França](#)

[20 - Tóquio, Japão](#)

[21 - Portlaoise, Irlanda](#)

[22 - Paris, França](#)

[23 - Portlaoise, Irlanda](#)

[24 - Paris, França](#)

[25 - Portlaoise, Irlanda](#)

[26 - Kigali, Ruanda](#)

[27 - Castelo de Cashel, Irlanda](#)

[28 - Tóquio, Japão](#)

[29 - Kigali, Ruanda](#)

[30 - Tóquio, Japão](#)

[31 - Kigali, Ruanda](#)

[32 - Tóquio, Japão](#)

[33 - Kigali, Ruanda](#)

[34 - Tóquio, Japão](#)

[35 - Kigali, Ruanda](#)

[36 - Tóquio, Japão](#)

[Créditos](#)

[O Autor](#)